

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**INSTITUTO DE PSICOLOGIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOSSOCIOLOGIA DE**  
**COMUNIDADES E ECOLOGIA SOCIAL**  
  
**EDUARDO JACINTHO DE OLIVEIRA**

**A VIOLÊNCIA E A VIVÊNCIA DE JOVENS NEGROS NA REGIÃO**  
**METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO**

RIO DE JANEIRO

2023

**EDUARDO JACINTHO DE OLIVEIRA**

**A VIOLÊNCIA E A VIVÊNCIA DE JOVENS NEGROS NA REGIÃO  
METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Orientadora: Profa. Dra. Beatriz Akemi Takeiti

RIO DE JANEIRO

2023

## CIP - Catalogação na Publicação

048v Oliveira, Eduardo Jacintho de  
A VIOLÊNCIA E A VIVÊNCIA DE JOVENS  
NEGROS NA REGIÃO METROPOLITANA DO  
RIO DE JANEIRO / Eduardo  
Jacintho de Oliveira. -- Rio de Janeiro, 2023.  
135 f.

Orientadora: Beatriz Akemi Takeiti.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do  
Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa  
de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades  
e Ecologia Social, 2023.

1. Violência Racial. 2. Jovens negros. 3. Racismo.  
4. Psicossociologia de Comunidades. 5. Análise  
Fenomenológica Interpretativa. I. Takeiti, Beatriz  
Akemi, orient. II. Título.

**EDUARDO JACINTHO DE OLIVEIRA**

**A VIOLÊNCIA E A VIVÊNCIA DE JOVENS NEGROS NA REGIÃO  
METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Aprovada em

---

(Beatriz Akemi Takeiti, Doutora. Universidade Federal do Rio de Janeiro)

---

(Alessandro de Magalhães Gemino, Doutor. Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

---

(Thiago Livramento Melício, Doutor. Universidade Federal do Rio de Janeiro)

## DEDICATÓRIA

*À minha família.*

*Old pirates, yes, they rob I*

*Sold I to the merchant*

*ships*

*Minutes after they took*

*I From the bottomless*

*pit*

*But my hand was made*

*strong By the hand of the*

*Almighty We forward in this*

*generation*

*Triumphantly*

*Won't you help to sing*

*These songs of freedom?*

*'Cause all I ever have*

*Redemption songs*

*Redemption songs*

*Emancipate yourselves from mental*

*slavery None but ourselves can free*

*our minds Have no fear for atomic*

*energy 'Cause none of them can stop*

*the time*

*How long shall they kill our prophets*

*While we stand aside and look?*

*Oh, some say it's just a part of it*

*We've got to fulfill the book*

*Won't you help to sing*

*These songs of freedom?*

*Bob Marley – Redemption Song*

*Onde é o futuro?*

*Aqui!*

*De quem é essa vida?*

*Minha!*

*O que vou fazer com ela ?*

*Vivê-la, por todos os meios necessários!*

*Black Lightning*

## AGRADECIMENTOS

No momento em que começo a escrever essa parte, fico pensando a quem realmente agradecer pelo fim dessa jornada. São tantas pessoas responsáveis pela concretização desse projeto, que realmente é difícil falar de todos, para não ser injusto com ninguém.

Pensando nisso, começarei agradecendo a todos que têm incessantemente lutado contra a opressão racial, sem os quais minha vida, muito menos essa graduação, seria possível.

Aos que resistiram ao trabalho escravo, que lutaram pela nossa liberdade, que mantiveram a esperança mesmo em meio a situação mais adversa.

À minha namorada, Letícia. Obrigado pelo apoio e compreensão.

Aos meus amigos, um suporte sempre necessário.

À minha orientadora por ajudar diversas vezes a clarear minhas ideias.

À todos os autores que escolheram tematizar o racismo em seus escritos, transformando suas obras em verdadeiras plataformas políticas.

Aos entrevistados, que conseguem viver com o que há de mais cruel nesse mundo. Obrigado pelas reflexões. Vocês foram muito mais que um mero objeto, mas parte ativa da construção desse trabalho. Por fim, gostaria de dizer que esse trabalho é de todos vocês também.



## RESUMO

OLIVEIRA, E.J. **A violência armada e a vivência de jovens negros na região metropolitana do Rio de Janeiro**. 2023. 132f. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidade e Ecologia Social) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Esta pesquisa visa investigar como a violência afeta as vivências de jovens negros moradores da região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, e tem como objetivo compreender a relação entre violência e a existência de pessoas racializadas que compõem a faixa etária mais afetada por mortes violentas no Brasil. Quanto a parte dedicada ao referencial teórico buscamos trazer alguns autores que trabalham com a relação entre raça, violência e existência de pessoas racializadas, como Fanon, que faz uma interpretação singular da realidade de povos colonizados, desenvolvendo reflexões sobre como esse sistema de dominação atinge a vida de um povo, além de alguns autores que dialogam com seus escritos como Mbembe e Maldonado-Torres. Já como método, para atingir nosso objetivo, fizemos uso de entrevistas semiestruturadas, realizadas a partir de um roteiro de pesquisa para orientar o rumo das entrevistas. Para interpretar o que foi trazido pelos 4 jovens negros entrevistados, fizemos uso da Análise Fenomenológica Interpretativa (AFI), que tem como base a fenomenologia, a hermenêutica e a ideografia. Através do método podemos investigar como a violência, dos tipos mais variados, afeta a vida dos 4 jovens negros individualmente, num primeiro momento. Seguindo os pressupostos metodológicos interpretamos cada entrevista individualmente, e após isso passamos para interpretação coletiva dos dados, considerando não só os dados das entrevistas, mas todo conteúdo bibliográfico vimos que a violência viola os direitos dos jovens negros enquanto cidadãos e a nível existencial afeta a maneira que podem exercer sua liberdade na relação com o mundo.

**Palavras-chaves:** Violência Racial; Jovens negros; Racismo; Psicossociologia de Comunidades; Análise Fenomenológica Interpretativa.

## ABSTRACT

OLIVEIRA, E.J. **A violência armada e a vivência de jovens negros na região metropolitana do Rio de Janeiro**. 2023. 132f. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidade e Ecologia Social) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

This research aims to investigate how violence affects the experiences of young black people living in the metropolitan region of the state of Rio de Janeiro, and aims to understand the relationship between violence and the existence of racialized people who make up the age group most affected by violent deaths in Brazil. As for the part dedicated to the theoretical framework, we sought to bring some authors who work with the relationship between race, violence and the existence of racialized people, such as Fanon, who makes a unique interpretation of the reality of colonized peoples, developing reflections on how this system of domination affects the lives of a people, as well as some authors who dialogue with his writings such as Mbembe and Maldonado-Torres. In order to achieve our objective, we used semi-structured interviews, based on a research script to guide the course of the interviews. To interpret what was said by the four young black men interviewed, we used Interpretative Phenomenological Analysis (IPA), which is based on phenomenology, hermeneutics and idiography. Using this method, we were able to investigate how violence, of all kinds, affects the lives of the four young black men individually, at first. Following the methodological assumptions, we interpreted each interview individually, and then moved on to interpreting the data collectively. Taking into account not only the interview data, but also all the bibliographic content, we saw that violence violates the rights of young black people as citizens and, at an existential level, affects the way they can exercise their freedom in their relationship with the world.

**Keywords:** Racial Violence; Young Black People; Racism; Community Psychosociology.

## **LISTA DE FIGURAS**

Imagem 1 – Nuvem de Palavras.....	65
-----------------------------------	----

## **TABELAS**

Tabela 1 – Brasil: Número de Mortes Violentas por Causa Indeterminada (MVCI) por UF (2009-2019).....	12
Tabela 2 – Caracterização dos participantes da pesquisa.....	40
Tabela 3 – Temas enunciados pelos entrevistados.....	66

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução.....</b>	<b>14</b>
<b>2. Objetivos.....</b>	<b>16</b>
<b>3. A Violência e o Negro no Brasil.....</b>	<b>17</b>
3.1. A Violência Armada no Rio de Janeiro.....	17
3.1.1 A Violência Armada na Pandemia.....	21
3.2. Jovens Negros e a Violência Armada.....	22
<b>4. Referencial Teórico.....</b>	<b>24</b>
4.1. Racismo e Violência.....	24
4.2. Franz Fanon: raça, violência e existência.....	26
4.3. A Colonialidade do Ser e as Vivências da Violência.....	31
<b>5. Pressupostos Metodológicos.....</b>	<b>35</b>
5.1. Análise Fenomenológica Interpretativa.....	35
5.2. Da Produção de Dados na Pesquisa.....	37
5.2.1. Dos Participantes da Pesquisa.....	37
5.2.2. Seleção de Participantes.....	38
5.3. Análise de Dados.....	39
<b>6. As Entrevistas.....</b>	<b>40</b>
6.1. Entrevista de M.....	41
6.1.1. Olhares que enunciam.....	42
6.1.2. A Violência de Gênero.....	43
6.1.3. Circulação pela Cidade.....	44
6.1.4. Desesperança.....	46
6.2. Entrevista de R.....	48
6.2.1. Olhares.....	48
6.2.2. Circulação pela Cidade.....	49
6.2.3. Desesperança.....	51
6.3. Entrevista de J.....	52
6.3.1. Violência Urbana.....	53
6.3.2. Violência de Gênero.....	54
6.3.3. Olhares.....	55
6.4. Entrevista de C.....	56
6.4.1. Violência Urbana.....	57
6.4.2. Violência de Estado.....	58

6.4.3. Violência e Saúde Mental.....	61
6.4.4. Desesperança.....	62
6.4.5. Perda Familiar.....	64
6.5. Síntese da Entrevistas.....	66
<b>7. Violação de Direitos e Liberdade.....</b>	<b>69</b>
7.1. Violação de Direitos.....	69
7.2. A Liberdade e os Jovens Negros.....	71
<b>8. Considerações Finais.....</b>	<b>78</b>
<b>9. Referências Bibliográficas .....</b>	<b>80</b>
<b>Anexos .....</b>	<b>84</b>
Anexo A – Roteiro de Entrevista.....	84
Anexo B – RCLE.....	85
Anexo C – Entrevista de M.....	87
Anexo D – Entrevista de R.....	97
Anexo E – Entrevista de J.....	107
Anexo F – Entrevista de C.....	117

## 1. Introdução

O início do percurso de pesquisa vem de 2015, não a partir de estatísticas sobre a violência. Nesse ano, o bairro em que cresci e morei a maior parte da minha vida, na cidade de São João de Meriti começa a passar por uma onda de violência, não que antes fosse o lugar mais tranquilo do mundo, mas não havia rotina de confrontos armados. O que havia eram corpos aparecendo, uma vez ou outra por ano, e pequenos furtos e assaltos. Tiroteios definitivamente não faziam parte da rotina do lugar.

Tudo mudou com as UPPs. Há uma migração de traficantes vindos principalmente da zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Coisas simples como ir ao mercado, para a faculdade, por exemplo, eram cercados de cuidados. A rua que era cheia durante a noite passa a ser só o lugar por onde as pessoas passam para chegar, hoje embora os tiroteios não aconteçam com a frequência e intensidade como ocorreram até 2017, a rua nunca mais recuperou seu fluxo natural de pessoas circulando. A volta para casa é marcada pelo medo.

Paralelamente, há o meu encontro com leituras que dizem da violência sofrida historicamente pela população negra e racializada. Isso começa a dar sentido a experiência vivida, somada a isso há eventos marcantes na história, de um ponto de vista negativo como a eleição do ex-governador afastado Wilson Witzel, que enquanto ainda era candidato, em 2018, afirmava que era necessário acertar na cabeça daqueles que estivessem armados de fuzil. O plano político para a segurança pública no estado do Rio de Janeiro se baseava em mais violência através das armas, parecia não haver outra forma de combater a criminalidade, na política de segurança estabelecida pelo governador, que não a ameaça constante de morte, a consequência mais radical da violência, já que após o início do mandato do governador a letalidade policial aumentou, atingindo índices recordes, segundo dados do Instituto de Segurança Pública do estado do Rio de Janeiro (2020).

Dentro desse cenário, a violência até foi reduzida, mas dados como o número de homicídios continuam altos, e mortes causadas por intervenção de agentes do Estado ficam acima de qualquer nível considerado aceitável. Outras forças operantes, como o tráfico e a milícia, também entram nessa conta (SANTOS et. al., 2020). A maioria esmagadora da população vítima de mortes violentas é negra, como aponta o Atlas da Violência (CERQUEIRA et. al, 2021). Apresenta-se uma desproporcionalidade entre o número de pessoas negras assassinadas e a percentagem que representam a população

geral.

Assim, a experiência pessoal com a violência, somada a literatura que deu sentido a essa experiência e as políticas pautadas na violência foram o nosso ponto de partida para desenvolver a seguinte questão que norteará nosso trabalho. Nos indagamos: Como a vida e o cotidiano de jovens negros e negras é afetado em ambientes marcados pela violência, e quais estratégias de resistência estes jovens tem se apropriado para continuarem vivos?

Pretendemos tentar responder a essa questão, levando em consideração tal cenário, através de um estudo de natureza qualitativa, que visa compreender como a violência afeta a vivência de jovens negros e negras. Para tal, empreenderemos pesquisa bibliográfica e entrevistas com jovens negros inseridos na região metropolitana do Rio de Janeiro. Através de tal desenho, pretendemos abordar as formas pela qual a existência dessa parcela da população se dá na relação com a violência, buscando dentro de sua descrição, suas formas de vivência na realidade da região metropolitana do Rio de Janeiro. A abordagem qualitativa se mostra a mais adequada, uma vez que buscamos as formas de significar, de dar sentido às expressões surgidas a partir das experiências com a violência armada.

Dividimos esse trabalho em 6 sessões: na primeira, traremos dados estatísticos e pistas documentais da vivência da violência armada por jovens negros na cidade do Rio de Janeiro. Após isso, temos um capítulo que dialoga com referenciais teóricos que nos ajudam a interpretar a realidade vivenciada por jovens negros na região metropolitana fluminense. Na terceira parte, apresentaremos nosso método, a Análise Fenomenológica Interpretativa (AFI), e seus dispositivos para coleta e para análise de dados obtidos no campo de pesquisa sobre o tema abordado. Em seguida, apresentamos as entrevistas de 4 jovens negros, que trazem suas experiências quanto a violência, em suas mais diversas manifestações, e como suas vidas foram afetadas, além de uma breve síntese dos temas individuais por entrevistado. No quinto tópico, traremos considerações dos temas coletivos, que indicam como a violência afeta jovens negros. E por fim, as considerações finais.



## **2. Objetivos:**

### **Objetivo Geral:**

Compreender como a violência afeta o vivência de jovens negros e negras na região metropolitana do Rio de Janeiro.

### **Objetivos específicos**

- Explorar a relação entre raça, violência e a existência de jovens negros.
- Analisar a forma como a violência afeta o viver de jovens negros e negras e as estratégias de resistência empreendidas por jovens negros na região metropolitana do Rio de Janeiro

### **3. A Violência e o Negro no Brasil:**

A relação que o Brasil manteve com a sua população negra é de toda forma mediada pela violência, dos mais variados tipos. Se retornamos à origem, nunca foi opção de pessoas negras que habitam esse território, nem de seus antepassados estarem nessas terras. Ao contrário, foram vítimas da maior, e mais duradoura tragédia da humanidade, o tráfico de pessoas negras sequestradas em territórios africanos para as Américas. O processo de venda e posterior escravização, marcada por abusos físicos de toda sorte, também são parte da maneira como a população negra do Brasil foi tratada em seus primeiros séculos, enquanto escravizados, período que durou de 1535, no desembarque do primeiro navio negreiro na Bahia, até a abolição oficial com a assinatura da Lei Áurea, em 1888. O período pós abolição da escravidão não viria a ser fácil também. Uma abolição feita quando a maioria dos negros no Rio de Janeiro, por exemplo, cerca de 80% já eram alforriados (MUNANGA, 1999).

Nesse período houve uma série de políticas de governo racistas, oficiais ou não oficiais, seja pela presença ou ausência do Estado, que de alguma forma continuam a violentar a população negra. A formação das primeiras favelas no Rio de Janeiro é desse período. Sem educação formal, sem trabalho e sendo substituídos por mão-de-obra branca importada da Europa, muitos negros se viram empurrados para os espaços periféricos da cidade, que mais tarde se tornariam altamente precários e violentos. A ausência do Estado cria a precariedade, a vida à margem, e a presença hoje, através da polícia é fomentadora de violências, como assassinatos com arma de fogo.

#### **3.1 A Violência Armada no Rio de Janeiro**

A Política de segurança pública baseada na guerra teve início no Rio de Janeiro mais marcadamente a partir do governo de Marcello Alencar, que governou o estado entre 1995 e 1998. Como forma de contrapor o seu antecessor Leonel Brizola, que chegou a proibir operações em comunidades (visto como frágil nessa questão ao levar em conta os direitos humanos em sua política de segurança), estabeleceu um abono que oficialmente servia para servidores que participassem de operações policiais como forma de tentar frear a corrupção policial. A lógica era a seguinte: se os policiais enfrentam resistência para fazer cumprir a

lei deveriam matar, porque todo aquele que se opusesse à lei não merece viver em sociedade. A recompensa se devia à crença de que sendo recompensado para trocar tiros, o policial não cederia à corrupção. Estratégia que não funcionou, mas teve como consequência o aumento das mortes de policiais e do índice de mortes gerais da época (SOARES L.; SENTO-SÉ, 2000).

Essa estratégia de segurança, com moldes diferentes, sem a gratificação oficial por mortes, continuou. Nos governos “Garotinho” (de Anthony Matheus e Rosinha Matheus), por exemplo, houve o advento do caveirão, um tanque de guerra urbano, chamado assim pois carrega em si o desenho de uma caveira que simboliza uma tropa de elite da polícia do Rio de Janeiro, que atua de maneira extremamente militarizada. No governo de Leonel Brizola já havia se ensaiado (de maneira improvisada), o uso de blindados pelo Batalhão de Operações Especiais da PM, o "Paladino", mas começou a fazer parte da política de segurança somente em 2002 (SOARES T., 2008).

Nos governos de Sérgio Cabral e Luiz Fernando Pezão, a política de segurança teve como foco a instalação de UPPs (Unidade de Polícia Pacificadora), só trazia menção a paz no nome. Apesar de ter trazido uma grande redução ao índice de violência entre 2007 até 2015 (IPS, 2016) tinha vários problemas. Foram inicialmente instaladas somente na capital do estado, o que ajudou a distribuir o tráfico pelo resto do território, uma vez que o crime organizado migrou da capital para outras regiões e a fortalecer as milícias. Além das denúncias de abusos policiais, como no caso da tortura e assassinato do pedreiro Amarildo em 2013 por agentes da UPP da Rocinha (MAIA; TEIXEIRA; KALAOUM, 2020). Já nos governos de Wilson Witzel e Claudio Castro, desde antes de serem eleitos, ambos mostram a disposição para uma política de guerra como estratégia de segurança pública. Em 2019, o primeiro ano de mandato de Wilson Witzel, que viria a ser caçado por corrupção e substituído por Castro em 2020, recorde em número de mortes por intervenção de agentes do Estado: 1814 mortes. Vemos um crescente no número de chacinas realizadas em intervenção policial (CERQUEIRA et al, 2021; IPS, 2020)

Nesse cenário, há no Rio de Janeiro uma divisão de forças entre milícia, tráfico e Estado representado pela polícia. Mas a relação entre essas forças não é só de antagonismo. Milícia, tráfico e polícia não necessariamente se enfrentam. Isso fica evidente ao levarmos em conta casos de corrupção dentro da polícia, como traficantes transportados dentro do tanque de guerra urbano (Caveirão) da força de segurança. Na formação da milícia por

agentes e ex- agentes das forças de segurança. E ainda há relação entre milícia e tráfico em alguns territórios, as Narcomilícias (WERNECK; SOUZA, 2019).

Essas próprias macro forças não podem ser tratadas como uma única coisa, já que há vários grupos de milicianos no Rio de Janeiro, sem relação um com outro, por exemplo. O mesmo acontecendo com o tráfico, em que temos 3 grandes facções. Cenário diferente do estado de São Paulo onde há uma grande organização criminosa e a polícia como forças dominantes, o que torna, segundo Santos, Jorge e Sousa (2017), mais seguro uma vez que não há disputa por território. E em locais dominados pelo tráfico algumas práticas de crimes são proibidas para não chamar a atenção da polícia para o território e não diminuir a venda de substâncias ilegais. Esse fragmentado jogo de forças torna o Rio de Janeiro, região metropolitana principalmente, um ambiente instável cheio de disputas por poder. O que gera o cenário de violência que vivenciamos (BARCELLOS; ZALUAR, 2017)

No período de vigência da decisão do STF que criava parâmetros que limitavam as operações policiais durante a pandemia, ou seja, de junho de 2020 a maio de 2021, temos 92 casos de chacinas registrados no estado sendo 64 por ação policial, isso significa que mais de dois terços das chacinas ocorridas no período tem participação das forças de segurança, 80% das vítimas de ações policiais no Rio de Janeiro são negras (RAMOS, S, et. al, 2021a).

Voltando agora unicamente a dados estáticos, no Brasil em 2019 ocorreram 45.503 homicídios, número que representa uma redução uma vez que essa taxa já foi de mais de 60 mil em anos anteriores. Contudo, segundo o Atlas da Violência, esses dados devem ser vistos com alguma desconfiança uma vez que as bases foram precarizadas. Um exemplo disso é que o relatório traz uma discrepância em relação ao número de homicídios trazidos pelos dados oficiais do governo e os dados retirados das Polícias Civis do país, que em números representam aproximadamente 2 mil e duzentas mortes a mais nos dados de homicídio retirados dos institutos de segurança (CERQUEIRA et. al, 2021).

Outro ponto a se destacar é que várias mortes por causa violenta que não foram classificadas como tais, uma vez que o Estado não foi capaz de determinar sua causa. A redução de homicídios acontece no mesmo momento em que mortes violentas sem causa definida sobem. O Rio de Janeiro está entre os estados que mais registram esse tipo de ocorrência, 34,2% das mortes por causa externa registradas no estado em 2019 estão classificadas como indeterminadas. Temos assim um alto número de mortes que deixaram

de ser classificadas como homicídios. O aumento significa uma elevação de 232% no Rio de Janeiro, enquanto a média de aumento no país ficou em 35,2% (CERQUEIRA et. Al, 2021). A taxa de morte violenta por causa indeterminada foi 7,9 a cada 100 mil habitantes no Brasil, enquanto no Rio de Janeiro foi de 28,3. Como podemos ver na tabela a seguir, retirada do Atlas violência (CERQUEIRA et al, 2021):

**Brasil: Número de Mortes Violentas por Causa Indeterminada por UF (2009 a 2019)**

	Número de Mortes por Causa Indeterminada											Variação %		
	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2009 a 2019	2014 a 2019	2018 a 2019
<b>Brasil</b>	<b>13.253</b>	<b>9.703</b>	<b>10.353</b>	<b>10.051</b>	<b>9.788</b>	<b>9.468</b>	<b>9.810</b>	<b>10.274</b>	<b>9.799</b>	<b>12.310</b>	<b>16.648</b>	<b>25,6%</b>	<b>75,8%</b>	<b>35,2%</b>
Acre	13	12	11	5	11	10	7	10	12	5	14	7,7%	40,0%	180,0%
Alagoas	29	21	9	12	20	10	14	11	19	24	28	-3,4%	180,0%	16,7%
Amapá	3	7	10	25	35	33	34	6	5	10	18	500,0%	-45,5%	80,0%
Amazonas	29	46	69	42	22	42	59	32	21	19	37	27,6%	-11,9%	94,7%
Bahia	2.139	1.281	1.479	1.766	1.482	1.662	1.756	1.487	1.263	1.570	1.627	-23,9%	-2,1%	3,6%
Ceará	408	416	552	506	336	272	556	603	493	538	992	143,1%	264,7%	84,4%
Distrito Federal	10	10	17	18	26	33	41	28	14	46	39	290,0%	18,2%	-15,2%
Espírito Santo	128	104	135	163	165	189	223	240	143	261	266	107,8%	40,7%	1,9%
Goiás	181	160	113	155	112	99	114	130	124	166	200	10,5%	102,0%	20,5%
Maranhão	121	104	136	149	126	133	141	141	84	73	80	-33,9%	-39,8%	9,6%
Mato Grosso	107	110	116	119	137	131	117	114	86	101	99	-7,5%	-24,4%	-2,0%
Mato Grosso do Sul	48	67	61	45	77	70	62	125	59	85	97	102,1%	38,6%	14,1%
Minas Gerais	1.479	1.262	1.449	1.133	1.341	1.457	1.378	1.549	1.581	1.252	1.529	3,4%	4,9%	22,1%
Pará	168	144	116	127	169	157	157	192	131	233	276	64,3%	75,8%	18,5%
Paraíba	48	77	52	50	90	68	49	38	37	60	51	6,3%	-25,0%	-15,0%
Paraná	291	297	353	379	378	392	362	309	354	381	464	59,5%	18,4%	21,8%
Pernambuco	628	644	601	556	732	557	842	859	637	812	958	52,5%	72,0%	18,0%
Piauí	91	53	65	95	92	105	111	69	89	155	98	7,7%	-6,7%	-36,8%
Rio de Janeiro	3.615	1.409	1.684	1.576	1.680	910	941	1.317	1.369	1.440	4.775	32,1%	424,7%	231,6%
Rio Grande do Norte	439	116	203	253	181	186	164	195	245	222	180	-59,0%	-3,2%	-18,9%
Rio Grande do Sul	508	518	399	433	281	328	261	259	129	223	203	-60,0%	-38,1%	-9,0%
Rondônia	47	41	29	34	26	15	27	18	24	23	64	36,2%	326,7%	178,3%
Roraima	23	25	15	31	33	57	21	30	30	65	63	173,9%	10,5%	-3,1%
Santa Catarina	115	96	89	56	64	80	48	81	122	132	164	42,6%	105,0%	24,2%
São Paulo	2.451	2.556	2.521	2.241	2.088	2.343	2.212	2.291	2.617	4.265	4.133	68,6%	76,4%	-3,1%
Sergipe	93	89	56	59	62	66	92	104	78	114	127	36,6%	92,4%	11,4%
Tocantins	41	38	13	23	22	63	21	36	33	35	66	61,0%	4,8%	88,6%

Fonte: Atlas da Violência, 2021.

Em 2020, há uma demonstração de tendências parecidas com as citadas em 2019 no Atlas da Violência. O número total de mortes parece diminuir. Mas com alguns indicativos preocupantes, como o número de pessoas mortas pela polícia no estado. Agora com dados do Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro (2021) temos como dado o número absoluto de 4.907 mortes violentas, dessas 1.245 foram de responsabilidade de agentes do Estado. O número representa uma redução em relação a 2018, com 1.534, e 2019, com 1814 mortes. E ainda significa que o Estado é responsável por cerca um quarto das mortes violentas no Rio de Janeiro.

Ainda que os números oficiais estejam corretos, já representam alarme o suficiente mesmo com a redução de homicídios. Uma vez que representa uma taxa de 21,7 mortes com emprego de violência a cada 100 mil habitantes. Situação preocupante, se levarmos em consideração, que segundo a ONU, em compilação de dados feita até 2017, a taxa de homicídio global é de 6,1 para cada 100 mil habitantes, muito abaixo da média alcançada aqui em 2019. A média brasileira está acima inclusive da de seu continente, a América, que tem uma taxa de homicídio de 17,2 mortes para cada 100 mil habitantes. O continente Americano é o com maior taxa de homicídio a cada 100 mil habitantes no mundo. Como comparação, os números de homicídio a cada 100 mil habitantes na África são 13, na Europa 3, na Ásia 2,3 e na Oceania 2,8. Tais dados colocaram o Brasil como segundo país com maior taxa de homicídio da América do Sul, atrás somente da instável Venezuela (UNODC, 2019).

### **3.1.1. A Violência Armada na Pandemia**

Em 2019, a Rede de Observatório da Segurança monitorou a atividade policial no Rio de Janeiro, chegando ao seguinte resultado: de um total de 2772 ações policiais registradas, já no início de 2020 em seus dois primeiros meses, janeiro e fevereiro, registrou 148 e 161 ações policiais, respectivamente. Já em março, com o início das restrições ocasionadas pela pandemia causada pelo COVID-19, o número de operações policiais diminuiu em 23%. A queda nesse tipo de ação fez diminuir o número de vítimas. Em março de 2020 aconteceram 15 mortes, contra 36 vítimas fatais no mesmo mês do ano anterior (RAMOS; NUNES, 2020).

Mas em abril de 2020 esse quadro mudou, houve uma crescente no número de

operações. Isto indica que só inicialmente a pandemia inibiu esse tipo de operação policial com confrontos armados. Em abril de 2020 houve um aumento de 57,9% em relação ao mesmo mês do ano anterior, já em maio esse aumento foi de 16,7% somente até o dia 19 de maio de 2020 contra maio do ano anterior. A partir das restrições a operações policiais, determinada pelo STF (Superior Tribunal Federal) em junho de 2020, os números de mortes envolvendo as polícias reduziu em mais de 70%. Já em outubro houve uma crescente nos números de violência - ocorreram sete ações policiais com três ou mais mortos nos quatro meses anteriores somados foram 10 ações policiais somente (RAMOS; NUNES, 2020).

Algo interessante é que, segundo a Rede Observatórios, nesses meses em que se registrou um menor número de ações da polícia e conseqüentemente menos mortes, não houve aumento de índices de violência e criminalidade como homicídios e roubos de cargas respectivamente. Os números se mantiveram estáveis ou diminuíram. O que de alguma forma torna questionável a estratégia de segurança baseada na guerra adotada no Rio de Janeiro desde a década de 90, e que a cada governo ganha um elemento novo.

### **3.2. Jovens Negros e a Violência Armada**

Jovens negros sempre ocupam lugar de destaque nesses dados de mortes violentas. Segundo Comissão Parlamentar de Inquérito (2016) do Senado Federal a cada 23 minutos um jovem negro morre assassinado no Brasil. Mas para além de dados de mortalidade, como na sessão anterior, nessa parte do capítulo queremos falar sobre o jovem negro e sua vivência. Sendo assim nessa parte traremos materiais jornalísticos e produções científicas.

A começar pela produção científica se destacam trabalhos, com outro foco, que tratam da violência armada como problema que afeta o jovem negro, focando mais na segurança pública como problema ou em dados estatísticos. É o caso dos trabalhos de Silvia Ramos (2005), Silvia Ramos e Lemgruber (2004), Lemgruber (2004), Musumeci et. al. (2021), Pessoa (2020), Lemos et. al. (2017), Sinhoretto e Morais (2018) entre outros.

Existem também os trabalhos que focam na subjetividade e vivência mas não necessariamente da juventude negra, temos como exemplo disso Modesto (2018) que foca na dor de mães negras; Benício et. al. (2018) é uma exceção a essa regra já que trabalha a partir da perspectiva de adolescentes negros questões de segurança pública, como a

violência armada. Cavalcante e Nunes (2022) analisam os efeitos da violência na vida de adolescentes em áreas menos favorecidas de Fortaleza.

Nessa relação de vidas negras com a violência no Rio de Janeiro, para além da tragédia há movimentos de resistência, como no relatório da Rede de Observatórios da Violência de título “A vida resiste” (RAMOS S., et. al, 2021b). No documento, é trazida a história de um projeto criado por jovens negros para produzir dados a partir de narrativas de moradores da favela do Jacarezinho na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, O LabJaca. O projeto também atuou na pandemia ajudando a diminuir a insegurança alimentar. A intenção é criar narrativas sobre a realidade vívida desafiando a lógica genocida/espistemicida que impera no mundo marcado pelo racismo.

Ao falar da chacina do Jacaré um dos integrantes do LabJaca, Bruno Sousa, em artigo originalmente escrito para a Folha de São Paulo (2021) diz o seguinte sobre o ocorrido:

Supostamente, não temos pena de morte no Brasil, mas, ontem à tarde, andei pelos becos e vielas do Jacarezinho e tudo que pude ver foi sangue, tristeza e indignação. Supostamente, não temos pena de morte, mas, até agora, já temos oficialmente 25 mortos em uma única favela do Rio de Janeiro em um dia. As sequelas que ficam são imensas. Vários comprometimentos destruídos, canos estourados, fios cortados, prejuízos financeiros para moradores e comerciantes e, o pior disso tudo, o adoecimento psicológico. As sequelas que as pessoas expostas a essa violência podem desencadear são incalculáveis (FOLHA, 2021).



## 4. Referencial Teórico

Alberto Guerreiro Ramos (1957) dizia haver muitos trabalhos sobre a situação do negro no Brasil, mas eles costumavam tratar o negro somente como tema, não como vida. Nosso desejo aqui também é trazer o jovem negro para além de uma pré-concepção, mas como alguém vivo e em movimento que produz e habita territórios físicos e existenciais. Por esse motivo, para fundamentar a pesquisa, buscamos autores que façam a associação entre violência, raça e existência. Alguns pontos, na literatura, ganham destaque como o conceito de necropolítica, desenvolvido por Achille Mbembe (2016); a análise da forma de tratamento dispensado a populações racializadas nas Américas, e como isso as afeta, a nível existencial, feita por Nelson Maldonado-Torres (2007); e principalmente o trabalho desenvolvido por Frantz Fanon (1968; 2008) sobre o racismo e o colonialismo, que vê na base desses sistemas de dominação, uma violência que toma todos os aspectos da vida de um povo.

### 4.1. Racismo e violência

Como imagem duplicada do sistema colonial (MBEMBE, 2014), o racismo se baseia na separação e inferiorização do humano, sua transformação em negro, asiático, indígena. O outro é visto como um “si mesmo”, ou seja, como fruto de uma pré-concepção do colonizador, o outro é objetificado, transformado numa raça (DUSSEL, 1993). A violência entra nessa questão por ser a forma com que se domina o outro, a manutenção do sistema de opressão racial sempre se baseou na violência, seja para se estabelecer ou, ainda, para se manter, dessa forma, o racismo e a violência de modo inseparável. A opressão nunca se estabelece por um desejo do oprimido ou pela vontade do opressor de levar o povo dito “atrasado” a um novo patamar civilizacional (FANON, 2008). É a própria manifestação do *ego conquiro* (“eu conquisto” em português), característica maior da modernidade branco-europeia (DUSSEL, 1993; MALDONADO-TORRES, 2007).

A respeito da violência exercida pelo poder das armas, ela sempre foi prioritariamente destinada a grupos raciais específicos desde a conquista do continente americano, ela se inicia com a colonização e suas tecnologias de domínio, a saber: a escravização e o genocídio. O “Novo Mundo” (Américas) é marcado historicamente por

essa violência. O genocídio e a escravização indígena e africana foram o ápice dessa dominação durante o período colonial, em que se glorificava o corpo branco e matava o corpo racializado (MALDONADO-TORRES, 2007).

O corpo negro e indígena é levado ao absoluto da violência, enquanto ao corpo branco se leva o controle de modo mais sutil, a esse respeito analisando a colonização já no século XX, de como o poder era exercido através das armas, Fanon (1968, p. 28) nos diz:

O mundo colonizado é um mundo cindido em dois. A linha divisória, a fronteira, é indicada pelos quartéis e delegacias de polícia. Nas colônias o interlocutor legal e institucional do colonizado, o porta-voz do colono e do regime de opressão é o gendarme ou o soldado. Nas sociedades de tipo capitalista, o ensino religioso ou leigo, a formação de reflexos morais transmissíveis de pai a filho, a honestidade exemplar de operários condecorados ao cabo de cinquenta anos de bons e leais serviços, o amor estimulado da harmonia e da prudência, formas estéticas do respeito pela ordem estabelecida, criam em torno do explorado uma atmosfera de submissão e inibição que torna consideravelmente mais leve a tarefa das forças da ordem. Nos países capitalistas, entre explorado e o poder interpõe-se uma multidão de professores de moral, de conselheiros, de "desorientadores". Nas regiões coloniais, ao contrário, o gendarme e o soldado, por sua presença imediata, por suas intervenções diretas e frequentes, mantêm contacto com o colonizado e o aconselham, a coronhadas ou com explosões de *napalm*, a não se mexer. Vê-se que o intermediário do poder utiliza uma linguagem de pura violência. O intermediário não torna mais leve a opressão, não dissimula a dominação. Exibe-as, manifestadas com a boa consciência das forças da ordem. O intermediário leva a violência à casa e ao cérebro do colonizado.

E ainda que esse trecho da obra de Fanon esteja bem localizado no período de guerras de independência de nações africanas, principalmente a luta na Argélia, ou seja, aparentemente distante do contexto brasileiro atual, tanto em tempo, quanto a localização geográfica. E, para além disso, mata pessoas de maneira desproporcional ao assassinato de pessoas brancas, tudo isso num ambiente de guerra urbana, onde o fuzil também se faz presente com mais força, como aponta o Atlas da Violência (2020).

Ao levar em consideração o “matar” como forma de exercer soberania, em contextos diferentes do brasileiro, dialogando com Fanon, Foucault e Agamben – analisando a situação atual da Palestina, da África, o colonialismo, a escravidão, o apartheid e o nazismo – Achille Mbembe (2016) fala de uma política de morte, necropolítica, em determinados lugares do planeta, algo que ultrapassa a biopolítica de Foucault. Enquanto o conceito do autor francês diz respeito a um sistema que visa exercer poder sobre a vida, sendo uma forma de regulamentar a vida, através de uma série de dispositivos de controle, ele afirma

que é preciso “fazer viver e deixar morrer” (FOUCAULT, 2005, p. 294).

Por outro lado, a necropolítica teria como objetivo exercer poder através de “matar ou deixar viver” (MBEMBE, 2016, p.124), a morte se torna a regra no ambiente administrado. A primazia passa a ser da morte e não da vida. Sendo assim, diferente da ideia de Foucault (2005) em que mesmo quando se mata, com base na raça, se tem por objetivo prolongar a vida de alguns com a morte de outros.

Em lugares em que a morte é a regra de governança, o domínio é o do terror absoluto, não se morre por obedecer ou não, a morte é a própria marca da presença do Estado, a soberania é exercida através do poder de dizer quem deve se fazer morrer e quem se deve deixar viver. Como exemplo mais próximo a nós, no tempo, para essa situação, Mbembe (2016) cita a situação dos palestinos, subjugados pelo estado de Israel.

Já Maldonado-Torres (2007), analisando a partir da perspectiva fenomenológica-existencial, o viver das populações racializadas no continente americano, diz que o que há nesse território é uma ética da guerra. E esta teria se instalado a partir do genocídio dos habitantes originais das Américas, aqueles que chamamos indígenas; a escravização e o posterior genocídio negro. A ética da guerra nada mais é que aplicar ao negro, ao indígena o tratamento que se dá ao inimigo de guerra. O autor fala que a ética da guerra é inexistência de ética, qualquer tratamento pode ser dispensado a esses seres como se houvesse uma guerra, em que tudo que importa é aniquilar o inimigo.

#### **4.2. Franz Fanon: violência, raça e existência**

Fanon nos oferece um novo jeito de olhar a existência de pessoas racializadas, embora em nenhum dos seus escritos explicita passos, forneça detalhes sobre a metodologia de seu pensamento, deixa algumas pistas. Em “Pele negra máscaras brancas” o autor fala sobre a sociogenia, que seria um método voltado para a realidade social, complementar a ontogênese de Freud. O que seria a sociogenia, Fanon (2008) não nos dá muitos detalhes, mas a partir de comentadores temos uma visão mais ampla do que seria esse método (FAUSTINO, 2015; 2018). Seria uma forma de chegar ao sentido do que acontece a partir do que acontece, mas dando um privilégio à realidade na qual se está inserido. O contexto histórico e político são essenciais nesse método. Em sua práxis, Fanon preconizou pela participação dos mais variados elementos para guiar sua onto-sociogenese. Uma forma de

pensamento que analisa e interpreta o vivido em face das estruturas sociais, contexto cultural em que o que acontece, ocorre. Há a possibilidade de o associar uma infinidade de correntes de pensamento, sendo seu pensamento, segundo Hall (1996) um diálogo não finalizado entre Hegel, Freud e Sartre, temos assim um Fanon marcado pela incompletude que possibilita múltiplas interpretações.

Fanon também pode ser lido a partir de uma interpretação ligada à fenomenologia, mas não no sentido tradicional, como Husserl desenvolveu para a filosofia, uma vez que seu foco maior é nas experiências vividas pelas pessoas de cor e não a questões como epistemologia e ontologia (HENRY, 2006), e inclusive considera essa última irrealizável em contexto marcado pelo racismo (FANON, 2008). Para além disso, o método fenomenológico para a psicologia por si só exige adaptações, como afirma Sartre (2006) em “Esboço para uma teoria das emoções”. Essa adaptação surge sobretudo de um foco maior na experiência, uma vez que a psicologia é uma ciência, e como tal têm necessidades diferentes da filosofia. A redução fenomenológica e todos os outros passos as vezes ficam de lado, para a execução de um retorno a vida tal qual ela acontece, para o árabe, para o negro e em parte para o branco.

O método fanoniano, da fenomenologia europeia, guarda a necessidade da descrição do que acontece tal qual aparece para determinada consciência, no caso da pesquisa a consciência do pesquisador, durante o contato com o dado empírico há a necessidade da suspensão das conclusões mais imediatas (que não serão descartadas, mas não serão vistas como o fim da análise) para que o que acontece seja analisado, de diferentes ângulos. Uma negação do modo de pensar natural que busca conclusões e causas o mais rápido possível. Como princípio, parte da suspensão do pensamento racista que permeia a sociedade, da amputação de sentido atribuído às existências racializadas, no ideário racista tanto do senso comum quanto da ciência, que se abre para o contato com o campo ao suspender ideias pré-concebidas no mundo e se concentrando na experiência vivida da pessoa (ou coisa) colonizada (HENRY, 2006).

Observando os passos dados por Fanon (2008) em “Sobre o complexo de inferioridade do malgaxe” ou ainda em sua experiência enquanto médico psiquiatra na Argélia, descrito no livro “Alienação e liberdade”(2020), nos dois exemplos, ele retoma a experiência vivida desses povos e contraria as explicações vigentes, no caso do malgaxe o complexo inferioridade quase que congênito atribuído por O. Mannoni, e no caso do

Árabe as conclusões racistas da etnopsiquiatria da época.

A cultura é um lugar privilegiado, enquanto campo de análise. Dá à cultura um lugar de destaque. Tendo isso em mente, os homens só podem ser interpretados a partir da sua cultura, vista como o que há de mais originário desses homens, mas não imutável, não sendo Fanon um essencialista. A cultura é o lugar onde as coisas acontecem, não dá necessariamente o significado da vida, mas é um ponto de partida, uma condição de possibilidade para se ser o que se é.

A cultura é o que se vive em um determinado lugar, o que acontece. A partir desse ponto, Fanon desenvolve uma análise do que acontece em povos racializados. Em “Pele negra máscaras brancas” ainda, analisa principalmente a questão a experiência de vida daquele que foi racializado, a presença do negro ante ao mundo branco, como a potência da vida do negro é retirada ao entrar no mundo branco, que é uma entrada sempre violenta. No modo fanoniano de ver o mundo, só é possível se ler a existência humana enquanto acontecimento, não busca essência, Fanon a vê como abalada pela história, tira a totalidade, assim como Levinas (1980), mas de uma forma diferente. Se para Levinas (1980) é a ética, a relação com o outro, em Fanon são as relações sociais e todas as suas vicissitudes. Isso fica muito claro quando chama seu método de trabalho de sociogenia. Se por um lado se concentra nas descrições do que acontece, Fanon interpreta o que acontece levando sempre o que acontece no ambiente social no qual essa pessoa está inserida. Faz isso ao interpretar tanto as patologias dos Antilhanos, quanto dos negros vivendo no mundo branco, reinterpretar o que acontece ao malgaxe, as patologias associadas ao Árabe.

Temos em Fanon, um pensamento que dá lugar de destaque ao domínio da história, não numa relação dicotômica, o ontológico está sempre relacionada ao contexto social, ontologia e história comungam, uma não parece estar subordinada a outra, mas a história pode vir com um peso tão grande que interrompe aquilo que é ontológico, tornando-o irrealizável. Podemos ser fundamentalmente seres livres como diz Sartre (2007), mas acontecimentos como a colonização podem fazer com que essa liberdade ontológica pouco signifique, uma vez que uma escolha simples ir de um canto a outro da cidade pode significar ser preso ou morto, uma vez que um corpo racializado não tem liberdade de frequentar certos espaços. Parece que a liberdade como constituinte da existência fica abstrata demais nesse caso, já que não considera situações extremas como a racial.

Ao mesmo tempo, Fanon não despreza a ontologia, mas com a associação a história

vê o ontológico relacionado às condições sociais. Tanto que afirma que o negro numa sociedade racista não tem “resistência ontológica ante ao branco”. Descreve ao falar principalmente das relações interraciais. Uma vez que boa parte dos negros não se via humano em sua plenitude, buscava no relacionamento com o branco:

Há, na Weltanschauung de um povo colonizado, uma impureza, uma tara que proíbe qualquer explicação ontológica. Pode-se contestar, argumentando que o mesmo pode acontecer a qualquer indivíduo, mas, na verdade, está se mascarando um problema fundamental. A ontologia, quando se admitir de uma vez por todas que ela deixa de lado a existência, não nos permite compreender o ser do negro. Pois o negro não tem mais de ser negro, mas sê-lo diante do branco. Alguns meterão na cabeça que devem nos lembrar que a situação tem um duplo sentido. Respondemos que não é verdade. Aos olhos do branco, o negro não tem resistência ontológica. De um dia para o outro, os pretos tiveram de se situar diante de dois sistemas de referência. Sua metafísica ou, menos pretenciosamente, seus costumes e instâncias de referência foram abolidos porque estavam em contradição com uma civilização que não conheciam e que lhes foi imposta.(FANON, 2008, p. 103-104).

Há no negro uma dificuldade em articular um a partir de si um sentido para sua existência, que corresponda aos seus interesses e necessidades. O negro quando assimilado, exercendo o papel que o branco, enquanto representante mais legítimo da humanidade, lhe impôs (FANON, 2008). Essa dificuldade se manifesta no falar, e em Fanon (2008) isso adquire consequências, já que para ele é a partir da linguagem que se chega ao mundo e se obtém legitimidade frente ao outro. Ainda segundo o autor, sabe-se que alguém é de determinado lugar, de determinado estrato da sociedade a partir do domínio da língua, e do como dominar essa língua. Como podemos ver nos parágrafos abaixo:

Atribuímos uma importância fundamental ao fenômeno da linguagem. É por esta razão que julgamos necessário este estudo, que pode nos fornecer um dos elementos de compreensão da dimensão ser-para-o-outro do homem de cor:Falar é estar em condições de empregar uma certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização (FANON, 2008, p. 33).

Assim, só através da fala minha existência pode ser reconhecida pelo outro. Esse existir estaria relacionado ao reconhecimento como igual, como par. Mas isso não ocorreria com o negro, pois o negro no processo social tem a fala interrompida ou não é escutado, na

medida em que ao ser olhado já é posto no lugar de diferente, o lugar de não reconhecimento pleno de sua humanidade. Qualquer possibilidade de ser reconhecido plenamente pelo outro enquanto ser se esvai na medida em que se nasce.

Só lhe sobra o reconhecimento essencializado que o biologiza, e o reduz a sua epiderme, um reconhecimento que Maldonado-Torres (2007) relendo Fanon chama de sub-ontológico. Justamente o reconhecimento da cor, dos estereótipos raciais. Pouco importaria então, o negro dominar a norma culta de determinada língua perfeitamente, o que importa socialmente será a visão que se tem de negro e de suas possibilidades intelectuais dentro da cultura em questão, sua existência enquanto abertura ou como a condenação a liberdade (SARTRE, 2007) é suspendida pelo peso da história.

Assim, quando Fanon nos lança a uma pergunta: “O que quer um homem negro?” (FANON, 2008, p. 31), o autor nos parece apontar para a impossibilidade do desejo do negro, em uma sociedade racializada, devido à destituição do seu lugar de enunciação. O que poderia querer um homem que vem ao mundo a partir exclusivamente da conceituação estereotipada que o outro dá a ele? O “querer” do negro, assim, se constitui para Fanon como uma impossibilidade enquanto ele estiver submetido ontologicamente ao branco, pois ao invés de dedicar-se ao seu existir, promover a descida até o seu íntimo, explorar possibilidades existenciais, por mais aterradoras que sejam, vive uma existência tutelada (FANON, 2008). O sentido de sua existência vai ser dado pelo branco, não só a nível macropolítico, mas também nas relações entre as pessoas, a esse respeito há um trecho poético em que Fanon assumindo o lugar do negro colonizado, escrevendo em primeira pessoa diz:

Da parte mais negra de minha alma, através da zona de meias-tintas, me vem este desejo repentino de ser branco. Não quero ser reconhecido como negro, e sim como branco. Ora — e nisto há um reconhecimento que Hegel não descreveu — quem pode proporcioná-lo, senão a branca? Amando-me ela me prova que sou digno de um amor branco. Sou amado como um branco. Sou um branco. Seu amor abre-me o ilustre corredor que conduz à plenitude... Esposo a cultura branca, a beleza branca, a brancura branca. Nestes seios brancos que minhas mãos onipresentes acariciam, é da civilização branca, da dignidade branca que me apropriado (Fanon, 2008, p.69).

#### **4.3. A Colonialidade do Ser e as Vivências da Violência**

Maldonado-Torres (2007) visa compreender a realidade vivida pela população da América Latina, principalmente pessoas racializadas e os pobres. O projeto do autor é uma crítica ao cânone filosófico europeu, a partir do conceito de colonialidade, desvela o caráter colonial e excludente do pensamento europeu, que pensa o mundo a partir de si e o universaliza. A colonialidade se manifesta nas relações de poder (colonialidade do poder), em questões epistemológicas e de produção de conhecimento (colonialidade do saber) e, a que mais nos interessa, na experiência vívida e linguagem (colonialidade do ser). A respeito da colonialidade do ser Maldonado-Torres (2007, p.130) escreveu: “el surgimiento del concepto “colonialidad del ser” responde, pues, a la necesidad de aclarar la pregunta sobre los efectos de la colonialidad en la experiencia vivida, y no sólo en la mente de sujetos subalternos”.

O conceito se torna importante pois mensura o quão total é essa dominação, o autor argumenta ainda, com base em Fanon, que toda a existência da pessoa produzida na colonialidade está comprometida, pois seu mundo é tomado pela exceção, uma regra aplicada em tempos de guerra, um tipo de ética que põe o outro (pessoas racializadas) no lugar do combatente inimigo contra o qual pode se incidir qualquer tipo de ataque. A quantidade de assassinatos contra pessoas negras é uma evidência da ética da guerra. Como no conceito de necropolítica de Achille Mbembe (2016), a morte é o domínio mais próximo da vida, a esse respeito o que se experiencia é a morte em vida, o corpo tomado pelo medo. A existência deixa de ser vivida como liberdade, e é vivida sob o terror.

Em Fanon (1968; 2008), quando se fala de racismo se está sempre falando de violência. Uma violência que é total e não localizada, restrita a um único ponto da vida, mas como algo que toma como um todo o mundo-vida que sub-ontologiza a pessoa de cor que vive sob esse regime, diminuindo a sua humanidade, o aproximando de uma espécie de elo perdido entre a “verdadeira humanidade”, tida nesse mundo como essencialmente branca, e os animais, não é por mero acaso que negros são constantemente comparados a outras espécies de primata em xingamentos raciais (MACHADO; LIMA; NERIS, 2016). A violência, assim, é presença constante na vida de pessoas racializadas para o autor, essa violência é uma irrupção que toma o mundo da vida cotidiana fazendo com que a existência do negro, do indígena seja diferente da vida das demais pessoas. O caráter livre, aberto, indeterminado da vida não é a vivência das pessoas de cor, ao invés disso há uma série de restrições, que não são restrições comuns típicas de sociedades disciplinares ou de controle.



Continuando essa leitura de uma violência total que é levada a todas as instâncias da vida é retomada por Maldonado-Torres (2007), como forma de interpretar o tratamento dispensado a populações racializadas na América Latina. A essas populações é legada a pobreza e violência, falta de acesso àquilo que é tido como condição básica de vida. A essas condições de vida, tomadas pela violência e precariedade, o autor vai associar o conceito de colonialidade do ser. A colonialidade nada mais é que a forma como o poder colonial se estrutura, assassinatos, escravidão, colonialismo. Apesar de regimes como a escravidão terem sido abolidos oficialmente, essas construções moldadas pelo colonialismo permanecem ou ganham outras formas como o racismo estrutural.

Ante a essa situação o corpo ao qual se inflige a necropolítica, ou a ética da guerra de Maldonado-Torres (2007), há consequências como o domínio do terror na primeira, e a perda da liberdade, que seria condição mais originária da forma de ser que nós somos, o *dasein* (ser- aí), no segundo caso. Descrevendo o colonialismo, Fanon (1968, 2008) diz que o domínio da morte deixa consequências na vida do colonizado. O domínio da morte faz com que o existir do colonizado passe a se referenciar aos desejos do colonizador, a não mais ser aberto, mas degradado. Se em Heidegger (2005), o modo de ser do ser que somos nós mesmos é o *Dasein*, no domínio da morte esse modo é substituído por uma versão degradada – algo como o colonizado relegado a ser algo entre sujeito e objeto, descrito por Achille Mbembe (2016) – que não é essencialmente desde já abertura, mas “condenada”. E essa condenação em nada tem a ver com a condenação à liberdade de Sartre (2007). É antes de tudo o “condenado” conceitualizado por Maldonado-Torres (2007) alguém marcado pelas linhas de cor, pela colonialidade que não é um ser, mas também não é um objeto do mundo.

Se a experiência no mundo for pautada pela violência como será a experiência dessa pessoa no mundo? Acerca disso não temos resposta definitiva, que dê conta de cada particularidade. Mas Fanon parece apontar para o fato da vida do negro não é mais para si próprio, lidar com suas próprias questões existenciais. Ao invés disso o negro tem que se ver diante do branco, a falta de resistência ontológica se justifica pois o negro expatriado e destituído de lugares de referência passa agora a ter como referencial, como mundo, um ambiente em que é constantemente violentado, tratado como inferior. Como consequência dessa destituição, a existência tomada pelo medo, tendo que se provar a todo momento, uma vivência marcada pela raça na busca de relacionamentos, nas mais diversas formas de

experiência de violência que pessoas negras passam todos dias, na negação de seu próprio corpo, nas tentativas em vão de embranquecer (FANON, 2008). Partindo dessa ideia podemos inferir uma existência formada a partir de uma relação violenta com o mundo, fincado num nível sub-ontológico de existência está mais próximo da degradação existencial, sendo definido por outro que se coloca nas relações como superior:

“Preto sujo!” Ou simplesmente: “Olhe, um preto!” Cheguei ao mundo pretendendo descobrir um sentido nas coisas, minha alma cheia do desejo de estar na origem do mundo, e eis que me descubro objeto em meio a outros objetos. Enclausurado nesta objetividade esmagadora, implorei ao outro. Seu olhar libertador, percorrendo meu corpo subitamente livre de asperezas, me devolveu uma leveza que eu pensava perdida e, extraindo-me do mundo, me entregou ao mundo. Mas, no novo mundo, logo me choquei com a outra vertente, e o outro, através de gestos, atitudes, olhares, fixou-me como se fixa uma solução com um estabilizador. Fiquei furioso, exigi explicações... Não adiantou nada. Explodí. Aqui estão os farelos reunidos por um outro eu (FANON, 2008, p. 103).

A questão que fica, a partir de tudo que já foi explicitado até aqui, é de como será o penetrar desse ser que se relaciona com o mundo de maneira degradada, e tem seu mundo particular formado a partir da violência? Essa questão é de difícil resposta uma vez que o mundo não é determinante na formação do esquema corporal, e sim um elemento em relação dinâmica com o ser, o formando e sendo formado por ele também influenciado, mas inclina as possibilidades de ser-no-mundo mais para exclusão, que para liberdade, o que é o mais próprio da existência humana.

E se levarmos em consideração o que Maldonado-Torres diz, o contato com a morte, tão valorizado por Heidegger, não significa muito para as populações oprimidas, já que essas estão há centenas de anos experimentando o genocídio em suas mais diversas formas, seja em políticas de ausência ou presença. A constante ameaça da vida, o conhecimento de sua mortalidade vivenciado dado não só nas estatísticas de assassinatos, na menor expectativa de vida, nas doenças negligenciadas pelo sistema, mas também na vivido é congelamento de sentido, não produção de existência mais própria.

A política de morte, dessa forma, deixa consequências na vida do colonizado que vão para além do domínio exclusivo da política. Ao explicar o conceito de violência em Fanon, Mbembe (2014, p. 273) nos diz que a violência “é conceito político e *clínico*. Tanto é a manifestação clínica de uma doença de natureza política como uma prática de ressimbolização”. Isso significa que, políticas que promovam a opressão de determinados

seres mais que restringir a liberdade, no sentido político, mais que matar determinadas pessoas de um grupo social, instalam no seu seio uma patologia social.

Outro ponto interessante na crítica feita por Maldonado-Torres é que por estarem submetidas a uma ordem existencial diferente as populações das Américas têm lançado para si questões existenciais diferentes. Não se trata mais da finitude, já que a morte é presença constante. A questão é “Por que continuar?” Essa é uma questão de interesse porque ainda que a morte seja certeza para todos, para uns ela chega antes e de maneira violenta muito mais vezes. Em meio ao sofrimento e à opressão, o que faz com que pessoas racializadas insistam em viver e deixem de morrer?

## **5. Pressupostos Metodológicos:**

### **5.1. Análise Fenomenológica Interpretativa**

A pesquisa será orientada pela Análise Fenomenológica Interpretativa (AFI), um método de estudo qualitativo, nascido da fenomenologia, mas já utilizado amplamente em psicologia, desde a pesquisa em psicologia clínica à social, além de outros ramos das ciências humanas, principalmente em países anglófonos. Apresentaremos o método e como pretendemos utilizá-lo para desvelar a vivência da violência armada de jovens negros na Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

A Análise Fenomenológica Interpretativa (AFI) é um método de pesquisa qualitativa focado em como a experiência se constitui, como se dá para cada um individualmente, almeja-se uma descrição rica dos fenômenos humanos (PIETKIEWICZ, e SMITH, 2014; SMITH e EATOUGH, 2010; TOMBOLATO e SANTOS, 2020). O método foi inicialmente concebido para estudos em psicologia da saúde, mas foi cada vez mais sendo utilizado em outros campos da psicologia, incluindo em estudos sobre comunidades e questões étnico-raciais (PIETKIEWICZ e SMITH, 2014). No Brasil, segundo Tombolato e Santos (2020) é pouco utilizado, sendo mais comuns em pesquisas relacionadas à área da saúde e também em estudos sobre religiosidade.

A AFI busca entender como as pessoas dão sentido, significam suas experiências. Nesse processo as reflexões tanto do pesquisador quanto dos participantes são importantes para a análise. Pois, entende as pessoas como seres autointerpretativos, estão sempre pensando e buscando dar significado às suas experiências, considera o que os participantes trazem como já fruto de uma interpretação, que embora não seja científica, que tem seu valor, já que se trata das pessoas significando sua própria experiência acerca de determinado tema (PIETKIEWICZ, e SMITH, 2014; SMITH e EATOUGH, 2010; TOMBOLATO e SANTOS, 2020).

O principal objetivo do método é compreender como as pessoas dão sentido às coisas, através da exploração das experiências de vida de cada um. Há valorização do significado particular antes de se universalizar. Busca-se compreender pelo ponto de vista de quem fala e interpretar, é a tentativa de se recuperar o que acontece pelo ponto de vista dos participantes. O método prioriza o estudo do fenômeno e não a formação de uma teoria para ser generalizada para toda população. Mas a partir do estudo é possível se ter um

vislumbre de como a questão se desenvolve de maneira universal (PIETKIEWICZ e SMITH, 2014)

A AFI usa princípios de três campos do conhecimento – fenomenologia, hermenêutica e idiografia. Cada um desses campos vai tomar parte de suas características. Da fenomenologia a necessidade de uma descrição rica, da hermenêutica a interpretação e da idiografia a necessidade de analisar cada caso individualmente antes de se coletivizar e universalizar (PIETKIEWICZ e SMITH, 2014; SMITH e EATOUGH, 2010; TOMBOLATO e SANTOS, 2020).

Busca-se a essência dos fenômenos, o que há de único, que diferencia de outros fenômenos, o que caracteriza sua condição de possibilidade. Estudos fenomenológicos se concentram nas experiências das pessoas com objetos, eventos e etc, ao invés de se ligar a uma noção predeterminada. Para tal precisamos colocar o que advém da atitude natural, algo presente tanto na ciência quanto no senso comum e deixar que o acontecimento fale por si só (PIETKIEWICZ e SMITH, 2014; SMITH e EATOUGH, 2010).

É necessário suspender a si mesmo e as determinações do mundo, para perceber o máximo que venha do outro, mesmo que isso não seja totalmente possível (DAVIS, 2019). O dever do pesquisador então deve ser traduzir o que foi dito, tal qual Hermes que traduzia a mensagem dos deuses gregos. O papel do pesquisador, dando sentido ao que os participantes trazem, mantendo o máximo ponto de vista dos pesquisados.

O pesquisador, em suma, deve executar a segunda parte da dupla hermenêutica presente na AFI, depois que o entrevistado dê sentido à sua própria experiência, a partir de seus referenciais. Existem, assim, duas missões para o pesquisador: compreensão empática do que é trazido pelo pesquisado e a formulação de questões críticas a partir do conteúdo trazido. É descritivo pois deixa as coisas falarem por si só, e interpretativo pois não existe fenômeno não-interpretado (PIETKIEWICZ e SMITH, 2014).

Já a idiografia ressalta a necessidade de se concentrar em cada caso antes de buscar generalizações. Nesse caso ressalta-se a atenção à análise do caso particular antes do universal. Tem de se explorar cada relato individual como único antes de se ter qualquer intenção de coletivizar o que aparece, a intenção é assim conseguir valorizar as particularidades (PIETKIEWICZ, e SMITH, 2014; SMITH e EATOUGH, 2010; TOMBOLATO e SANTOS, 2020).

## **5.2. Da produção de dados na pesquisa:**

### **5.2.1. Dos participantes da pesquisa:**

A amostragem costuma ser pequena, pois se analisa de caso a caso. Muitas pesquisas têm um único pesquisado. Cabe ao pesquisador decidir se trará um fenômeno a partir de uma única pessoa ou a partir de um grupo ou população específica. O tamanho da amostra varia de estudo para estudo podendo ter um único participante ou mais de 10. Estudos com alto número de participantes são raros na AFI. Os pesquisadores devem se concentrar mais na profundidade que na quantidade de participantes (PIETKIEWICZ e SMITH, 2014; SMITH e EATOUGH, 2010)

Segundo Pietkiewicz e Smith (2014), a AFI privilegia grupos homogêneos, e essa homogeneidade é determinada pelos objetivos e questões de pesquisa a serem desenvolvidas. Os participantes são escolhidos propositalmente, de maneira não aleatória. Isso permite que se pesquise com pessoas que o tema tem relevância pessoal. Dois fatores são levados em consideração para determinar o quão homogêneo o grupo será: uma parte é feita a interpretativa e as comparações, o contraste entre similaridades e diferenças; e considerar o quão difícil ou fácil será encontrar participantes e a raridade do fenômeno.

Na coleta de dados a principal tarefa do pesquisador é formular questões que provoquem os participantes a dar relatos em primeira pessoa sobre o fenômeno em estudo e sua própria experiência de vida. Embora haja outras formas de coleta de dados, como grupos focais, cartas, mensagens de texto via internet, a forma mais comum da AFI para coleta de dados é através de entrevistas semiestruturadas individuais. O objetivo é que pesquisador e participante possam se engajar numa conversa sobre o tema proposto para assim questões talvez imaginadas possam emergir, enriquecendo a pesquisa. A entrevista semiestruturada permite explorar temas não previstos, novas perspectivas, então apesar da existência do roteiro uma entrevista fatalmente irá se diferenciar de outra. Todas as entrevistas devem ter preferencialmente gravação de áudio. Uma hora é geralmente o tempo mínimo de entrevista (PIETKIEWICZ e SMITH, 2014).

É preciso preparar um roteiro de entrevista para que não haja fuga do tema, formular algumas questões específicas talvez seja necessário para pesquisadores menos experientes (PIETKIEWICZ e SMITH, 2014; SMITH e EATOUGH, 2010). Questões para IFA devem explorar pensamentos, memórias e associações. É preciso ter cuidado para que as questões

não se direcionem a causas, ainda que não seja proibido o participante trazer em sua interpretação das próprias experiências possíveis causas, não é isso que AFI busca, mas sim condições de possibilidade.

As entrevistas foram presenciais, respeitando medidas de prevenção quanto ao contágio de covid-19. Como medida de prevenção contra a infecção pelo vírus causador da covid-19, utilizamos como exigência, o uso de máscara, e foi mantido certo distanciamento durante as entrevistas e com vacinação contra covid-19.

### **5.2.2. Seleção de participantes**

As entrevistas foram realizadas com 4 jovens negros entre 18 e 29 anos, faixa etária esta mais afetada pela violência armada, de acordo com Cerqueira et. al (2020). E por violência armada entendemos violência perpetrada por arma de fogo. Sejam ameaças a si e/ou entes queridos, ficar em meio a tiroteio, ter alguém da família ou pessoa próxima vitimada, ter o direito de circular pela cidade limitado pela violência armada, consideramos todos esses fatores experiência com violência armada. Esses jovens negros foram todos moradores de alguma localidade da Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro e expressaram vivências relacionadas a violência armada dentro dessa região, dentro desses critérios estabelecidos.

Menores de idade que também estão estatisticamente dentro do grupo dos que são mais afetados pela violência não foram requisitados entre os participantes, visto as dificuldades que se encontram em pesquisa com menores de idade e por se tratar de um tema sensível. Também foram excluídas pessoas que se encaixem nos critérios de inclusão por apresentarem diagnóstico prévio de alguma psicopatologia como delírios. Apesar de não negarmos a capacidade de vivenciarem a violência, eles experienciam o mundo de uma maneira diferente, muitas vezes não diferenciando fantasia de realidade, isso poderia gerar uma amostra muito heterogênea.

Nossos participantes foram selecionados online de maneira aleatória a partir do compartilhamento de convites para participar da pesquisa em grupos online, principalmente universitários, os interessados que estivessem dentro dos critérios de inclusão e tivessem experiências relevantes sobre o tema, tivessem disponibilidade para pesquisa foram selecionados para participação.

### 5.3. Análise de Dados:

De acordo com Pietkiewicz e Smith (2014), a análise de dados a partir da AFI complexa e demorada, o pesquisador deve tentar compreender ao máximo a perspectiva do participante, deve documentar a forma de dar sentido do participante sem esquecer a sua própria visão. O segundo passo é olhar para o dado através das lentes das teorias e conceitos que o pesquisador achar útil para a compreensão do problema de pesquisa. A teoria ser o segundo passo evita que o pesquisador enviesasse o estudo. Deverá haver cuidado ao aplicar as teorias para não transformar o fenômeno estudado em algo totalmente diferente daquilo que se apresenta.

A análise começou por ler e reler várias vezes a transcrição das entrevistas, ouvir os áudios originais para recuperar ao máximo o clima da entrevista, fazer algumas anotações focando no contexto, no uso da língua e algumas especulações iniciais, sem deixar de lado o estar aberto a se surpreender com o que for aparecendo a cada vez que ouça ou leia os dados da pesquisa. Depois transformou-se essas especulações iniciais em temas de análise, aqui o pesquisador se concentrou mais em suas anotações que no material original de pesquisa transcrito. Os temas que emergiram foram sendo interpretados, relacionados ao contexto, às teorias existentes sobre o tema e etc. E por último, procurou-se relações de sentidos entre os temas. Os temas foram agrupados de acordo com suas similaridades. Os agrupamentos foram organizados a partir de tópico descritivo. E como se trata de uma pesquisa que fala de uma população é preciso fazer o mesmo processo após a definição dos temas individuais, ressaltando similaridades e diferenças e ter alguns vislumbres do que poderia ser universal. Nessa etapa final alguns temas foram deixados de lado, por não apresentarem relação com outros ou tenham poucas evidências empíricas que os sustentem (PIETKIEWICZ e SMITH, 2014).



## **6. Das entrevistas que narram a vida de jovens negros e negras na região metropolitana do Rio de Janeiro:**

Ao lado de algumas considerações, traremos alguns pontos das entrevistas que achamos mais relevantes na íntegra. No geral, a resposta à segunda pergunta do roteiro foi a mais explorada, uma vez que se trata do cerne do trabalho, pois pergunta das experiências com a violência de maneira aberta, as questões seguintes são na maioria das vezes utilizadas como auxiliares dessa questão, dessa maneira não são necessariamente trazidas com destaque. Já a pergunta anterior a essa, a primeira pergunta do roteiro, busca saber de maneira aberta sobre o estado de espírito do entrevistado, sobre como está para ser entrevistado, suas expectativas, por isso não é trazida de forma integral, e em boa parte das entrevistas nem será trazida para esse capítulo.

Veremos ao longo deste capítulo trechos das entrevistas, e os sentidos atribuídos individualmente em cada entrevista, para só depois vermos num sentido mais amplo. Em outras palavras, o trabalho de interpretar será primeiramente feito individualmente, e só depois buscaremos um sentido coletivo, através do cruzamento de semelhanças e diferenças, com dados trazidos pela literatura, assim esse capítulo terá 5 subdivisões, uma para cada entrevista, além de uma última dedicada a interpretação coletiva dos dados. Antes de iniciarmos a sessão dedicada a cada entrevista, faremos uma breve descrição do entrevistado, dados como idade, região em que mora ou já morou, entre outros. Abaixo segue uma tabela com algumas informações de cada entrevistado:

Tabela 2. Caracterização dos participantes da pesquisa:

ENTREVISTADO:	J	R	C	M
GÊNERO	MULHER CISGÊNERO	HOMEM CISGÊNERO	HOMEM CISGÊNERO	MULHER CISGÊNERO
CIDADE	NITERÓI	RIO DE JANEIRO	DUQUE DE CAXIAS	RIO DE JANEIRO
ESCOLARIDADE	UNIVERSITÁRIA	UNIVERSITÁRIO	UNIVERSITÁRIO	UNIVERSITÁRIA
SEXUALIDADE	LGBTQIA+	HETEROSSEXUAL	LGBTQIA+ (GAY)	LGBTQIA+ (BISSEXUAL)
IDADE	27 ANOS	23 ANOS	22 ANOS	23 ANOS
SITUAÇÃO FINANCEIRA	NÃO INFORMADO	ESTÁVEL	VULNERABILIDADE FINANCEIRA	ESTÁVEL

Fonte: próprio autor, 2023.

### 6.1 A Entrevista de M

M é universitária, tem 23 anos de idade (a época da entrevista), mora em um bairro da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, Engenho de Dentro, além de ter morado, na infância, em uma comunidade no bairro da Penha e em Duque de Caxias. Circula principalmente pela Zona Norte do Rio de Janeiro, onde também estuda e faz estágio. Nos últimos anos visitou parte da família e amigos na Baixada Fluminense. Separamos os relatos da entrevistada em quatro temas principais: os olhares, que representam uma violência velada, na medida que se entende como vista pelo mundo como ameaça; a violência contra a mulher que nos coloca ante a questões de masculinidades do homem negro também; a mobilidade e acesso à cidade, na medida em que fica distante de áreas de lazer, não circula pela cidade em determinados horários; e por último a desesperança, a situação atual de

violência tira a perspectiva de futuro de M, não consegue crer, ante o racismo, nas políticas públicas atuais, uma vez que estado falhou, e continua falhando constantemente, no trato em relação a violência.

### 6.1.1 Olhares que enunciam

Agora vamos a alguns trechos da entrevista:

[...] como uma mulher negra a violência ela acaba perpassando a nossa existência. Tanto no medo de se deslocar quanto no constante pensamento de será que eu estou sendo vista como ameaça ao mesmo tempo que a gente tem medo de ser visto como uma ameaça a gente tem medo de não sofrer violências por ser quem somos. Pelo menos é o que eu acho tirei do meu “sovaco”, da minha experiência cara é... Eu acho que a única experiência mais estranha que eu me lembro de ter vivido foi aquela que eu estava na UERJ é... e um guarda, tipo um guardinha da faculdade, me parou me perguntando o que que eu estava fazendo ali, e qual andar eu estudava, se eu era aluna, eu fiquei tipo o quê? Basicamente só porque estava com pouca movimentação na faculdade perguntou também pro meu namorado da época o que a gente, tava fazendo ali. E foi bem estranho, basicamente a gente caminho lá pela faculdade com movimentos normais que se fosse provavelmente seria a gente não fosse negro e tivesse tipo parada a faculdade com pouca movimentação as pessoas iam deixar passar eu achei isso bem estranho até porque a gente perguntou depois o que era e a pessoa falou "ah está tendo muitos assaltos na faculdade então os guardas estão mais de olho" eu fiquei tipo como assim eu estudo aqui eu venho aqui sempre foi estranho eu não me lembro mais de nenhuma violência do cotidiano.”

Aqui notamos que parte da violência e da afetação desta se dá no encontro com o outro que pode ver M como ameaça. O que a entrevistada traz, embora possa ser visto como subjetivo, fala a partir de sua experiência no mundo da maneira como percebe que aparece para o outro. E, a maneira como é vista a deixa apreensiva, em alerta, sobre o que pensarão dela. Continuo a entrevista perguntando se ser uma mulher negra a expõe a violências específicas, já que não falou somente sua raça, mas também seu gênero, se de alguma forma estaria exposta a violência de uma maneira diferente a de um homem negro. A entrevistada responde da seguinte maneira e nos deixa uma questão: “O guarda não foi atrás do menino. Ele foi atrás de mim. Por quê?”

É interessante que, apesar de não apontar nenhuma diferença, nos deixa uma questão interessante, o porquê do guarda abordá-la quando estava sozinha. O local em que foi abordada é Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no *Campus Maracanã*, prédio principal, era fim do período de aulas, época em que são aplicadas provas finais, o

*Campus* fica mais vazio, mas ainda sim é movimentado. E além da circulação de estudantes é normal que pessoas utilizem o prédio, que é aberto e sem necessidade de identificação para entrar ou sair, como passagem. Então, no mínimo, é curioso pensar que uma mulher negra atraia tal atenção. Segundo Fanon (1964), o corpo negro é controlado pela violência, a abordagem demonstra uma necessidade injustificável de motivo para se estar num local público de livre circulação.

### 6.1.2. A Violência de Gênero

Continuamos a falar, agora sobre a violência na família da entrevistada, e ela responde da seguinte maneira:

[...]“As tretas entre meu pai e minha mãe no âmbito familiar era bem estranho, porque a minha mãe sofria violência doméstica exercida pelo meu pai. E até hoje a gente tem uma relação estranha porque eu sei dessa fase, e eu fico bem chateada com meu pai por isso. Até porque ele fazia isso perto da gente, a minha mãe falou que eu sabia, então eu via né... Porque ninguém ia me contar isso eu provavelmente via e também contava pras outras mulheres da minha família. E a minha vó materna, que já é uma mulher branca, e eu cheguei a comentar na mesa do almoço quando eu tinha seis anos assim perto da minha família paterna. E a minha mãe ficou muito mal, pediu pra eu nunca mais falar sobre isso, mas eu continuava... E foi até bom porque assim ela acabou se divorciando do meu pai, quando eu tinha seis anos. Desde então a vida dela foi mais tranquila, as violências é mais assim: eu vejo mais perto da minha mãe porque ela teve umas relações estranhas um outro companheiro dela, que foi de mais tempo ele tipo perseguindo ela. Tipo recentemente agora ele está trabalhando no mesmo trabalho dela. Eu não sei como ele fez, pra fazer isso. Mas ela comentava comigo, que ele estava tipo difamando ela no trabalho falando coisas negativas. E também, antes disso, ele já chegou a invadir lá o quintal da casa, se pendurar no ar-condicionado ficar gritando e umas coisas bem pessoais dela. Tá, no âmbito familiar rola umas agressões sim, tipo, nem sempre físicas, algumas verbais também esse negócio de perseguição é bem pesado. Não direcionadas a mim direcionados a mim todos eles direcionados a minha mãe e que eu só assisti mesmo.”

Mesmo que não seja da experiência direta de M, ela conta de situações que são experiências suas, mas de sua mãe, isso talvez indique uma resposta, ou um caminho para responder, a pergunta que a mesma fez quando perguntada sobre a especificidade da mulher negra, quanto a maneira como é afetada pela violência. Aqui mesmo que M não seja a atingida diretamente ela diz, depois de uma breve expressão de dúvida, estar pensativa após minha pergunta de como ela viu isso tudo a afetando, mas acaba dizendo o seguinte:

“Não sei. Eu acho que... não sei como dizer como isso me afetou. Acho que com

o meu pai me afetou um pouco mais, porque além de dessa violência com a minha mãe que já é algo bem pesado, ele também nunca foi dos melhores pais a gente sempre teve que ficar correndo atrás pra conseguir o mínimo dele é tipo forçar bastante e tanto como verba né? Pra mim e pro meu irmão quanto como atenção, né? [...] a relação com ele é bem ruim então eu acho que essa relação com o meu pai que é uma relação bem agressiva, assim no sentido de ser desconfortável pra mim, e me afetar negativamente eu acho que sim me afetou ao longo da minha vida até nas minhas relações.”

Além das agressões físicas, ocorreram uma série de abandonos e negligências após a separação por parte do pai, além do padrasto com quem conviveu boa parte da vida e do irmão também serem agentes de violência doméstica. Os três homens com quem mais conviveu foram responsáveis por violência no ambiente doméstico ou nas relações familiares. Quando pergunto como afetou as relações de M, ela responde não confiar muito em homens, ter dificuldade de permanecer só com homens. Relata ainda estar sempre desconfiando, não se sentir segura.

Sobre a relação com o irmão diz o seguinte:

“[...]eu tenho uma relação bem conturbada com meu irmão da gente já ter caído na porrada umas vezes, tipo depois de adulto aí todo mundo acha tipo "ah é normal com os irmãos, irmãos brigam". Eu não acho normal não tá? Eu acho que torna a convivência um pouco desafiadora tá? Muito desafiadora, agora que ele voltou a usar drogas está mais tranquilo porque ele fica mais calmo mas ele claramente não consegue se controlar, [...] é difícil parar pra pensar e pensar num homem em específico da minha família que tipo foi super próximo que eu confio...”

O pai de M tem um longo histórico de agressões, não só em relação a mãe da entrevistada, ele já agrediu outros entes da família como o pai (avô de M) e a irmã adotiva (tia de M). É preciso refletir sobre esse lugar que o pai de M ocupa como agressor, não como natural do homem, mas criado historicamente. Assim, ainda que não anule a responsabilidade individual, nos dá contexto, que é a colonialidade. Mudam-se os afetos, mudam-se as possibilidades de se ser, pois a violência e a animalização estão muito mais próximas da experiência de um homem negro.

### **6.1.3. Circulação pela Cidade**

M entende o lugar que mora como seguro, mas próximo a lugares mais inseguros. A circulação pela cidade fica mais comprometida por conta do transporte público, apesar de

não se tratar de uma região isolada da cidade, diz que não tem muita facilidade com transporte principalmente a noite, o que afeta o acesso de M ao lazer, já que os lugares onde encontraria lazer, não são tão próximos. Tem que andar ou esperar o ônibus que demora, principalmente quando se trata de um horário mais avançado.

“[...] eu sinto que tem essa pressão de eu ter um horário pra chegar, mas eu também nunca fui de chegar muito tarde em casa. Então eu sinto que existe uma certa pressão que de eu não andar tão tarde na rua, e eu não ando justamente porque eu tenho medo, ah e também ter cuidado ao andar na rua, mas eu não tenho tanto cuidado só com o horário mesmo, que depois das dez eu fico meio receosa de andar muito, geralmente as pessoas estão perto de mim nem deixam ficam tipo: "não não, pega um Uber", “não eu peço um Uber aqui, não volta pra casa dez horas não”, “Andar trinta minutos nesse horário na rua é perigoso” é isso.”

“[...] isso acaba assim limitando a circulação. Não só porque eu não quero ir mas porque é um consenso entre as pessoas. Com as que eu convivo pelo menos, que está bem perigoso andar sozinha ou andar muito tarde na rua então eu acabo não tendo companhia.”

Apesar de não ter medo de sair, encontra sempre alertas de pessoas próximas sobre o horário, para não andar sozinha, o que representaria um perigo, que parece ser relacionado, por pessoas familiares ao fato de ser mulher. Apesar de gostar de circular, tem nas pessoas próximas esse tom de preocupação. Indicam a necessidade de pegar um carro de aplicativo, o que na opinião das pessoas representaria uma maneira mais segura de se transportar pela cidade, principalmente a noite. A dificuldade em circular pela cidade, acessar espaços de lazer parecem; configurar uma violência, uma vez que o que deveria ser natural, se torna dificultado por haver obstáculos ao transporte público à noite.

“[...] se você voltar muito tarde, além do transporte não circular tão bem, até os Ubers fica difícil de pegar. Ônibus já não tem, e aí como é que faz pra voltar sem transporte, e se eu for voltar de transporte público em determinados momentos eu vou ter que voltar e fazer o percurso andando, e quanto é seguro fazer esse percurso andando se não tiver companhia? É isso. Pensar essas coisas.”

“[...] Mas uma coisa que eu queria fazer é tipo ir para um show e ou então para uma festa e voltar de madrugada, mas isso é bem pouco viável, tanto pelo transporte quanto por está muito tarde e ser perigoso.”

A distância dos locais de lazer também indica um fenômeno histórico que foi o afastamento das pessoas negras das localidades privilegiadas da cidade, principalmente a partir do início do século XX (VEIGA, 2014; OLIVEIRA, R. J. e OLIVEIRA, R. S., 2015). Então, de certa forma, essa dificuldade reflete uma violência. Apesar do bairro da

entrevistada ter acesso a saneamento básico, na parte em que mora, transporte e lazer também são direitos assegurados na Constituição da República Federativa do Brasil (1988).

#### 6.1.4. Desesperança

Neste tópico vamos falar sobre como M sente o impacto da violência e as perspectivas de futuro apontadas por ela quanto a título: "desesperança". O desamparo e desesperança traduz dois pontos que são complementares e inseparáveis em nossa visão. Pois a entrevistada não acredita nas políticas atuais como forma de mudança, e também não acredita que mudarão a ponto de transformarem a atual situação. Seja por sua experiência pessoal, pela sua visão de como atinge a vida das pessoas a sua volta ou das pessoas, principalmente as negras, da nossa sociedade em geral.

O desamparo é sentido na medida em que sofre violência e vê isso ser normalizado, por se passar entre irmãos, mesmo que ambos sejam adultos. Também se dá quando diz que sua mãe teve registro de ocorrência perdido, quando retorna para ver o andamento da questão. Sente que o entorno não a protege. Se vê afetada pela violência que parte do seu irmão, na medida que não se sente tão confortável dentro da própria casa:

“[...] fica mais difícil de manter uma relação, tipo de convivência frequente, até porque a nossa relação sempre foi assim conturbada eu e meu irmão e então eu acho que fica bem estranho de viver até porque a gente mora praticamente na mesma casa, né? É estranho, é ruim, é desconfortável, acho que a palavra é isso. É desconfortável, dá uma sensação de que eu queria me mudar, pelo menos agora que já passou um tempo né? Na hora eu queria só surtar, mas agora eu... eu estou querendo e me mudar mesmo, não sei com a minha mãe acho que... Eu acho que com a minha mãe eu não sei se como isso poderia ter afetado ela. Que eu já conheci ela nesse negócio da violência né, ela já estava casada com o meu pai a um tempo. Aí então não sei como como era ela antes, como isso afetou ela. Eu acho que eu teria que perguntar. Porque pra mim é ruim, porque conviver com aquela pessoa é desconfortável.”

Parece não tão esperançosa quanto às perspectivas futuras em relação a violência contra as pessoa negras. Por não ver no horizonte mudanças nas políticas públicas, não crê que as questões raciais serão resolvidas:

“A princípio porque eu não vejo muitas políticas públicas, se movimentando pra isso pelo menos eu não acompanho tanto as políticas públicas. Posso estar errada, mas não me parece ser algo que está tendo como propostas acabar, eu acho que pelo contrário, então eu acho que não é uma boa, acho que não vai acaba eu acho que a questão racial... Não sei também, porque o racismo ele ainda tá aí ele muda de forma em alguns sentidos, mas que a gente ainda tem um bom trabalho,

enquanto  
sociedade.”

Aponta o encarceramento em massa, a política de segurança, baseada em confrontos armados, e a política de proteção a mulher como principais problemas a serem resolvidos, como equívocos no trato do Estado em relação a violência. Aponta a necessidade de reabilitação dos condenados, do fim dos confrontos armados em regiões residenciais e a melhora no trato dos dados das forças de segurança quanto à violência contra a mulher, já que sua mãe pode ter tido o registro de ocorrência perdido.

“Tá, primeiro eu acho que o encarceramento que tá tendo aí da população negra é bem absurdo, parece ser só uma forma de tirar pessoas negras da rua porque não faz o menor sentido, eu acho que tem formas melhores de lidar com a criminalidade eh não sei. Eu acho que as pessoas não deveriam ser presas acho que deveria ter outras medidas. E que facilitem. Tá, acho que deveriam ter outras medidas. E pra reinserção das pessoas que forem julgadas e condenadas. Ah.. Porque parece só uma forma punitiva sem muito retorno social. Parece perda de tempo, de dinheiro público e também ainda impacta. Né? A vida dessas pessoas. De uma forma que não dá pra resolver ou consertar. Eu acho que isso diminuiria sim a violência como um todo ah não sei a forma como a polícia lida com o tráfico de drogas obviamente é errado [...]”

“Sobem atiram nas pessoas, num local onde é residencial geralmente, tem pessoas morando ali aquilo ali não faz o menor sentido, viado, não sei como resolver, mas eu sei que essa não é a melhor forma na verdade isso está rolando há muito tempo há anos e não resolveu porque que continuam tentando. Tá que mais? Agora a questão da violência doméstica. Uma coisa que a minha mãe tinha comentado comigo é que ela tinha feito uma denúncia do meu pai há muito tempo isso foi quando eles se divorciaram. Não tenho certeza dessa informação. Eu teria que perguntar pra minha mãe. Você acha que é jogo falar? Não sei. Eu vou falar.”

“E aí eh tipo assim teve de novo uma violência mais tarde, bem mais tarde, mas ele já está divorciado há muito tempo, foi até treta de percussão eu acho. Mas essa foi mais leve porque ela estava na casa da minha mãe, da minha avó, quer dizer, olha isso. É, e aí não aconteceu nada tipo que realmente machucou ela, mas foi uma foi uma agressão ela só conseguiu se defender acho que ela pegou uma pedra ou coisa assim. E aí ela foi dá parte dele, e aí aquela denúncia antiga que ela fez tinha sumido não tinha registro nenhum daquilo, então o que acontece com os registros de agressão? Eles podem só sumir depois de alguns anos? Será que foi arquivado? Não sei. Eu acho que deveria fornecer apoio pra essas mulheres denunciarem. E um certo suporte também pra elas. Porque muitas delas são dependentes financeiramente da pessoa, e também suporte emocional, porque também a dependência não é só financeira. E realmente o apoio jurídico porque imagina você denuncia uma pessoa e anos depois ela volta a te agredir e essa denúncia serviria como... pra no futuro ela se ela quisesse prosseguir com aquela, com aquele processo de agressão, mas não vai servir eu não sei como explicar isso eu sou péssima com questão jurídicas.”

Por fim fala da necessidade de atendimento psicológico tanto para vítima, quanto para agressores:



“[...] eu acho que também o apoio psicológico das pessoas que são mais agressivas, que agrediram, que são pessoas meio fora da lei porque é crime. Eu acho que por mais que eu julgue bastante até porque é algo errado, eu acho que elas precisam de apoio, como todo mundo.”

## 6.2. A Entrevista de R

R tem 24 anos, morador da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, na região do Grande Méier, numa área da cidade que define como tranquila e com acesso a serviços, e diz se sentir seguro, e citou circular (ou circulou) por outros espaços da cidade como a favela do Jacaré e Madureira (também na Zona Norte), além de Zona Sul e Barra da Tijuca. É estudante universitário, de família com situação financeira estável, o que faz ter acesso a espaços que descreve ser olhado de maneira diferente, se sente assim desde a escola. Suas experiências com violência a violência serão divididas da seguinte maneira: os olhares ou micro-agressões, pois sente que ele e outras pessoas negras próximas são vistas (tratadas) de maneira diferente; a circulação pela cidade, em que diz se sentir mal e até medo em determinados espaços da cidade; e a desesperança, uma vez que não consegue enxergar possibilidades palpáveis de mudança.

### 6.2.1. Olhares

É tem o de sempre, por eu sou um cara negro, o policial fica olhando para você, se você tiver arrumado em uma área de pessoa preta eles ficam olhando mais ainda, é meio estranho, mas é um olhar diferente porque não é tipo, esse aí é meio estranho, é mais tipo esse daí não mora aqui sabe? A escola foi majoritariamente escola de pessoa branca, então tiveram várias micro-agressões e etc, mas quando você é criança você meio que não tem a noção meio que de nada de que as pessoas estão fazendo micro-agressões. Acho que tiveram alguns encontros também com violência estatal essas coisa e certos... não chegaria a dizer direitos, mas oportunidades ou lugares que eu sinto que eu poderia, deveria, estar como cidadão serem mais inacessíveis.

O trecho acima é parte da resposta do entrevistado a segunda pergunta do roteiro de entrevista, o entrevistado cita ser olhado de maneira diferente, das micro-agressões e até cerceamento de oportunidades e espaços, adiantando até algo que traremos no próximo tópico. Parte das experiências com as micro-agressões datam da infância, quando se sentiu diferente em sua experiência escolar, onde estava cercado por pessoas brancas, sem que na época percebesse. Detalha melhor quando é pedido que dê mais detalhes em relação ao que relatou:

Micro-agressões eu acho que é só a parte... nem sei por em palavras na verdade, faz tanto tempo... Micro pressões está mais pra parte de não ser considerado primeiras opções específicas porque eu estava nesse colégio de classe média alta? Principalmente mais pro fundamental, é então eu não tinha também muitas pessoas negras então a minha convivência com gente negra era limitada, e daí você tem que meio que dar uma moldada em si mesmo, pra ficar dentre daquele padrão que é aceitável, lá dentro da escola e tal.

Descreve que teve que se moldar para se encaixar, por conta dessas micro-agressões, para se formatar naquilo que seria mais aceitável, num padrão de comportamento que serviria mais a norma branca. Nisso se silenciava quando se sentia ofendido por piadas racistas para não ser considerado chato, nem qualquer coisa do tipo:

[...]você tem que só se adequar pra se tornar o amigo preto legal, e se você não se adequar vai ter outros amigos pretos legais que vão falar " não, mas eu não ligo quando fazem piada, assim, eu acho tranquilo eu não me incomodo não". Provavelmente incomoda, faz você se limitar pra se adaptar ao ambiente que você está, todo mundo faz.

Eu acho que as micro-agressões são bem bem aparentes, hoje nem tanto, porque o mundo está mudando um pouco e os meus ciclo sociais que eu mantenho, mas por exemplo a minha mãe que é uma mulher negra quando entra em lojas, e tal ah se for meu pai que é um homem branco tem atendente que vão direto fala: "oi tal"... E pra minha mãe que é uma mulher negra ela não se veste, tipo, super luxuosa nem nada, assim, então, geralmente ela é meio que ignorada assim em loja ou coisas desse tipo. Acho que olhares diferentes. Mas pode ser também coisas da minha cabeça, quando eu estou em áreas que são de alta classe digamos assim. Tem coisas que nem eram pra ser agressão. Por exemplo, quando eu estava no ensino médio eu tinha uma garota que também era negra, e voltava comigo pra escola. E aí um desses dias ela comentou que eu era preto, mas eu tinha o nariz fininho, eu era bonito. "É teu nariz é grande, mas é fininho. Você é preto e tem nariz fininho. Não é batatão igual o meu feio", algo desse tipo. Não lembro exatamente quais foram as palavras, mas eu fiquei meio "ué". Tem alguma coisa errada aí.

### **6.2.2. Circulação pela Cidade**

O entrevistado sente medo de sua integridade física não ser assegurada ou perda de algum bem pessoal, seja por ação da polícia ou de criminosos. Aqui nesse ponto traz uma relação complexa com uma polícia, que ao mesmo tempo inspira medo no entrevistado se estiver em determinados lugares da cidade, sente que há uma certa proteção, quando a polícia está em bairros que categoriza como "bons". No local onde mora, associa a presença da polícia a algo que trouxe tranquilidade. A polícia parece cindida, na visão do entrevistado, se por um lado protege, também traz medo.

[...] se eu estou em uma praça de Madureira, é você sabe, você tem um medo de ser assaltado, sabe? Por ladrão mesmo e da polícia porque de vez em quando a

polícia te rouba, quando você está saindo ali do Jacarezinho de vez em quando a polícia vai te parar e vai te roubar, é meio foda você começa a não ver como protetores, na verdade eu vejo eles como protetores do lugar, especificamente. Porque se eu estiver em um bairro bom eu não vou ter muito medo da polícia, tá ligado? Provavelmente, eles vão estar mais tranquilo, porque eles estão em bairro de gente rica.

É tranquilo. Agora tem tido bastante polícia lá. Então o problema é que tinha mais era assaltos. Agora tá tendo mais presença policial e como eu não moro em favela e nada assim. A polícia está lá pra sabe impedir crimes, e não criar os crimes, então eu meio que dei sorte nessa parte.

A violência está presente em suas memórias desde a infância, cita um assalto, que aconteceu quando criança como uma memória marcante do lugar onde vive, quando a casa ainda estava em construção. Quando perguntado sobre o impacto da violência na sua circulação pela cidade responde seguinte maneira:

Impacta completamente, né? . Ah, por exemplo se eu vou sair em algum momento de noite, se vale a pena sair de noite, como... qual lugar que eu for isso, se eu posso contar com segurança da rua, sabe? Na rua, sempre para lugares que eu vou, pessoas que eu falo, a maneira com que eu interajo com pessoas em situação... não chega a ser de situações de poder, as pessoas que tem a capacidade de machucar e autoridade pra isso, sabe? Então policiais, guardas, mesmo que eles não tenham autoridade de verdade concedida pelo estado, etc, pra fazer o que quiser eles sentem que eles podem e no momento não vai ter ninguém pra impedir e a maioria tem uma arma ali do lado da cintura, então, o jeito que eu interajo muda bastante eu diria.

[...]

eu evito lugares onde a polícia está em alto alerta e lugares onde tem muito confronto criminal. Ou lugares que tem muito assalto de noite. Coisa assim... Se for pra esse lugar eu vou continuar querer voltar de noite sabe, vou preferir passar a noite em algum. Lugar escuro, coisa assim. Eu só evito mais lugares que são considerados de risco no geral. Sabe? Tipo favela, nem todas as favelas na verdade? Só favela que tem sempre policial na portinha que é um saco, também evito ir para a Barra, lugares desse tipo, que tem a galera bem rica, que é meio palpável, de vez em quando, o desprezo. Cheguei a ir pra lá algumas vezes, porque eu ia fazer faculdade lá, antes de eu mudar de faculdade e não era um ambiente muito legal.

[...]

Eu acho que eu meio que só sou obrigado a ignorar completamente aaaa... Qual é a palavra? Preconceito que está estampado, quando eu sou aproximado por algo algum desses caras. Sabe?

[...]

Ignorar o preconceito que está estampado na cara de algum desses caras quando eu chego perto de alguma coisa assim, por exemplo quando eu entrou no Starbucks, e aí assim que eu entro tem um guardinha lá no outro ponto, e me viu, viu que eu sentei do outro lado da porta ele vem do outro lado da loja, fica parado do meu lado, como se não fosse nada demais, sabe? Tá só ali fazendo o trabalho dele. Aí você tem meio que só ignorar, né? Senão você é o cara maluco ali, especialmente se, eu acho que deve ser um pouco pior, se for mulher porque aí você é a mulher maluca fazendo drama, mas ao mesmo tempo eu sinto que vem uma pressão maior assim dá... em cima dos homens negros que são considerados mais perigosos sabe?

A circulação pela cidade, assim, é limitada ou vivida com medo, não só criminosos, mas de agentes de segurança pública ou privada tendo como condicionante o bairro em que R está. A violência o leva a temer sair de casa em determinados horários, a não pegar no celular na rua (aparelho de uso móvel). Afetando atividades de lazer, trabalho, consumo e etc, tanto que criou como estratégia fingir que não acontece, negando parte da realidade percebida para viver.

### 6.2.3. Desesperança

Nesse tópico trataremos especialmente das expectativas de futuro de R., o que espera acontecer, como acha que a violência afeta jovens negros e a si mesmo. E não prevê uma perspectiva de melhora. O entrevistado não acredita que a violência contra a população negra possa melhorar, uma vez que crê ser impossível vencer as mazelas do racismo numa sociedade que não acredita que o que acontece tem influência de si, que acredita ser possível, podemos ver isso no trecho abaixo:

Se tem um sistema inteiro, você nasceu numa situação que não é ideal, você está em um sistema que visa te manter numa situação não ideal, quando todo mundo fala você consegue você, é o único dono do seu destino, eu acho que é primeiramente eu acho que é bem... Qual é a palavra? Não é um desafio, não é um desafio pelo menos para mim. Um desafio ainda quer dizer que você vai ter que tem como você ganhar. Sabe? Não é um desafio se você tem zero chance, se você estar tipo tendo um pisão em cima de você. Eu acho que mantém as pessoas cabisbaixas, porque você tem o caminho de vida que você deveria seguir, você é colocado numa posição abaixo da que todo mundo segue, como dá pra ser. Sabe? Todo lance de uma corrida justa, pra ter uma vida melhor, e quando você falha as pessoas costumam te colocar pra baixo e você não tem muita margem pra se revoltar, porque como você se revolta. Sabe? Dentro das leis as marchas e tal, mas eu não sei o quanto isso é o suficiente pra você conseguir extravasar sentimento de inadequação ou coisas do tipo. Então, qualquer tipo de outro movimento que você queira fazer, provavelmente vai ser ou o monitorado bem de perto pela polícia e outras instituições que são racistas ou ainda vai ser espancado por essas instituições dependendo do que seja. Então é um negócio que faz você: ou tem que agir dentro do sistema ou pra subir o sistema ou você só aceita o seu lugar ali embaixo, é isso que eu quero dizer.

Não acredita nas políticas de segurança, por exemplo, e não tem perspectiva que vá mudar a abordagem principalmente a nível estadual. Com a reeleição do atual governador Cláudio Castro, ainda candidato na época das entrevistas, na visão do entrevistado, ele promove ideias políticas contrárias ao interesse da população negra, como a violência policial. Além disso, sente que a violência em relação a população negra se tornou algo banal, que não sensibiliza a nível pessoal, quando se trata de notícias. Acredita que é

naturalizado, que parece não ter mais tanta relevância assim:

[...]é aquele lance né uma tragédia uma tragédia: as primeiras vezes que acontecem... Depois é meio que só a galera vai se acostumando, diria. E quando você fala casos de racismo, a primeira coisa que vem na minha mente, é aqueles casos de várias crianças que morreram em tiroteios de nas favelas em 2020?2021? foram tipo quatro crianças eu acho que morreram. Outros casos de racismo, eu diria que... Casos de racismo que ficaram bem famosas assim tipo mundiais etc, chegam a influenciar, eu tenho memórias vagas, não consigo citar nenhum agora, nesse momento. Mas eu acho que influencia mais pelo fato de que é uma coisa que vai influenciando meio que o mundo inteiro né? Isso é uma coisa que pega... qual é a palavra... bastante visualização, digamos assim...

Quanto aos efeitos da violência na saúde, acredita que vai minando um pouco a existência das pessoas negras, as deixando:

[...]cabisbaixas, porque você meio que tem que ficar meio cabisbaixo pra não chamar muita atenção, porque geralmente uma pessoa preta com muita atenção não é algo visto com bons olhos. E eu não sei se é algo que geralmente costuma dar bons frutos, a menos que seja muita muita atenção mesmo sabe?

### 6.3. A Entrevista de J

eu cresci na favela. Então lá o tipo de violência que eu via era tipo, sei lá... Pra mim era uma violência de ter que estar andando sempre com muitas armas ao meu redor, isso pra mim não é uma situação de segurança, representa violência desde outro tipo de violência que acontecia no dia a dia enfim, mas quando eu saí da favela e vou pra pra outros lugares que eu morei tipo Vila Isabel, Maracanã que não são favela e outros lugares que eu trânsito também por conta do acesso por causa da universidade, as violências que eu sofro são diferentes, aí tem a ver com a minha cor, aí tem a ver com eu ter saído do meu território que por mais que seja violento me representa uma certa segurança de transitar, de saberem quem eu sou, de que se eu não sair da linha entre muitas aspás, eu vou estar segura e enquanto é que são violências que no caso de alguma forma eu já estou preparada, né? Estou acostumada são violências da rotina, mas desses outros territórios pelos quais eu trânsito e agora morando em Niterói as violências são muitas vezes violências pelas quais eu não estou preparada assim só acontece eu estou andando e um olhar, uma forma de falar, uma série de coisas que são violentas pra mim, que eu não vou lembrar agora porque muitas vezes por não estar preparada também me pega de surpresa e eu fico sem... É difícil até elaborar certas coisas, mas é isso assim, são violências diferentes bem diferentes.

J tem 28 anos, mulher negra retinta, mora atualmente em Niterói, mas cresceu no Caju, complexo de favelas localizada na zona portuária da cidade do Rio de Janeiro, morou na Grande Tijuca, retornou para o Caju durante a pandemia ocasionada pelo pelo Coronavírus (COVID-19). Na entrevista traz como principais temas, a afetação da violência armada em sua vida, principalmente quando morava na favela; a violência de gênero, que permeia as relações familiares; e os olhares, que se relacionam mais a sua experiência de vida fora da favela, que é uma violação que sente no e como a tratam, como se sente vista

no lugar em que mora atualmente ou na Universidade, por exemplo.

### 6.3.1. Violência urbana

Quando criança vivia em uma favela, no Caju, dividia o espaço de uma pequena casa com a mãe, o irmão e mais alguns parentes, tem bastante memórias positivas com o território, principalmente do sentimento de comunidade, a boa convivência com os vizinhos. Mas ao mesmo tempo descreve como um lugar muito afetado pela violência armada, com a ocorrência de inúmeros conflitos armados, a vida em constante ameaça, tendo inclusive uma amiga próxima assassinada quando ainda era criança (5 anos de idade), enquanto estavam de mãos dadas, por uma “bala perdida”.

No Caju, Na minha primeira infância, e tipo morava numa vila de casas, então pra mim a favela era aquilo, aquela vila de casas, na minha infância aquilo era o lugar mais seguro pra mim, enfim não parecia violência, só aparecia o lugar onde eu morava onde eu brincava onde as coisas aconteciam na minha vida e tem algumas memórias poucas né porque eu era muito pequena, mas aí quando eu tinha seis anos aconteceu uma situação de violência que hoje eu depois de muita elaboração sei que me marcou muito que foi uma amiga minha ela estava de mão dada comigo eu tinha seis anos ela tinha quatro, seis e meio e ela quatro e meio e ela levou um tiro na testa assim do meu lado então isso marcou pra mim a experiência de morar na favela a partir desse momento específico da minha vida eu sei que foi onde eu comecei a ter medo a senti medo tipo a andar com medo dentro do... Porque também foi um lugar em que eu tinha saído da zona de segurança que minha mãe tinha marcado pra mim que era o portão da vila que a gente morava numa vila, sabe essas vilas sabe?

[...]

Vila três, a minha vila era a vila três, e o meu limite de brincar era dentro da vila minha mãe sempre falava pra não sair da vila não ir pra praça que era fora da vila, porque na praça ali em volta as pessoas andavam com armas enfim lá especificamente o lugar onde eu morava não tinha boca de fumo perto, mas os bandidos transitavam então o lema é evitava que... E nesse dia eu saí do limite da vila fui na praça comprar sorvete com essa minha amiguinha e aí aconteceu isso. E aí enfim, depois disso a minha mãe também entrou numa depressão, então ela pela nossa segurança minha e do meu irmão ela acabava não deixando a gente sair de casa ela ficava em casa ela ficou muitos dias em casa e a gente também não saía meio que pra ela estava mantendo a gente seguro eh trancando a gente em casa.

A violência armada muda boa parte da dinâmica de vida de J, a mãe passa a limitar mais a sua circulação e de seu irmão, além de perder ao entrar em depressão, que a entrevistada relaciona a um tiro que acertou sua mãe quando voltava do trabalho. Ao fazer um link entre saúde mental e violência, relaciona o adoecimento psíquico da mãe a essa problemática, nos deixando a ideia de que as vítimas da violência são para além das pessoas

atingidas, mas as que ficam, a sensação de medo, a mudança de relação com o território que habita, os anos elaborando os eventos traumáticos.

A minha mãe levou um tiro no pé, quando ela estava voltando do trabalho no ônibus teve um assalto no ônibus ela levou um tiro no pé depois disso inclusive ela entrou em depressão, um tempo depois disso assim, ela ficou em casa né? Perdeu os empregos que ela tinha então uma coisa levou a outra. E algumas outras pessoas assim, diariamente acontece de pessoas falarem coisas que acontecem na rua assim.

Esses eventos violentos, além da mudança de escola, levam a entrevistada a ter uma outra relação com espaço ao longo do tempo, sua vida passou a ser cada vez mais fora da favela, tendo o espaço mais como referência de lugar para dormir. Apesar de ainda ter locais de referência para se proteger de tiroteio, acaso estivesse na rua no momento em que começasse, todo restante da vida era vivido fora de lá.

E aí eu já não vivia mais muito a experiência da favela. Tipo, tudo que eu fazia era fora da favela, era nos outros lugares, os meus amigos, eu ia pra escola de manhã, ficava lá o dia todo, saía da escola já era seis horas da tarde, então chegava em casa à noite, não vivia a minha vida na favela era mais de transição, mesmo de andar e tudo mais. E aí foi isso assim, mas é óbvio que só nessa de você viver e morar ali você tem uma relação com seus vizinhos, você tem uma relação com o ambiente, mas eu me senti de alguma forma distante mesmo que pertencente aquela área tipo uma sensação estranha de estar em casa e tipo de segurança de aqui é onde eu entro e saio as pessoas estão ali as mesmas pessoas e enfim... Se acontecer qualquer coisa eu sei pra onde correr, mas também o lugar que...

Percebemos que a violência urbana esteve muito presente na vida da participante enquanto crescia, mudando sua vida em várias instâncias, e também hoje, mesmo morando num local tido como mais seguro ainda sente medo, não sente segurança em habitar onde mora ao comparar com a favela:

Ah bem diferente, acho que é isso tem a segurança são diferentes sensações de segurança e insegurança sabe? Em vários níveis diferentes, mas lá onde eu estou agora a qualidade de vida é muito melhor no sentido de... é isso, já falei não tem muito barulho na rua então, mas também eu não preciso de achar que tem muito policiamento pra me sentir que não... acho que ali não tem muito assalto sabe? É diferente do Rio também é uma cidade diferente mesmo independente né, mas é isso eu corro o risco de ser assaltada, na minha favela eu não corria o risco de ser assaltada e tem esses outros... Sei lá, eu não sei não consigo por mais que pareça, tem uma imagem de que lá é seguro não sinto essa segurança toda não, ainda ando com um pouco de receio assim por lá sabe?

### 6.3.2. Violência de gênero

Durante a vida passou por algumas dificuldades financeiras, algumas necessidades

básicas como alimentação e moradia, que eram precárias e/ou estavam sob risco. A entrevistada associa isso ao adoecimento da mãe, que cuidava da família sozinha. O pai somente começou a pagar o que? após processo, quando já era adulta. Se levamos em consideração que o abandono é algo que geralmente ocorre do lado paterno (VALE, 2022), e deixa a criança sem assistência afetiva e financeira é violência de gênero.

[...]acho que eu falei né que eu estudei no Pedro II, por mais que era um colégio em São Cristóvão ainda era bastante elitista sabe? Por mais que tenha eu entrei por por cota né de escola pública como eu fiz a prova, mas tinha muita gente que entrou já vindo de escola... metade a galera que veio foi de escola pública e a outra metade que veio de escolas particulares. E essa galera que veio de escolas públicas ainda era muita uma galera que pôde pagar um cursinho, que tinha uma família bastante, vamos dizer estruturada, enfim, educação, o que não era o meu caso. Então quando eu chegava nesse lugar sendo criança ainda, né? Tipo doze anos, início da adolescência, mas ainda era uma criança. Então as pessoas esperam, elas olham pra você a partir do que você oferece por quem está por trás de você, quem tá cuidando de você, seus pais, como é que eles se portam a escola, como é que eles chegam nos lugares que você chega e eu não tinha isso, então o meu, vamos dizer, abandono de alguma forma, em certas... em termos assim quando faltava, e quando eu podia sair, enfim, esse tipo de coisa chegava nos lugares em que eu estava, impactava na minha vida era violências assim tipo silenciosas né? Não tem um culpado necessariamente né, não era porque a minha mãe queria que ela estava doente que ela não podia estar presente nas coisas e me dar uma coisa melhor, uma roupa melhor, um dinheiro pra sair, enfim. O meu pai já é outra história. É bem estrutural também essa coisa do pai abandonar e tudo bem mais é isso assim.

O trecho acima demonstra como a ausência do pai é violenta na vida de J, a mãe deixada sozinha adoece e isso compromete as condições materiais de vida dos filhos, pois o outro progenitor não está presente. É interessante como a entrevistada aponta o abandono paterno como estrutural, indicando que não vê como exclusividade da sua experiência, não sendo seu pai um homem “fora da curva”, mas a regra quando o assunto é paternidade.

### 6.3.3. Olhares

Os olhares se relacionam principalmente com a maneira como sente que é vista pelas pessoas do entorno, falam de um sentimento de ser indesejada sua presença em determinados espaços, usa-os para descrever a frieza que sente nos vizinhos, diz daquilo que não consegue nomear muito bem, que não consegue colocar em palavras, mas consegue sentir a afetando quando circula pelo bairro que hoje habita, que apesar de mais seguro de onde cresceu, a faz sentir uma insegurança que não consegue explicar muito bem, mesmo sabendo que algo está presente.



A gente não tem muito contato com os vizinhos eu moro num apartamento né? Então não sei muito bem quem são os vizinhos, eu demorei muito tempo pra saber a cara de alguns vizinhos, outros eu certamente nunca vou saber, alguns que sei cara, não sei nome. Mas isso se reduz aos vizinhos do meu prédio, porque do resto da rua eu não conheço absolutamente ninguém. E é isso a minha vida completamente distante de outras pessoas, mas em termo de transporte, de silêncio da rua, tem mais assim, é óbvio que a qualidade de vida, do que as pessoas chamam de qualidade de vida e que as pessoas entendem como ascensão social lá é diria melhor, mas não sei, acho que a hostilidade é diferente sabe? Tipo não sei explicar, só é estranho assim. [...]

É isso, eu sinto como se eu tivesse completamente só. Assim, sabe? Não só porque tem a minha esposa, né? Minha companheira, sei lá. Eu amo! Então eu sinto que somos eu e ela. E todo mundo é todo o bairro à nossa volta sabe? E até é um bairro legal a moça da vendinha lá da esquina já foi simpática, mas é isso, assim, a moça da vendinha da esquina e eu sei que ela é simpática, de resto não sei nada sobre o bairro, não sei nada sobre as pessoas de lá.

Os olhares são algo mais percebidos em espaços como o universitário, o bairro de classe média em que mora em Niterói. Os olhares contém uma certa hostilidade segundo a entrevistada, estão relacionados a sua raça, a cor. E isso a afeta em suas tarefas cotidianas, a maneira como se sente.

[...] hoje em dia eu vejo que o maior tipo de violência que eu sofro diariamente é racismo. Por mais que eu já esteja na faculdade há algum tempo que eu saiba tem um certo jeito de se vestir, tem um certo jeito de falar que eu acho que vão me proteger ainda acontecem situações que eu me pegam de surpresa na rua, no dia a dia, então... O impacto que isso tem na minha vida eu não consigo dizer porque às vezes eu estou indo, pro sei lá, indo pra casa ou voltando ou indo pra faculdade e passa umas falas que poderiam ser consideradas eh simples, pequenas, mas que fazem... mudam o meu “mude” sabe? Tipo, fazem diferença como eu vou levar o dia, como eu vou estudar, como eu vou ler o próximo texto, como eu vou chegar na aula, enfim, como eu vou chegar ali no trabalho. Óbvio que a gente vai desenvolvendo... né? Eu, mas pensando que mó galera que eu já troco, a gente vai desenvolvendo formas de lidar, tipo tentando deixar passar, mas acontece, assim.

#### 6.4. A Entrevista de C

É uma sensação muito de fato de impotência, sabe? De você não ter, no caso eu, né, certeza do que pode acontecer daqui pra frente, mesmo, por exemplo, sendo de acordo com o que eu acredito ou não assim, sabe? Na vida, entende? Eu acho que é isso assim, acho que poder falar sobre violência é também puxar pra realidade de que de fato, né? Assim como a violência ela não pode ser cem por cento extinguida, a liberdade ela também não pode ser cem por cento alcançada. E aí eu acho que pra mim fica isso assim eu acho que eu estava numa ...Eu escutei uma vez foi a segunda vez que eu fui de encontro ao meu pai de santo e ele falou uma frase que eu nunca vou esquecer pra mim assim que na verdade não foi ele né? Ele que fez a interlocução que ‘daquele momento em diante o véu já tinha sido arrancado do meu rosto’. E é isso né? Um véu arrancado quer dizer que a gente consegue ver as coisas sem algo na frente, né? Pra poder talvez às vezes embaralhar nosso senso de realidade.

Essa entrevista tem características próprias que a tornam diferente das outras, C apresenta uma entrevista com experiências em relação a diferentes localidades da região metropolitana do Rio de Janeiro, a quantidade de relatos de violências sofridas às vezes são impossíveis de caber em um único tema, como fizemos nas outras entrevistas, a presença da violência na sua vida desde a infância fazem com que seja ainda mais difícil resumir, estabelecer temas para suas falas. Além disso, acreditamos que boa parte dos comentários, das associações feitas nas outras entrevistas, não sejam necessárias. Nosso trabalho na presente entrevista se resumiu a retirada de pontos que de alguma forma fossem redundantes, breves considerações e a tematizar. Tudo para abrir mais espaço para que as experiências do entrevistado, seus questionamentos a respeito da liberdade quando se vê diante das violências que atingem jovens negros.

C tem 22 anos, morador de Duque de Caxias, numa região bem distante do Centro da cidade. Antes de morar nessa localidade, vivia em Olaria, bairro da Zona Norte da capital do estado do Rio de Janeiro. Vive somente com seu pai, desde que sua mãe faleceu durante a pandemia, com os conflitos familiares fora de controle, se vê obrigado a mudar para a cidade da baixada, onde sua mãe mantinha uma residência que carecia de reformas. É universitário e trabalha de home office, marca como uma das principais dificuldades do novo local as distâncias e a falta de transporte, a falta de segurança pública e a dificuldade para acessar serviços básicos.

#### **6.4.1. Violência urbana**

Nesse tópico o entrevistado fala principalmente das violências que sofre no ambiente urbano, primeiramente em Olaria, bairro da zona norte da cidade do Rio de Janeiro, desde muito cedo, sente que há uma necessidade de se proteger, sendo isso, algo que sabe desde que era pequeno, que sua experiência ao circular pelos locais não seria algo tranquilo, precisando estar sempre devidamente identificado, por conta de uma questão racial, de gênero e sexual:

Bom, eu sou cria de Olaria, né? Da Zona Norte do Rio de Janeiro e desde muito cedo a violência tava metida de modo simbólico, né? Primeiro dentro de casa, quando minha mãe começa a falar que eu com sete anos de idade eu teria que ter milhões de CPF's pra poder sair na rua, para comprar pão. E aí ao decorrer da minha idade eu fui pensando muito como que certas medidas de segurança, né?

Traziam também um Q de violência. Então eu tenho identidade desde muito cedo, CPF é a mesma coisa e aí isso me incutiu muitas preocupações né? Primeiro por ser um homem negro, mas tem a dimensão também por ser um negro gay e aí muito diferente percebendo né? A relação com meus colegas negros e não negros, muitos deles não saiam pra rua com documentos, então eu sempre tinha que andar com uma bermuda, uma calça com bolso pra eu poder guardar meus documentos. E é isso pra mim já foi dando algumas direções de que de certa forma eu não estava totalmente seguro na rua, né? Muitos relatos de pessoas da minha família que foram severamente parados pela polícia com enfim com intimidações muito truculentas e como que isso foi afetando também a relação dessas pessoas com o cotidiano delas. Eu consigo perceber porque na minha família inclusive tive alguns casos de pessoas que foram violadas durante uma operação policial, né? E aí eu vejo que de certa maneira, eu acho que o fato de eu ter hora pra entrar, hora de eu sair de casa, isso também já vai dizendo um pouco de como que eu não sou livre, né? E aí é aquela máxima, acho que antes da gente sair de casa, a gente tem que segurar muitas coisas. Por exemplo, uma coisa muito interessante que eu percebo hoje em dia, enfim, depois de anos é que sobretudo as pessoas que eu conheço, que são negras e são homens, sobretudo, entram no banco de mãos pra cima né? E aí isso também foi ensinado pra mim, e pros meus amigos da minha rua, pras pessoas da minha família, que é uma medida de segurança, né? Pra que a gente consiga entrar e sair dos lugares sem ter muitas questões. Eu acho que é isso.

Muda de cidade, ao ir para Duque de Caxias, um território, que a partir da experiência do entrevistado, é marcado por muitas forças, para além do Estado controlando a circulação e o monopólio da violência. O que cria muitos problemas para se acessar saúde, transporte, por exemplo, limitando mais seu acesso a serviços básicos. A violência urbana aparece como elemento que produz outras vulnerabilidades na vida de C:

Bom, atualmente tem cerca de um ano que eu não moro mais no Rio de Janeiro, mas circulo por aqui, moro em Duque de Caxias, um território que é marcado sobretudo pela milícia e pelo movimento paralelo. E a minha relação, por exemplo, com o bairro onde eu moro hoje é totalmente diferente de com o bairro onde eu fui criado, né? Primeiro o simples fato de eu não conseguir transitar pela cidade onde eu moro atualmente porque tem regiões que eu não posso entrar por conta de comandos diferentes. Então isso vai me dizendo por exemplo que alguns equipamentos de saúde, que são municipais em Caxias, eu não consigo acessar, por conta de questões territoriais e aí isso já vai me expandindo para outros lugares, né? Então hoje sobretudo eu consigo circular pelo Rio muito mais do que eu círculo em Caxias por questões inclusive como eu relatei agora, mas um fato muito principalmente que acomete meu cotidiano enfim nesse último ano é que eu tenho um horário pra entrar na minha casa, então por exemplo em Duque de Caxias, no Centro de Caxias tem ônibus rodando de domingo a domingo sendo que final de semana termina no máximo nove horas. Então se eu tiver em Caxias nove horas eu não tenho mais ônibus pra minha casa e aí isso vai dizendo pra mim o como que eu vou me relacionando com esse tipo de liberdade que é de fato um contrário de violência, né? Porque o fato de eu entrar tarde, no bairro onde eu moro, implica em, por exemplo, de eu ser assaltado, sabe? Então, eu tenho um toque de recolher onde eu moro. E isso por mais que sejam realidades em que eu já experimentei em outros momentos da minha vida em Olaria ou lugares próximos de Olaria tem sido muito marcado essa relação nesse meu cotidiano, né? Enfim, primeiro por algumas falas do sentido, tipo assim, 'Pô, tu é daqui?', a mesma pergunta sendo feita a semana toda, 'você é daqui, você é daqui' e aí isso vai dizendo também um pouquinho de como que eu me relaciono com esse

espaço que eu entendo que é a minha casa.

#### 6.4.2. Violência de Estado

C fala sobre abordagens policiais e da insegurança que sente até dentro de casa, pois não mora em lugar que possa designar como tranquilo. Há também o medo de abordagem policiais, algo que já significou o fim da vida direta e indiretamente de pessoas próximas ao participante. Nomeamos esse tema como violência de estado, pois o entrevistado traz essa influência da ineficiência de uma política pública, a de segurança, duplamente ao se mostrar ausente para proteger, e presente para agir como repressão violenta que pode significar não voltar para casa:

Cara, o lugar da segurança pra mim eu vejo que é um lugar entre muitos espaços, né? Entre espaços na verdade, né? Não consigo pensar segurança numa perspectiva contínua, ao mesmo tempo que eu penso que tem uma patrulha que roda no meu bairro ao lado da minha casa tem uma vala, que se chama vala sete e ela é uma vala que historicamente é conhecida por desova, de grupos armados, né? Então isso começa a pensar que a segurança não tá nem presente dentro da minha própria casa e pensar em ter segurança eu não consigo hoje na minha atual vivência pensar numa segurança plena, sabe? Consigo ver estratégias em que eu não passe por situações de violência. As estratégias que eu tenho abordado comigo mesmo. E aí que eu acho que também parte do pressuposto de que eu acho que a segurança ao meu ver ela parece muito num lugar onde que o outro não pode fazer alguma coisa com a gente ou que ele vai segurar que ninguém faça, mas isso não é uma verdade muito plena, porque o outro é o outro, eu sou eu e acho que por motivos de interesse, acho que até disputa de território ou de narrativas em locais diferentes, acho que cada pessoa vai priorizando aquilo que é dela, né? Então é muito comum por exemplo eu ver relatos de que ruas próximas foram assaltadas e que inclusive não teve nenhum tipo de patrulha ou nenhuma medida tomada ao mesmo tempo tenho colegas da minha rua que foram desaparecidos, em abordagens policiais porque foram confundidos. Então é um lugar muito, pra mim é um lugar muito inclusive de insegurança, né? Tipo, é uma segurança muito insegura porque na verdade eu não consigo ver a plenitude dela, né agindo tal qual ela se propõe.

[...] pessoas muito próximas ali de onde eu atualmente moro e que isso vai dizendo também do silêncio, né? É um silêncio onde é isso, ninguém vê, né? Ninguém vê, ninguém ouve, ninguém sabe e pra mim isso é preocupante, é muito preocupante porque pode ser comigo, né? Acho que pode ser qualquer um de nós pensar de noção de desaparecimento assim, sabe? E é isso atualmente eu tive uma situação onde eu passei por uma revista não foi uma abordagem violenta, mas pra mim foi uma abordagem nova na verdade uma coisa que não tinha acontecido comigo e a primeira coisa que me veio à cabeça foi exatamente isso. Ninguém sabe onde eu estou. Se eu desaparecer ninguém vai me achar, né? Então é isso né? Tive casos na família também de pessoas que foram desaparecidas, e outras que foram presas injustamente que dessa prisão foram desaparecidas também e aí isso vem preocupando né? Porque são casos que acontecem na minha rua, no meu bairro, mas que aconteceu na minha família e que podem estar muito próximas

também. A qualquer momento acontecer.

Abaixo o entrevistado continua a contar sobre essa violência que o estado traz para sua vida e de pessoas próximas, conta de uma situação que ocorreu fora do âmbito metropolitano do estado, que aconteceu com um familiar. Decidimos manter pela força do relato, e embora tenha ocorrido fora do local tema, ainda afeta a pessoa que vive nessa região, mesmo que indiretamente.

Então é isso sobre essa situação da minha rua é aquela parada, a gente sabe que acontece, sabe como é que é, só que ninguém vê, ninguém ouve, ninguém fala, só acontece, né? Na minha família eu tive um caso de um primo, de lá de Cabo Frio em que é isso, né? Ele foi preso injustamente por um crime que ele não cometeu e antes disso, antes dele de fato ser preso desapareceram com ele, né? E até hoje não sabe o que entre ele ter desaparecido e ir pra cadeia, o que de fato foi o que aconteceu com ele. O que eu posso dizer por exemplo dessa história bem próxima, é que após ele sair da prisão literalmente passou-se três meses e ele faleceu de uma causa desconhecida, né? E isso pra mim me toca numa questão muito particular porque é isso, né? Um caso que aconteceu na minha família, que é uma pessoa muito próxima a mim também, mesmo embora tendo distâncias muito enfim. Muito decorrente, né? Mas é isso. Eu fico pensando também no meu futuro, eu quero ser pai e olhando pra essa estrutura toda eu não consigo ter o mínimo de pensamento de como que eu vou promover que meu filho esteja em espaços seguros, né? Promover que ele saiba se defender ou eu consigo não consigo ver na verdade uma proposta de segurança completa a tal ponto de por exemplo eu não preocupar dele desaparecer.

O Estado garantidor não existe na vida de C, até trabalhar ou ouvir música na rua é um desafio por questões de segurança pública:

[...] Onde eu moro atualmente eu preciso arrumar um emprego onde eu consiga sair, ter um expediente onde eu consiga chegar em casa antes do toque de recolher, né? E aí isso já me limita inclusive a minha oportunidade de emprego, porque aí eu tenho que achar empregos em que eu consiga de fato me organizar atemporalmente pra sair de casa segurança né? Entre aspas e voltar pra casa em segurança. Então isso já me diz também do que que eu posso ter de emprego, né? Por exemplo, às quartas-feiras, né? Eu eu faço um bico de professor e eu literalmente tenho que acabar minha aula mais cedo, uma hora mais cedo, isso já está acordado por exemplo para que eu consiga chegar em casa antes do toque de recolher e ainda assim eu termino a minha aula mais cedo porque uma das minhas alunas mora próximo de mim ela volta de carro o que, por exemplo, não me furta esse tempo de, por exemplo, sair da instituição que eu trabalho, né? E ir pro ponto e esperar o ônibus até chegar em casa, porque nesse processo aí dá cerca de quarenta minutos. Então isso já é um ponto muito específico. Questão de saúde a mesma coisa. Tem lugares que onde eu moro que atualmente que eu não consigo entrar. Porque são locais estrategicamente localizados inclusive. Então isso também já me dá um ponto de poder ter que sair do local onde eu moro pra que eu consiga acessar a saúde de outras maneiras. Então esse é outro ponto muito específico. A dimensão do lazer eu acho que também cabe com a questão de deslocamento, né? Então eu preciso me deslocar num tempo onde eu consiga sair e voltar pra casa, mas ao mesmo tempo entender quais são os lugares de lazer que eu vou, porque provavelmente no caminho deles pode acontecer alguma coisa ou

lugares específicos, estratégicos, enfim. Esse é um ponto e acho que o meu próprio deslocamento da cidade, assim, eu não consigo pensar um dia em que eu não saio preocupado assim, que eu não ando preocupado na rua. Uma coisa que minha mãe sempre falou das outras estratégias que ela deu, né? Enfim, ao longo da minha vida era que não era pra ouvir música na rua de fome. Porque é isso né? Você não consegue ouvir as ameaças iminentes que estão lá próximas de você. Houve conversas né? Enfim que possam tendenciar a lugares que você não precisa ir e hoje eu tenho essa mania. Eu não ando mais com fone escutando na rua, sobretudo no ônibus. Confesso que algumas vezes até escuto, mas a todo momento em qualquer lugar que eu esteja estou atento a rua, ao movimento, ao que tá acontecendo, né? E aí acho que isso também já mexe com deslocamento, que eu acho que deslocamento é uma questão acho que muito consequente de dinâmica de segurança, né? Porque eu acho que passa por esse lugar assim de você conseguir se deslocar tranquilamente. Porque provavelmente pode ter segurança e aí você pode se sentir mais seguro, mas a minha vivência no Rio de Janeiro ela diz que é isso, preciso estar atento a qualquer tipo de situação e me preparar pra resolver isso, né?

Relata a exaustão que a situação vivida traz:

[...] é exaustivo porque e eu acho que isso também relacionado a uma dimensão racial eu acredito que o que eu tô falando não seja uma coisa pessoalizada minha assim, mas eu consigo ver outras pessoas negras num total estado de atenção na rua assim sabe? E pra mim isso chega num lugar muito complexo porque é isso né? O que é de fato está livre porque eu acho que segurança também tem a ver com a dimensão de estar livre o direito de você ter direitos, né? Direito de ir e vir, direito a cidade, direito de lazer, sabe? Direito de deslocamento. E aí está em total atenção pode acabar minando a minha experiência, inclusive no direito à cidade, sabe? Então, eu me sinto exausto quando chego em casa, porque até esse processo de eu chegar em casa, é um processo de total atenção. E aí pra mim isso chega num lugar muito específico para dimensão racial porque eu consigo ver outras pessoas brancas por exemplo que não tem esse tipo de comportamento que eu tenho, e aí pra mim isso fica muito específico assim o porquê que isso acontece, estaticamente pensando né pessoas pretas são as que morrem mais sobre tudo jovens homens negros então é muito cai num ponto muito específico pra mim.

Ao falar de um lugar que se sente seguro, fala da praia, que na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, está localizada em lugares privilegiados da capital do estado, como Zona Sul e Barra da Tijuca. Também gosta de estar na cachoeira, mas as cachoeiras próximas de onde mora também são locais marcados pela violência:

[...]eu me sinto mais seguro por incrível que pareça é a praia, eu me sinto muito seguro na praia muito muito muito porque eu não sei se é um lugar onde é possível você observar tudo por um todo né? Ao mesmo tempo estando em lazer, mas eu não sei, pra mim é... pode ser até uma dimensão subjetiva assim pra mim né quando eu estou próximo do mar eu me sinto muito seguro eu não sei porquê, mas eu gosto muito de estar próximo do mar. Quando eu tinha mais tempo sobre tudo enfim mais dinheiro pra gastar com coisas eu todos os dias eu ia pra praia ia pra praia de manhã tomar café na praia sozinho. E pra mim e é isso né? De manhã a praia está até um certo horário vazia. Pra mim o vazio da praia não era preocupante, era reconfortante na verdade. Ao mesmo tempo que o cheio da praia pra mim não é preocupante, é reconfortante também gosto bastante de estar em

cachoeiras, mas é isso né? A cachoeira ela é um lugar que precisa atravessar mata, geralmente uma trilha e é isso né? Pensando as questões de violência que acometem a minha região é uma região onde não tem praia, mas tem muita cachoeira e é muito comum que é isso, né? A dimensão da desova. Não só na vala, mas em matos muito grandes, em florestas próximos também, é muito comum essa questão de desovar corpo, mas pra mim a praia é um lugar onde eu me sinto muito confortável de estar, sabe? Muito confortável mesmo.

Encerramos essa sessão com a fala do entrevistado sobre o que mais lhe chama atenção quando casos de violência em que pessoas negras viram notícia nas mídias:

[...] a violência policial, é o primeiro deles que mais acontece, ainda não tive essa experiência espero não ter também, mas tem pessoas muito próximas inclusive homens negros que já tiveram essa experiência e que não foram nada interessantes assim sabe? E é pra mim é muito específico. Sobre tudo quando sai na mídia essas questões de guerras travadas entre grupos sociais armados, né? Sociedade civil armada. Sejam eles policiais ou pessoas do movimento ou milícia é muito comum essa relação da vítima de quem é a vítima e de quem é o algoz, sabe? E é isso, né? É poder pensar que essa relação de violência ela é acometida por dois lados, né? Tanto lá do pessoal do movimento quanto o pessoal da polícia então ao mesmo tempo que eu tenho medo de ser confundido com uma pessoa que seja do movimento eu tenho medo de ser confundido com uma pessoa de um outro movimento, né? Então é isso, atualmente estou com o cabelo loiro e aí isso pra mim já me deu alguns olhares, de pessoas muito específicas. E isso pra mim é muito refletido na aparência por exemplo que colocam na mídia de quem são os possíveis agressores da sociedade. De quem são as pessoas da casta ruim da sociedade. Enfim, é só você pensar, por exemplo, o como é colocado as pessoas pretas na mídia, né? Sempre em posição de pessoas violentas, altamente violentos. De pessoas que são de fato traficantes de alguma coisa. E aí eu começo a me perceber nesses lugares assim, começo a me perceber e pra mim parece um espelho quando eu olho a mídia assim e eu olho pessoas que são próximas a mim da mesma idade que eu e aí eu começo a perceber de fato que aquela imagem não tem nada a ver comigo. E aí eu começo a perceber que se não tem nada a ver comigo ela tem alguma coisa estranha. Porque que pessoas específica estão sempre nesse mesmo lugar? E aí eu trago sobretudo pessoas pretas. Por que estar nesse lugar sabe? E aí às vezes não condiz com a realidade na qual eu vivo. Enfim.

### 6.4.3. Violência e Saúde Mental

A questão da saúde mental aparece na sua experiência de trabalho, em como interpreta a biografia de algumas pessoas negras e da morte de sua tia, que C relaciona a morte do filho depois de desaparecer após ser levado pela polícia (aqui temos a morte indireta pela violência de Estado), mas também a sua experiência de trabalho e de revisitara história de vida de figuras negras proeminentes com a questão da saúde mental.

Cara, eu acho que influencia cem por cento, sobretudo em noção de saúde, por exemplo, depois que esse filho dessa minha tia que morreu, né? Enfim, dessa forma que eu contei ela desenvolveu vários quadros por exemplo de depressão, de hipertensão e de coração grande. E aí pra mim é isso, né? Eu não sei explicar o

como que isso acontece, como que isso aconteceu, né? Biologicamente falando, né? No corpo dela e tal, mas eu acho que afeta diretamente, sabe? A própria relação de você ter produção de vida em si mesmo assim, entende? Eu acho que desenvolve bastante questões psicológicas também. Porque são situações traumáticas. E eu acho que a memória traumática ela vai te trazendo pra vários lugares específicos, sei lá é um caso muito distante da minha realidade hoje, mas eu fico pensando muito no Lima Barreto que é um escritor que eu gosto bastante e aí o cara foi internado sei lá duas ou três vezes por motivos não aparentes e Stela do Patrocínio também que foi uma outra pessoa preta que foi internada porque de fato ela só era preta, sabe? Conta a história dela, que ela acho que morava em Botafogo ou trabalhava em Botafogo aí nesses processos dela caminhar pela cidade próximo a Central do Brasil eu acho que eu não sei se ela foi confundida, mas prenderam ela e aí prenderam ela no hospital psiquiátrico de Engenho de Dentro. E aí disso ela só foi definhando só foi definhando e aí eu acho assim não tô muito a par das estatísticas propriamente dita né? Mas pensar que por exemplo hoje se bobear mais da metade da população usuária de saúde mental são pessoas pretas, né? E que tem históricos de violência, né? Seja diretamente ou indiretamente e é isso né? Falando sobre isso agora não sei o porque mais me veio à cabeça um trabalho que eu fiz uma vez em um CAPS saúde mental enfim, né? Em um CAPS AD3 de álcool e outras drogas. E era muito comum que relatos de pessoas que chegaram ali enquanto os usuários que fazem uso desse serviço o relato deles de iniciar a usar drogas, álcool, de forma abusiva foram por questões de racismo. Eles não falaram por isso, mas os laudos que eles trouxeram me deram entender que é isso, né? O fato de por exemplo serem violentados diretamente pela polícia, a própria relação deles com o território onde eles moravam, né? A dimensão deles irem e virem em lugares que eles não poderiam. Então eu acho que isso é um bom indicativo, né? De poder pensar o como que a violência ela atinge de forma desproporcional a vida das pessoas pretas.

#### 6.4.4. Desesperança

A desesperança se apresenta, assim como nas outras entrevistas, aparece na medida que a realidade, a partir da forma como é vivida pelo entrevistado não lhe dá outro dado a não ser um que lhe indique uma permanência no estado atual das coisas, sente que nada vai mudar:

Eu escutei uma vez, né? Se eu não me engano uma pessoa que é otimista ela precisa às vezes ser negativa. Porque o fato de você ser negativo você traz pra realidade dados que a gente não consegue falar, ou aceitar. Então sendo muito sincero, sendo negativo e talvez sendo otimista. Eu não consigo ver melhora, eu não consigo ver melhora de lado nenhum assim. Eu acho que a dimensão da violência, ela vai ser uma dimensão que vai sempre existir. Mas eu fico pensando muito quais são os trabalhos de base que podem ser feitos assim pras novas juventudes, sobretudo juventudes pretas que vem chegando aí, né? Talvez pensar em estratégias que possam ser colocadas pra vida delas. Essas próximas pessoas que estão chegando no mundo ou na maior idade, eu não sei, não sei, acho que não tem uma resolução, eu acho que talvez possam ter redução de danos nesse sentido. Talvez pensar sei lá, tô viajando aqui, mas talvez pensar em ter propostas, em produção de vida, sabe? Desde a base dessa criança dar maneiras também de ela poder pensar sobre isso, sobre como que a violência afeta ela já na



infância, sabe? Não sei, pode ser uma coisa muito utópica da minha cabeça assim como pensar que a violência que pode ser extinguida, né? Mas acho que pensar de forma bem abrangente como que a gente também tem lidado com as nossas crianças. Como que a gente tem dado oportunidade de vida pra elas, sabe? De estratégia de vida, de produção de vida para elas. Então eu não sei eu acho que não sei nem se é um encaminhamento, se é uma pergunta, se é uma resposta, mas pra mim chega num lugar muito de vários caminhos assim, mas extinguir a violência eu acho que é uma demanda muito impossível. Muito não, ela é impossível na verdade.

Uma semana antes da entrevista passou por uma situação que sentiu sua vida fortemente ameaçada, que na nossa visão ajuda a compreender esse cenário de desesperança de forma explícita:

[...] fui encontrar com um colega meu, um conhecido na verdade e ele mora num lugar muito específico enfim já fui visitar ele outras vezes e tal, não tive problema pra entrar dessa vez que aconteceu eu tive problema para entrar enfim no território onde ele mora e aí pra mim nesse processo foi revistado de certa forma e aí uma frase ficou muito latente nesse processo que foi a seguinte frase, “O que a gente faz com ele agora?” Essa frase pra mim ela me tocou de muitas maneiras muitas maneiras porque depois dessa situação que aconteceu ao retornar a minha casa eu fiquei pensando né? Que a liberdade ela é também uma utopia. Porque acho que violência e liberdade são palavras que podem estar no mesmo contexto, né? Talvez antagônicos, mas elas estão na mesma linha de raciocínio em alguns momentos e aí o esse fato. Essa frase ela foi usada num contexto específico. ‘O’Que a gente faz com ele’, mas ela pode ser usada em qualquer contexto de violência específica porque a violência ela pressupõe que alguém tenha a ação de fazer e alguém que tenha a ação de receber, aí nesse momento eu consigo ver a violência também como poder. Um poder de decidir sobre as coisas, de mudar o curso das ações também. E sendo muito sincero quando eu escutei essa frase eu pude cair na real de que é isso a minha vida ela não é só minha né? A minha vida é do mundo e o mundo também às vezes decide o que quer fazer de maneira errada, o curso das ações talvez. Acho que é isso.

#### **6.4.5. Perda Familiar**

Quando a entrevista já havia encerrado, o entrevistado começa a falar espontaneamente sobre seu irmão, por pensar em como a vida a de seu irmão foi marcada por ela, visivelmente emocionado. Pergunto se poderíamos voltar a gravar, o entrevistado consente:

Meu irmão tinha quatorze anos quando ele faleceu e aí a minha relação com ele era uma relação inclusive boa né porque eu não conseguia ver uma figura paterna que era o meu pai porque eu quase não via meu pai, oque não é muito diferente de hoje em dia. Mas a minha relação com meu irmão era que ele estava muito ali, né? Por mim, pela minha mãe, enfim. E aí o que acontece, eu só fui inclusive descobri alguns motivos do falecimento dele depois que ele faleceu. E depois que minha mãe faleceu há um ano atrás. Que aí eu recebi algumas narrativas da minha tia que me criou, da minha madrinha que conseguiram ter uma outra relação com o meu irmão, diferente da minha. E aí eu lembro que uma das vezes que minha tia

falou sobre meu irmão foi ele dando uma arma pra ela meu irmão só tinha quatorze anos. A gente não morava no morro nem próximo do morro não próximo sim, mas eu falei assim caralho, mas ele só tinha quatorze anos, como é que ele ia dar uma arma pra minha tia sabe? Como que ele importou essa arma? Como que ele ganhou essa arma? E aí o que aconteceu, né? Nesse processo, tudo indica que pessoas de facções diferentes estavam atrás do meu irmão ao mesmo tempo, a polícia por qual motivo eu não sei, mas e aí nesse processo todo eu senti que ninguém conseguiu ajudar ele, sabe? Nem meu pai, acho que nem minha mãe conseguiu e tudo bem, né? Tipo, mas assim lembrando disso eu hoje e enfim tendo discernimento de algumas coisas eu consigo ver que ele estava tão atrás de uma violência que ele não tinha ninguém pra poder ajudá-lo só ele mesmo sabe e como que isso é cruel? Porque ele ser procurado por facções diferentes, ao mesmo tempo pela polícia e ninguém saber tipo, fico imaginando assim se isso fosse comigo tipo oque que eu iria fazer sabe? E é isso que descobri enfim que ele faleceu de fato um ônibus atropelou ele e passou por cima dele, né? Mas ele já tinha falado pra minha tia que ele ia se matar, né? Não dessa maneira, mas e aí fico pensando assim que ele foi vítima de uma violência não necessariamente direta, mas talvez indireta e ao mesmo tempo indireta também, mas não diretamente e ficou por isso mesmo sabe sei lá é sei lá é... É isso ele foi basicamente uma pessoa que se meteu em situações erradas não teve amparo e teve um fim trágico sabe e é isso.

A morte do irmão mais velho é um tema extremamente sensível para C. Seu irmão tinha 14 anos de idade quando morreu atropelado. À época com 5 anos de idade, C começou a tomar medicação controlada, para lidar com a morte, o que deixou consequências como não lembrar de parte de sua infância. Anos depois ficou sabendo das relações com o tráfico e os desejos de morte que seu irmão sentia. A presença dessa história, a força que tem fez-nos dar a ela um tópico em separado, mesmo que se encaixe em outros temas não seria fiel a experiência.

[...] é uma violência que atingiu ele, mas que atinge também proporcionalmente a mim sabe? Mas era isso né, eu não podia fazer nada por ele, só tinha cinco anos é isso, né? Uma violência que atinge diretamente a mim também em alguns momentos que isso promoveu como que eu passasse metade da minha vida na idade que eu tenho hoje enfim, tomando eu acho que era neuleptil, era uns remédios de tarja preta assim, sabe? E o como que isso pra mim de certa maneira provocou, sabe? Muitas coisas. O fato de eu por exemplo ter uma baixa autoestima porque eu ficava muito letárgico, era um remédio que me deixava muito letárgico. E mesmo assim eu tinha que ir pra aula, sabe? Fazer outras coisas então durante esses anos eu fui conhecido por muitas vezes com uma pessoa que não sabia responder as coisas por isso era uma pessoa burra sabe? E isso pra mim me provocou diversas questões de autoestima de poder ter segurança, sabe? Nas coisas que eu digo, nas coisas que eu faço. Por mais que eu saiba que são comentários pertinentes que não são mentirosos parece que é tipo assim que eu ganhei uma corrida, mas eu não consigo comemorar, sabe? Eu acho que é essa analogia que eu tenho pra fazer, que eu fui mais rápido, né? Fui mais inteligente, fui mais esperto, passei a linha de chegada, mas não tem como comemorar, as pessoas falam que eu foi bom, mas eu não tenho esse ‘Uhuuu é isso mesmo eu sou inteligente’, é tipo não sabe? A ótimo o que tem que fazer eu faço e acabou sabe? E eu não sei até que ponto isso é uma coisa fútil ou não, mas eu fico pensando que talvez se eu não tivesse a relação que eu tenho com essa baixa autoestima como eu tenho hoje, né? Se fosse diferente, provavelmente teriam sido totalmente outras coisas diferentes.

O fato de eu poder ter mais segurança de coisas que eu faço de poder experimentar, sabe? No meu próprio corpo, essa sensação de ser uma pessoa diferente sabe? Eu não sei, eu acho que pra mim isso eu não consigo sentir assim, sabe? Parece que eu sempre preciso fazer mais e mais e mais e mais e mais pra que eu possa me satisfazer com o resultado que talvez eu nunca alcance, sabe?

## 6.5. Síntese das entrevistas

Nessa parte do trabalho trataremos brevemente os temas das entrevistas e mostraremos como a partir delas desenvolvemos dois temas de análise, que dirão do trabalho em si. Para tal, será necessário levar em consideração o nosso método, referenciais teóricos, bem como do campo em que estamos situados, sem o esquecimento da realidade apresentada pelos entrevistados em seus fortes relatos.

Os temas estabelecidos em cada entrevista nos ajudaram na tarefa de ler as entrevistas até aqui, mas eles não são o ponto final da análise, uma vez que nossa pesquisa é, em primeiro lugar, coletiva e não individual. Então, o fim de nossa pesquisa não se tratará de uma soma desses temas. Os temas são de cada entrevista e nos ajudaram a estabelecer como a violência afeta a vivência dos jovens. Eles precisam ser traduzidos para temas gerais que são uma tentativa de síntese do que aparece nas entrevistas.

Podemos ver na nuvem de palavras abaixo, que alguns temas se repetem entre os entrevistados: violência urbana (duas vezes), violência de gênero (duas vezes), olhares (três vezes), desesperança (três vezes) e circulação pela cidade. Mas não será somente a pura repetição de temas que será levada em consideração, mas para o que os temas levantados na entrevista apontam, em que sentido coletivo é possível fazer a leitura da realidade da violência armada no Rio de Janeiro.

Imagem 1. Nuvem de Palavras.



Fonte: Próprio autor, 2023.

Em nosso método, está estabelecido que os temas gerais da Análise Fenomenológica Interpretativa geralmente são existenciais, mas como vemos em Fanon, em situação de opressão, análises de questões relativas ao ser se tornam inviáveis quando não levamos em conta o contexto, pois, na leitura que fazemos de Fanon, o colonial é uma irrupção tão violenta que muda o que há de natural na existência humana. Então, temas existenciais estão intimamente relacionados a temas como direitos humanos, por exemplo.

Seguimos uma linha analítica que valoriza a experiência vivida trazida pelos entrevistados, em detrimento de buscar estabelecer temas exclusivamente existenciais clássicos como a angústia, embora não os ignoremos. Nosso caminho de pesquisa precisou ser adaptado ao que se apresentava, nesse caso, a questão racial brasileira, algo já previsto na AFI, que valoriza a criatividade ao se pesquisar. Nossa maior preocupação é que para aplicar um método qualquer, sermos fiéis, esqueçamos da realidade, do contexto.

Dito isso, também precisamos, nesse trabalho, de estabelecer os temas, sobre como a

violência afeta jovens negros na região metropolitana do estado do Rio de Janeiro, de que nos situamos dentro da Psicossociologia de Comunidades, para tal não podemos esquecer que os temas de alguma forma tem que dialogar com o campo, não podem ser temas individuais. Ao levarmos esses critérios em consideração, o contexto, o campo em que estamos inseridos, e principalmente as experiências trazidas, estabelecemos dois outros que a pesquisa vai explorar, que indicam como a violência afeta a população negra, a violação de direitos e a liberdade. Veja na tabela a seguir:

Tabela 3: Temas enunciados pelos entrevistados.

VIOLAÇÃO DE DIREITOS	LIBERDADE
VIOLÊNCIA URBANA	OLHARES
VIOLÊNCIA DE GÊNERO	DESESPERANÇA
CIRCULAÇÃO PELA CIDADE	VIOLÊNCIA E SAÚDE MENTAL
-	PERDA FAMILIAR
VIOLÊNCIA DE ESTADO	-

Fonte: próprio autor, 2023.

## **7. Violação de Direitos e Liberdade**

### **7.1. Violação de Direitos**

Este tema se relaciona a uma pauta de direitos, aqui exploraremos principalmente como o que está estabelecido como direito é negado constantemente aos participantes da pesquisa. O acesso a serviços básicos é muitas vezes negado, como no caso de C em que ir a uma unidade de saúde, ter um trabalho que o faça chegar um pouco mais tarde, circular pela cidade para visitar um amigo significa colocar sua vida em risco; ou no caso de M, que estar em sua casa gera, coloca sua integridade física em risco. O medo que C e R sentem em relação a agentes do Estado faz com que se limitem a circular e explorar mais a cidade. Assim, há 4 tópicos, temas das entrevistas individuais, relacionados à violação de direitos. Eles podem ser traduzidos nas violações dos seguintes direitos: direito à vida e o direito de ir e vir.

O direito a vida está garantido na Constituição, e como o Brasil não tem pena de morte em seu código penal, a vida é algo que nem mesmo o Estado poderia dispor, em condições normais. Mas, na realidade, o que acontece no Rio de Janeiro, tendo como base as estatísticas e principalmente as entrevistas, não é bem assim que as coisas realmente acontecem. C traz um forte relato de como conhecidos, familiares tiveram um fim violento por ação policial. Conta inclusive sobre como sua própria vida ficou em risco em várias situações do seu cotidiano. J fala da sua experiência com a amiga que fora atingida, uma breve revisitada às estatísticas nos diz que um jovem negro é assassinado a cada 23 minutos no Brasil (SENADO FEDERAL, 2016).

A exceção que é a marca do estado colonial, a vida controlada pela morte, a vigilância constante da circulação, os direitos mais básicos como o de se viver são negados (FANON, 1968). As políticas de violência, quando o estado se faz presente através da polícia, e também quando se faz ausente através da milícia e do tráfico na cidade do Rio de Janeiro, fazem do medo da morte não aquilo que necessariamente reflete sobre a vida, levando ao que há de mais original (MALDONADO-TORRES, 2007), mas aquilo que leva a viver um terror constante (MBEMBE, 2018). Esse terror imita a circulação pela cidade, há um impedimento que é estabelecido pela ameaça de morte e a integridade física.

A infraestrutura de transporte da região metropolitana do Rio de Janeiro não permite que a população, que dela depende, possa circular livremente fora dos horários de ida e volta

do trabalho, principalmente no fim de semana. Ir para o centro e seus redutos de lazer à noite, como teatros, shows etc. é uma tarefa difícil. Embora não exista, como na época do colonialismo argelino (FANON, 1964), uma lei escrita que proíba a circulação de negros em determinados espaços, mesmo o centro da cidade do Rio de Janeiro, lugar historicamente negro, a dificuldade de acesso, num lugar que passou e passa por um processo de gentrificação (VEIGA, 2014; OLIVEIRA, R. J. e OLIVEIRA, R. S., 2015), diz que a circulação da cidade está limitada por muros invisíveis e falta de mobilidade.

Há um movimento para cindir a cidade como no colonialismo, há divisões estabelecidas entre subúrbio e centro, baixada fluminense e cidade do Rio de Janeiro, favela e asfalto que aparecem a todo tempo no discurso de nossos entrevistados. C fala que há um acordo com seu empregador, para que não chegue tão tarde em casa do trabalho freelancer que executa; M se sente desanimada a sair de casa por conta dessas dificuldades. O direito de ir e vir é limitado pela dificuldade de acesso ao transporte, preservando a estrutura colonial da cidade. As patrulhas em entradas de favela, a viatura que está sempre circulando não estão nos locais periféricos para garantir a segurança da população local, mas para controlar seus corpos, ainda que seja pela morte do corpo (FANON, 1964; MBEMBE, 2018).

A falta de garantias a vida e a integridade, pelo medo da violência urbana somada a falta de transporte público afeta a circulação pela cidade dos participantes, o direito de ir e vir sendo cerceado, que por sua vez impede acesso ao lazer, principalmente a noite, como nos casos de M e R, e a saúde, trabalho, estudo e lazer de C que se sente obrigado a chegar em casa em horário mais avançado para não ser mais um numa área de desova de corpos. Um fato a ser mencionado é que tanto o direito à vida, quanto o de ir e vir são garantidos pela Constituição Federal do Brasil (1988), dessa forma a violação de direito que fizemos aqui é também uma violação à Constituição.

Já quanto a violência de gênero, as estatísticas revelam uma realidade alarmante, mostrando a persistência de uma cultura de desigualdade de gênero e a necessidade de medidas efetivas para combater esse problema. De acordo com o Instituto de Segurança Pública (ISP, 2019) do Rio de Janeiro, os registros de violência doméstica contra a mulher têm aumentado nos últimos anos. Em 2019, foram registrados mais de 72 mil casos, um aumento de 14% em relação ao ano anterior. Esses números evidenciam a gravidade do problema, que afeta mulheres de todas as idades e classes sociais. Além disso, o estado do Rio de Janeiro apresenta uma alta taxa de feminicídio, que é o assassinato de mulheres por

razões de gênero. Segundo o ISP, foram registrados 109 casos em 2019. E em 2022 temos como dado que 60% das mulheres vítimas de violência são negras (ISP, 2022). A mãe de M e M não são as únicas mulheres a se sentirem ameaçadas dentro de suas próprias casas, no estado do Rio de Janeiro

Essas violações de direitos relacionamos a ética da guerra, nas ausências e nas presenças, o jovem negro é tratado como inimigo a ser controlado ou aniquilado, homens negros em sua circulação pela cidade e no caso de mulheres negras até dentro de suas casas (como vimos no parágrafo anterior, e principalmente na entrevista de M). Um exemplo disso é visto no temor que R tem em suas interações com a polícia, em que teme ser assaltado ou sofrer uma abordagem mais truculenta. Ou no caso de C com as histórias de seu primo desaparecido, ou na falta de segurança que a presença da polícia lhe traz.

As entrevistas e a literatura apontam para descartabilidade da vida de jovens negros, tudo parece passível de ser feito com o corpo racializado, destituído de seus direitos mais básicos, como a vida e o direito a livre circulação. O que foi visto até aqui demonstra a necessidade de políticas públicas para a juventude negra, para a construção de uma realidade que efetivamente contrarie a guerra (MALDONADO-TORRES, 2007), que tratam a população de maneira desigual, práticas essas fundamentadas na colonialidade, que se atualizam sob novas roupagens, mesmo com o fim do colonialismo.

## **7.2. A Liberdade e os Jovens Negros**

Ao longo de sua produção filosófica, Sartre apresenta uma mudança na concepção de liberdade, passando de uma visão mais individualista para uma perspectiva mais social e política. Em suas primeiras obras, como "O Ser e o Nada", Sartre (2007) apresenta uma visão de liberdade como um estado de ser individual e absoluto. Para ele, a liberdade é a capacidade de transcender os condicionamentos e determinações da existência humana, tornando-se um "ser em si" capaz de criar seu próprio sentido e valores. Nessa perspectiva, a liberdade é uma responsabilidade que coloca a pessoa frente ao vazio e à angústia da existência. No entanto, ao longo de sua carreira, Sartre passa a entender a liberdade de uma forma mais coletiva e política. Ele busca conciliar a liberdade individual com a necessidade de ação e engajamento na esfera pública. Sartre (2007) enfatiza a importância da tomada de posição e da responsabilidade coletiva na construção de um projeto comum de liberdade.

Nessa nova perspectiva, a que nos interessa mais nesse trabalho, a liberdade não



pode ser alcançada apenas através da ação individual, mas requer a participação ativa na esfera pública e a transformação das estruturas sociais opressivas. Se tomarmos a opressão aqui tida como algo que abala a ideia de liberdade individual isolada do restante do mundo, em absoluto, não faz sentido dizer que a liberdade do jovem negro é o que está em jogo. Mas se considerarmos, tal qual o Sartre de “A crítica da razão dialética” (2007), a liberdade individual e a liberdade coletiva são inseparáveis, e que a busca da liberdade individual deve ser acompanhada pelo engajamento político e pela luta pela liberdade de todos. Há uma ênfase na importância das relações sociais na formação da liberdade humana, nossas escolhas e ações são influenciadas pelo contexto social em que vivemos e pelas interações com os outros. Isso significa que nossa liberdade não é apenas individual, mas está sempre relacionada ao mundo social ao nosso redor.

A liberdade está intimamente ligada às relações sociais, ao reconhecimento, não pode ser como uma condenação, mas algo construído através da luta, num jogo de forças (FANON, 2008). Luta-se por esse reconhecimento para se tornar algo, do contrário sua atuação vai ser sempre pautada por esse que não reconhece mutuamente:

O homem só é humano na medida em que ele quer se impor a um outro homem, a fim de ser reconhecido. Enquanto ele não é efetivamente reconhecido pelo outro, é este outro que permanece o tema de sua ação. É deste outro, do reconhecimento por este outro que dependem seu valor e sua realidade humana. É neste outro que se condensa o sentido de sua vida. [...] É na medida em que ultrapasso meu ser imediato que apreendo o ser do outro como realidade natural e mais do que natural. Se fecho o circuito, se torno irrealizável o movimento nos dois sentidos, mantenho o outro no interior de si. Indo às últimas consequências, chego mesmo a lhe tomar este ser-para-si. O único método de ruptura com este círculo infernal que me reenvia a mim mesmo é restituir ao outro, através da mediação e do reconhecimento, sua realidade humana, diferente da realidade natural. Ora, o outro deve efetuar a mesma operação. “A operação unilateral seria inútil, porque o que deve acontecer só pode se efetivar pela ação dos dois (FANON, 2008, p. 180-181)

A falta de resistência ontológica em Fanon (2008) fala da dificuldade do negro de manter sua integridade ante ao branco, na ordem colonial do mundo, e suas instituições, onde o negro ocupa um não-lugar, trazido pela falta de reconhecimento. Esse lugar desumanidade, a partir da experiência de se viver em uma sociedade que se é racializado, traz para o negro uma fragilidade que o desmonta com um olhar, carregado de história, pois há muito em jogo, até a própria vida. Um olhar de suspeito pode significar uma revista em que pode ser assaltado por agentes do estado, como no caso R, ou desaparecer como no caso do primo de C.

Vejamos a história do curta-metragem ganhador do Oscar “Dois estranhos” (2021)

que conta a história de um jovem negro que acorda e revive insistentemente o mesmo dia, não importando o que decida é morto pela polícia, na maioria das vezes pelo mesmo oficial de polícia, vemos um exemplo dessa falta de reconhecimento como impeditivo para que uma escolha seja realmente efetiva, uma vez que se escolhe e essa escolha, mesmo que sempre diferente da anterior você chega ao mesmo resultado, você não é livre, sua vida é eterno congelamento de sentido, como um hamster numa roda que o leva a lugar nenhum.

Continuando a falar sobre o filme que se passa na cidade de Nova York, após passar a noite fora com Perri, que conheceu na noite anterior, Carter James, o protagonista, acorda e tudo que deseja é retornar para casa e ver seu cachorro. Só que essa simples missão ganha contornos diferentes, quando desce do apartamento e esbarra num homem, há um breve desentendimento, mas tanto Carter quanto o homem branco em que esbarrou não parecem dispostos a prosseguir com a discussão de poucos segundos, quando ambos já estão seguindo seus respectivos caminhos, o oficial Merk decide abordar o protagonista por conta de um cigarro e o dinheiro em espécie que carrega consigo, o protagonista recusa a revista ilegal, e é enforcado até a morte.

A história, porém, não acaba com a morte de Carter, pois ele acorda na mesma manhã, para reviver o mesmo dia. Ele desce novamente, tenta evitar tudo que pode levar a desconfiança de Merk para não ser abordado, se esquivava de esbarrar no homem branco que esbarrou no dia anterior, guardar o dinheiro no bolso para não cair no chão, mas mesmo a breve troca amistosa de palavras, ao desviar do homem, chamou a atenção do policial Merk, que o aborda, tenta proceder uma revista ilegal, os dois entram em confronto físico, e o protagonista é novamente morto, dessa vez a tiros.

As mortes de número três e quatro, também ocorrem a tiros, também tentando fazer algo diferente. Na terceira morte decide preparar um café da manhã, ficar no apartamento de Perri, com quem havia passado a noite, invés de ir para casa, mas polícia confunde a residência da anfitriã com outro imóvel, o invade e mata Carter a tiros. No quarto assassinato, decide sair do prédio sem um único item, só com a roupa do corpo, corre da abordagem policial, e é morto com tiro nas costas.

Nas cenas seguintes, há uma sucessão de mortes rápidas do protagonista, não bem desenvolvidas. Até que em uma manhã ele decide contar para Perri o que está acontecendo, ela sugere que tente conversar com o policial que está envolvido em sua morte todos os dias, ele aceita a sugestão e conversa com Merk, prova que sabe o que acontecerá, o policial

diz para Carter ir embora, ele vai e depara com a polícia em perseguição a dois suspeitos, que de semelhança ou relação com ele só tem a cor, e enquanto os dois fogem Carter é assassinado.

A penúltima vez (após ser morto 99 vezes) em que o protagonista acorda, para novamente tentar escapar da morte, conversa pela segunda vez com o policial, veem como solução, para Carter não ser assassinado novamente, que Merk o leve em casa. Enquanto estão no carro conversam sobre os variados temas, um parece compreender o ponto de vista do outro, tudo parece bem até se despedirem, momento em que o policial faz num discurso sobre como esse será o melhor assassinato, pois dessa vez o protagonista teria tentado apelar para a sensibilidade do policial, para a humanidade, havia tentado ser sedutor, após esse discurso, Carter é novamente assassinado pelo policial, que ao se despedir diz “Te vejo amanhã, garoto”. O filme se encerra com Carter iniciando uma nova tentativa de sobreviver, para reencontrar seu cão.

Enquanto Carter luta insistentemente para viver, mudando, exercendo a “liberdade de escolha”, há no outro uma falta de reconhecimento, que os leva a serem dois estranhos, como no título do filme, na medida em que o reconhecimento não é mútuo. Há um congelamento, uma cristalização da pessoa do negro ante ao olhar dos outros que compõem o mundo, a decisão do negro muitas vezes pouco importa, pois essa não é expressão de sua liberdade (FANON, 2008), como Carter que decide e ainda sim não é livre do mesmo fim, o que há é um destino dado não importando a decisão que tome, a morte violenta nas mãos dos agentes do Estado acontece.

Algo a se deixar mais bem explicitado, para que não haja equívocos na interpretação do que está sendo dito, a liberdade de decidir existe, ela só não é relevante, uma vez que não é reconhecida pelo outro, não tem força o suficiente para se impor. Ao ir em direção ao mundo, seja no caso de nossos entrevistados, ou do personagem do filme, tentando realizar seus desejos, a falta de reconhecimento do outro numa relação horizontal os amputa. Pois não basta que eu deseje, há no outro uma força para reconhecer ou não, daí se empreende uma luta. A esse respeito Fanon (2008, p. 181) nos diz:

Cada consciência de si procura o absoluto. Ela quer ser reconhecida enquanto valor primordial, desvinculado da vida, como transformação da certeza subjetiva (Gewisheit) em verdade objetiva (Wahrheit). Reencontrando a oposição do outro, a consciência de si tem a experiência do Desejo; primeira etapa do caminho que conduz à dignidade do espírito. Ela aceita arriscar a própria vida e conseqüentemente ameaça o outro na sua presença corporal.

Tomemos como exemplo alguns pontos que os entrevistados trouxeram para nossa pesquisa ao falar de violência sobre a violência. A começar pelos olhares, Carter só é morto pois é visto pelo mundo não como uma pessoa, mas como um negro, objetificado e cristalizado, como M, R e J trazem, há uma violência no olhar, que mais que ver como suspeito, não pertencente a determinado lugar, desumaniza. E ao desumanizar, se encobre o outro (DUSSEL,1993), a relação de horizontalidade eu-outro desaparece, o que sobra são relações verticalizadas de poder, tal olhar um dia categorizou a humanidade em raças, estabelecendo o branco como auge da humanidade, se manifesta a cada relato de tratamento desigual que o pai branco e a mãe de R recebem quando vão a alguma loja, os olhares dos seguranças, o tratamento truculento que recebe por parte, ou ainda não se sentir bem na Barra da Tijuca, onde fazia curso superior, passando pelas experiências de J no ambiente universitário e nos bairros em que morou após sair do morro do Caju, também na descrição de M da abordagem de um segurança do local em que estuda.

Mas além disso, vemos no olhar um elemento central dessa estrutura de opressão, o olhar modela a relação, é consequência da falta de reconhecimento, um olhar só se torna opressor na medida em que não reconhece o outro.

“Preto sujo!” Ou simplesmente: “Olhe, um preto!”

Cheguei ao mundo pretendendo descobrir um sentido nas coisas, minha alma cheia do desejo de estar na origem do mundo, e eis que me descubro objeto em meio a outros objetos.

Enclausurado nesta objetividade esmagadora, implorei ao outro. Seu olhar libertador, percorrendo meu corpo subitamente livre de asperezas, me devolveu uma leveza que eu pensava perdida e, extraindo-me do mundo, me entregou ao mundo. Mas, no novo mundo, logo me choquei com a outra vertente, e o outro, através de gestos, atitudes, olhares, fixou-me como se fixa uma solução com um estabilizador. Fiquei furioso, exigi explicações... Não adiantou nada. Explodi. Aqui estão os farelos reunidos por um outro eu (FANON, 2008, p. 101).

O olhar, dessa forma, condiciona a liberdade do jovem negro uma vez que o status de livre não se relaciona ao nascimento, mas a forma como está situado no mundo pelas relações de poderes que estão dadas antes de seu nascimento. Em outras palavras, por conta de sua força político-existencial, o outro, através de seu olhar, compromete o caráter livre da existência do negro, deslocando a importância da liberdade com o campo ontológico para o das relações de poder, deixando pouco espaço para se ser. E como em Fanon (1968, 2008) e Sartre (2007), há uma constituição de mundo alienada, que só pode ser mudada a partir de uma mobilização que vai para além da esfera individual.

Com base em Mbembe (2018), podemos dizer que a vida se torna cada vez mais

improvável num contexto de opressão. Pressupostos existenciais sobre vida e morte passam a não fazer sentido, pois morte e vida confundem-se, o limite não está tão bem marcado. A morte avança sobre a vida e faz dela seu domínio. Podemos assim entender a desesperança que marca as falas dos entrevistados, o peso dos olhares.

Nessa perspectiva pouco importa se o olhar era realmente discriminatório todas vezes, o que realmente importa é que há uma construção de mundo, um contexto em que um olhar tem um determinado peso, pouco importa se o segurança estava realmente seguindo, como no caso de R, o que importa é que essas situações se tornaram tão internalizadas na constituição de mundo do jovem negro que um olhar, uma falta de atenção no atendimento em alguma loja ou serviço público é interpretado dessa maneira por ser o que está mais próximo de seu mundo, que de alguma forma se tornou a lente com as quais interpreta tais ocasiões, o que conecta a questão da liberdade com a cognição.

Ao partirmos de um conceito de cognição fenomenológica-existencial, a relação com o mundo forma o mundo particular, embora não fechado, criado pelo agente a partir do comportamento no mundo, sua ação incorporada. Esse mundo particular oferece um repertório pré-reflexivo de comportamentos mais possíveis de serem emitidos, a partir do que acontece mundo. Conhecimento está atrelado ao fato de ser o mundo inserido no corpo do vivente, de sua linguagem e de sua história social” (BOUYER, 2020, p.149). Não sendo possível abrir mão de sua presença no mundo, ele co-cria um mundo a partir da vivência dentro do mesmo mundo. O mundo não pode ser percebido tal como é, mas como se apresenta para uma consciência, o corpo é vivo, sendo sua atividade sensorial e agir expressões dessa vida. As faculdades cognitivas são um “historial da vivência” (VARELA, 1994, p.88-89). Se a experiência de mundo for pautada pela violência estará mais inclinada a interpretar suas experiências com o que é mais próximo de sua vivência.

Tal qual Fanon (2008, p. 104) diz:

[...] tivemos de enfrentar o olhar branco. Um peso inusitado nos oprimiu. O mundo verdadeiro invadia o nosso pedaço. No mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa. Em torno do corpo reina uma atmosfera densa de incertezas. Sei que, se quiser fumar, terei de estender o braço direito e pegar o pacote de cigarros que se encontra na outra extremidade da mesa. Os fósforos estão na gaveta da esquerda, é preciso recuar um pouco. Faço todos esses gestos não por hábito, mas por um conhecimento implícito. Lenta construção de meu eu enquanto corpo, no seio de um mundo espacial e temporal, tal parece ser o esquema. Este não se impõe a mim, é mais uma estruturação definitiva do eu e do mundo – definitiva, pois entre meu corpo e o mundo se estabelece uma dialética efetiva

O corpo cumpre a tarefa de estabelecer relação entre o ser e seu mundo, é pela maneira que se engaja no mundo que pode o transformar, influenciar, e ser por esse mesmo mundo transformado e influenciado. Mas os corpos não são iguais, cada qual dotado de seus próprios potenciais de ação, há uma diversidade de possibilidades de ação no mundo com os outros. E ao pensar nos corpos racializados, essas potencialidades se tornam escassas, já que a sua cor jamais será esquecida, na relação com os outros que compõem o mundo. A tarefa de se relacionar se torna mais complicada, ainda que a possibilidade existencial ainda esteja lá, aparentemente, as condições para viver a liberdade da vida com os outros é limitada pelo contexto, assim como a vivência no mundo é afetada. O mesmo deve acontecer com a cognição que é conceituada como vivencial, visto que é formada em relação, no reconhecimento, não encerrada em si mesma.

## 8. Considerações Finais

O colonialismo cria dois mundos que se cruzam e misturam, isso não se dá só na construção da experiência para o negro. A possibilidade de compreensão dessa realidade confusa, com duas cidades, só é tangível através de relatos ricos, no respeito às histórias individuais que os próprios atores trazem, uma vez que sua existência só pode ser entendida a partir da experiência vivida. Ao nos depararmos com o que as entrevistas traziam, nos concentramos em estabelecer temas como a Análise Fenomenológica Interpretativa propõe, necessariamente, o mais fiel possível ao que aparece como tema na experiência do entrevistado. Um exemplo, a violência de gênero é um tema existencial para as mulheres negras entrevistadas. Dizendo de outra forma, as questões existenciais de pessoas negras não são relativas ao seu ser, mas a sua experiência. Então, o mais coerente é colocar nesse âmbito da experiência, seus temas existenciais. E foi o que fizemos, ao colocar o passo de estabelecer temas tanto individuais como coletivos nesse âmbito. Toda a interpretação é feita guiada por esse ponto fundamental, que é um dos pilares da AFI, considerando os entrevistados, seres auto-interpretativos.

A vida de jovens negros é afetada pela violência em muitos aspectos, como demonstramos com as estatísticas sobre violência contra a população negra, com o fato de a cada 23 minutos um jovem negro é morto no Brasil. O viver tem sido invadido por inúmeras formas de violência, a morte está para o corpo negro, como a vida está para o branco. Trouxemos relatos de algumas pessoas negras que entre si são diversas em modos de criação, locais em que cresceram, sexualidade, gênero, tons de pele etc. Mas todas tinham em comum, algo para contar sobre experiências de violência que viveram intimamente ou viram alguém próximo viver.

Existem diferenças que ficam marcadas a partir do local em que cresceram. R parece ter vivido num “entre” boa parte da vida por ser fruto de uma relação interracial, por ter tido acesso a lugares geralmente que não são possíveis para a maioria das pessoas negras, isso também vindo com uma dose de violência em seu viver, como relata em sua entrevista. Quando vai à favela, é por escolha, não por ser o lugar que tenha que morar, o que não o torna imune à violência, à abordagens truculentas, a ter seus direitos violados. Isso é diferente do que aconteceu durante boa parte da vida de J, que teve por muito tempo a favela como seu mundo, mesmo com toda a violência. Assim como é diferente da

experiência de C na Baixada Fluminense, outro território marcado pela violência.

Há uma diferença óbvia em relação ao gênero: as duas mulheres negras citam violências que claramente estão associadas a essa questão, relacionadas a temas domésticos, como a falta de suporte, afetivo e financeiro por parte do pai e agressões (no relato de M). Já os homens citam a polícia como fonte de temor, nos indicando algo também relacionado ao gênero, como R traz em seu relato, homens negros são os que mais morrem por mortes violentas. Ao analisarmos a liberdade do negro, sempre estamos falando de política, de distância e proximidades. Uma vez que pouco importa a condição originária de liberdade, importa muito mais do que as condições práticas de vida.

Embora existam essas diferenças, todos os participantes, de alguma forma, experimentaram um desconforto causado pelo racismo, como força violenta que atingia suas vidas e de pessoas próximas. O racismo se demonstrou um determinante na experiência de vida do jovem negro, importante seja na política de segurança que intensifica confrontos ou negligência lugares marcados por corpos negros, seja pelos olhares que segregam, para serem atingidos das mais diferentes formas de violência. A existência negra é assim, resistência em suas mais simples expressões, tal qual Carter que resiste a violência para voltar para casa, para reencontrar seu cachorro, insistir em viver, num ambiente onde sua vida sofre constantes tentativas de inviabilização, sendo a maior das resistências, e nesse pequeno espaço, em que não se aceita a morte em vida, há a possibilidade de uma existência negra realmente livre.



## 9. Referências Bibliográficas

- BARCELLOS, C.; ZALUAR, A. Homicídios e disputas territoriais nas favelas do Rio de Janeiro. **Revista de Saúde Pública**, v. 48, p. 94-102, 2014.
- BENICIO, L.F.S. et al. Necropolítica e pesquisa-intervenção sobre homicídios de adolescentes e jovens em Fortaleza, CE. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 38, p. 192-207, 2018.
- BOUYER, G. C. **O caráter antirrepresentacionista da cognição no pensamento de Merleau-Ponty**. *Trans/Form/Ação*, v.43, p.145-166, 2021
- BRASIL. Senado Federal. **CPI do assassinato de jovens**: relatório final. Relator: Senador Lindbergh Farias. 2016. Disponível em:<https://www12.senado.leg.br/noticias/arquivos/2016/06/08/veja-a-integra-do-relatorio-da-cpi-do-assassinato-de-jovens> . Acesso em: 30 mar. 2022.
- CAVALCANTE, L.F. et al. Efeitos psicossociais da violência armada no cotidiano de estudantes de uma escola pública da periferia de Fortaleza. **Revista Interdisciplinar Encontro das Ciências-RIEC**, v. 5, n. 1, 2022.
- CERQUEIRA, D. Coordenador et. al. **Atlas da violência 2021**. 2020. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio\\_institucional200826\\_ri\\_atlas\\_da\\_violencia.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional200826_ri_atlas_da_violencia.pdf). Acesso em: 27 jan. de 2021.
- DAVIS, D.H. **The phenomenological method**. In: G. Weiss, AV Murphy, & G. Salamon (Eds.). *50 concepts for a critical phenomenology*, p. 3-9, 2019.
- Dois Estranhos; Direção: **Travon Free, Martin Desmon Roe**. Produtora: Netflix. 9 de abril de 2021. 31 min. Disponível em: [www.netflix.com/pt/title/81444812](http://www.netflix.com/pt/title/81444812)
- DUSSEL, Enrique. 1492: **O encobrimento do Outro** (a origem do “mito da modernidade”). Petrópolis: Vozes, 1993.
- FANON, F. **Os condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização brasileira, 1968.
- \_\_\_\_\_. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: SciELO-EDUFBA, 2008.
- FAUSTINO, D. **Por que Fanon, por que agora? Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil**. 261 f. Tese (Doutorado em Sociologia). Programa de Doutorado em Sociologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.
- \_\_\_\_\_. **Frantz Fanon: um revolucionário particularmente negro**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.
- FOUCAULT, M. **Aula de 17 de março de 1976**. In: FOUCAULT M. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

- HALL, S. **The After-life of Franz Fanon: Why Fanon? Why Now? Why Black Skin, White Masks?** In: READ, A, (ed) *The Fact of the Blackness: Franz Fanon and Visual Representation*. London: Institute of Contemporary Arts and International Visual Arts, 1996, pp. 12-37.
- HENRY, P. African Phenomenology: its philosophical implications. **CRL James Journal**, v.11, p. 79-, 2005.
- HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. São Paulo: Ed. Vozes, 2005.
- INSTITUTO DE SEGURANÇA PÚBLICA (ISP). **Visualização de dados: morte por intervenção de agente do estado**. Disponível em: [www.ispvisualizacao.rj.gov.br](http://www.ispvisualizacao.rj.gov.br). Acesso em: 27 jan. 2022.
- LEMGRUBER, J. **Violência, omissão e insegurança pública: o pão nosso de cada dia**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, 2004.
- LEMO, F.C.S. et al. O extermínio de jovens negros pobres no Brasil: práticas biopolíticas em questão. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 12, n. 1, p. 164-176, 2017.
- LEVINAS, E. **Totalidade e Infinito**. Lisboa: Edições 70, 1980.
- MALDONADO-TORRES, N. **Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto**. In: CASTRO-GOMÉZ; GROSFOGUEL, R (org). *El giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombres Editores, 2007.
- MAIA, L.; TEIXEIRA, C.M.; KALAOUM, F. Do surgimento das favelas cariocas a UPP: políticas públicas de segurança, segregação, controle e a formação de contra movimentos locais. **Revista Mosaico**, v. 11, n. 2, p. 11-18, 2020.
- MBEMBE, A. *Crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Necropolítica*. **Artes e ensaios: revista do PPGAV/EBA/UFRJ**, n. 32, p. 123-151, 2016.
- MODESTO, Rogério. **"Você matou meu filho" e outros gritos: um estudo das formas da denúncia**. 247 f. Tese (Doutorado). Programa de Doutorado em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.
- MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- MUSUMECI, L.; RAMOS, S.; PARIS, L.L.; RIBEIRO, E.; ALAVADIA FILHO, A. **Juventude, violência e política: resultado da pesquisa amostral**. Rio de Janeiro: CESeC, 2012.

OLIVEIRA, R. J. DE; OLIVEIRA, R. DE S. Origens da segregação racial no Brasil.

**Amérique latine histoire et mémoire**, n. 29, 18 maio 2015.

PESSOA, W.L.R. **Encarceramento e genocídio de jovens negros**: faces do racismo no Brasil. 2020. 122f. Tese (Doutorado em Política Social) - Escola de Serviço Social – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.

PIETKIEWICZ, I.; SMITH, J.A. A practical guide to using interpretative phenomenological analysis in qualitative research psychology. **Psychological journal**, v. 20, n. 1, 2014, p. 7-14.

RAMOS, A. G. **Patologia social do “branco” brasileiro**. In: Introdução crítica à sociologia brasileira. Rio de Janeiro: Editorial Andes Limit, p. 171-192, 1957.

RAMOS, S. Trajetórias no tráfico: jovens e violência armada em favelas cariocas. **Trivium Estudos Interdisciplinares**, v. 3, n. 2, p. 41-57, 2011.

RAMOS, S. et. al. **A vida resiste**: além dos dados da violência. Rio de Janeiro: Cesec, 2021a.

RAMOS, S. et. al. **A Pele-alvo**: a cor da violência policial. Rio de Janeiro: Cesec, 2021b.

RAMOS, S.; LEMGRUBER, J. **Criminalidade e respostas brasileiras à violência**. Observatório da cidadania - Medos e privações: Obstáculos à segurança humana. Rio de Janeiro, v. 4, p. 45-52, 2004.

RAMOS, S.; NUNES, P. **A cor da violência policial**: a bala não erra o alvo. Relatório de pesquisa. Rio de Janeiro: Rede de Observatórios de Segurança/CESeC, 2020.

SANTOS, A.F.P.R.; SOUZA, L.M.B.; CARVALHO, T.F. Aspectos simbólicos, políticos e práticos da letalidade policial no Rio de Janeiro e em São Paulo durante o Governo Bolsonaro. **Revista Eletrônica Direito e Sociedade**, Canoas, v. 8, n. 2, p. 17- 40, 2020. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/redes/article/view/6830>. Acesso em 29 de jan de 2020.

SANTOS, D.D.; JORGE, D.R.S.R.; DE SOUZA, E.R. O paradoxo da política de segurança pública: Estado, PCC e a gestão da violência na cidade de São Paulo. **Primeiros Estudos**, n. 8, p. 105-124, 2017.

SARTRE, J. **Crítica da razão dialética**: precedido por questões de método. Gerd Bornheim. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

\_\_\_\_\_. **O Ser e o Nada**. Petrópolis: Vozes, 2007.

SINHORETTO, J.; MORAIS, D.S. Violência e racismo: novas faces de uma afinidade reiterada. **Revista de Estudios Sociales**, n. 64, p. 15-26, 2018.

SMITH, Jonathan A.; EATOUGH, V. **Análise fenomenológica interpretativa**. In: BREAKWELL, G.M. Métodos de pesquisa em Psicologia, Porto Alegre: Artmed, 2010, p. 324-338.

SOARES, L. E.; SENTO-SÉ, J.T. **Estado e segurança pública no Rio de Janeiro: dilemas de um aprendizado difícil**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

SOARES, T.L. et al. O caso do blindado Caveirão: apontamento sobre controle jurisdicional de políticas públicas em matéria de segurança. **Revista de Direito dos Monitores da Universidade Federal Fluminense**, v. 1, n. 3, 2008.

TOMBOLATO, M.A.; SANTOS, M.A. Análise Fenomenológica interpretativa (AFI): fundamentos básicos e aplicações em pesquisa. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 26, n. 3, p. 293, 2020.

UNODC. **Global Study on Homicide 2019**. Vienna, 2019. Disponível em: <https://www.unodc.org/documents/data-and-analysis/gsh/Booklet2.pdf>. Acesso em: 3 de junho de 2022.

VALE M.C. Violência em dose dupla: o abandono paterno. **Revista Casa D'Italia**, Juiz de Fora, Ano 3, n. 26, 2022 Disponível em: <<https://casaditaliajf.com.br/2022/08/25/revista-casaditalia-violencia-em-dose-dupla-o-abandono-paterno/>>. Acesso em: 1 ago. 2023.

VARELA, F. Conhecer, as ciências cognitivas, tendências e perspectivas. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

VEIGA, A. L.. **Segregação residencial e racial no Rio de Janeiro: Um estudo sobre suas origens e sua atualidade**. 2014. f. 63 Monografia (Graduação Instituto de Economia) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

WERNECK, A.; SOUZA, R. N. Narcomilícias: Traficantes e milicianos se unem em 180 áreas do Rio, segundo investigação. **O Globo**, v. 10, 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/narcomilicias-trafficantes-milicianos-se-unem-em-180-areas-do-rio-segundo-investigacao-24007664#:~:text=%E2%80%94Milicianos%20enfrentavam%20quadrilhas%20de%20uma,Seus%20integrantes%20s%C3%A3o%20mais%20audaciosos>. Acesso em: 30 de junho de 2022.

## ANEXOS

### Anexo A – Roteiro de Entrevista

- 1) Como você chega para essa entrevista, quais são suas expectativas?
- 2) Poderia narrar suas experiências com a violências no seu território? Como elas se dão? Quais os impactos na sua vida e de sua comunidade? Quais violências são as mais comuns?
- 3) Como é a vida no local em que você mora? Quais são os principais problemas? Segurança onde entra?
- 4) Quais são as memórias mais marcantes que tem do local em que mora?
- 5) Para você, como as violências impactam direta ou indiretamente sua vida, suas ocupações, seu cotidiano?
- 6) Traz algum impacto na sua circulação pela cidade, como emprego, estudo, lazer, atividades culturais?
- 7) Você sente ou já sentiu medo de sair de casa para fazer atividades do dia-a-dia? Existem lugares que você evita ir ou horários que evita? Existem lugares em que se sente mais segura?
- 8) Casos de violência, racismo em que vítimas são pessoas tem alguma influência na sua vida? Como se dá essa influência?
- 9) Já teve amigos, parentes que foram vítimas fatal ou não desta violência? Como foi isso para você e seus familiares, vizinhos, amigos?
- 10) O que você pensa sobre os efeitos desta violência na saúde e nas questões sociais das pessoas que presenciam, vivenciam este modo de vida?
- 11) Quais as perspectivas futuras no seu território em relação às violências?
- 12) Gostaria de registrar algo a mais que não nos falamos?
- 13) Como você está saindo dessa entrevista? Sente alguma diferença em relação ao modo com entrou e como termina?

## **Anexo B – Registro de Consentimento Livre e Esclarecido**

### **REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

#### **Informações aos participantes**

**1 Título do protocolo do estudo:** A violência e a vivência de jovens negros

#### **2 Convite**

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “A violência e a vivência de jovens negros”. Antes de decidir se participará, é importante que você entenda porque o estudo está sendo feito e o que ele envolverá. Reserve um tempo para ler cuidadosamente as informações a seguir e faça perguntas se algo não estiver claro ou se quiser mais informações. Não tenha pressa de decidir se deseja ou não participar desta pesquisa.

#### **3 O que é o projeto?**

O projeto de pesquisa consiste em uma investigação sobre como as vivências de jovens negros na região metropolitana do Rio de Janeiro é afetada pela violência. Para tal, realizaremos entrevistas com esse público.

#### **4 Qual é o objetivo do estudo?**

O projeto visa compreender como a violência afeta a vida de jovens negros moradores da região metropolitana do Rio de Janeiro.

#### **5 Por que eu fui escolhido(a)?**

Entrevistaremos 6 jovens negros e negras, entre 18 e 29 anos de idade, moradores da região metropolitana do Rio de Janeiro com experiências diretas ou indiretas com a violência. Está sendo convidado a participar por preencher esses critérios. A participação na pesquisa é voluntária.

#### **6 Eu tenho que participar?**

Você é quem decide se gostaria de participar ou não deste estudo/pesquisa. Se decidir participar do projeto “A violência e a vivência de jovens negros” você deverá assinar este documento e receberá uma via assinada pelo pesquisador, a qual você deverá guardar. Mesmo se você decidir participar, você ainda tem a liberdade de se retirar das atividades a qualquer momento, sem qualquer justificativa. Isso não afetará em nada sua participação em demais atividades e não causará nenhum prejuízo.

#### **8 O que acontecerá comigo se eu participar? O que eu tenho que fazer?**

Participará de uma entrevista com duração máxima de duas horas, onde responderá perguntas a cerca de suas experiências com a violência.

#### **9 O que é exigido de mim nesse estudo além da prática de rotina?**

Disponibilidade para uma entrevista com duração de até duas horas

#### **10 Eu terei alguma despesa ao participar da pesquisa?**

O participante não terá despesa alguma para participar da pesquisa

### **11 Quais são os eventuais riscos ao participar do estudo?**

A pesquisa será realizada em conformidade com resolução 510/2016, considerando que todas as pesquisas envolvem riscos, ainda que mínimos como nessa pesquisa. Há risco dos participantes serem tomados por forte emoção, devido a natureza sensível do tema. Caso se sintam incomodados os participantes poderão desistir da pesquisa a qualquer momento, mesmo após as entrevistas. E ainda, caso sintam que não foram respeitados procedimentos éticos podem recorrer ao comitê de ética.

### **12 Quais são os possíveis benefícios de participar?**

Possibilitar reflexões existenciais a partir da entrevista sobre a condição do jovem negro em relação a violência. A pesquisa pode contribuir na formulação de políticas públicas ao produzir conhecimento sobre a condição do jovem negro ante a violência.

### **13 O que acontece quando o estudo termina?**

Os participantes receberão por email uma cópia da dissertação de mestrado.

### **14 E se algo der errado?**

Caso se sintam incomodados os participantes poderão desistir da pesquisa a qualquer momento, mesmo após as entrevistas. E ainda, caso sintam que não foram respeitados procedimentos éticos podem recorrer ao comitê de ética.

### **15 Minha participação neste estudo será mantida em sigilo?**

O pesquisador é responsável por manter anônima sua identidade e sigilo de todas as suas informações pessoais, que de alguma forma apontem para a identidade do participante, colhidas durante a pesquisa.

### **16 Contato para informações adicionais**

Dados do(a) pesquisador(a) responsável: *Eduardo Jacintho de Oliveira – Mestrando PPG em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, IP-UFRJ – Telefone: (21) 97504-9446 – Email: eduardoj.deoliveira@gmail.com*

Dados da Instituição Proponente: *Universidade Federal do Rio de Janeiro – Instituto de Psicologia, PPG em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, IP-UFRJ – Av. Pasteur, 250 – Botafogo – Telefone: (21) 3938-5319 – Email: secretariaeicos@gmail.com*

Dados do CEP: *Comitê de Ética em Pesquisa do CFCH – Campus da UFRJ da Praia Vermelha – Prédio da Decania do CFCH, 3º andar, Sala 30 – Telefone: (21) 3938-5167 – Email: cep.cfch@gmail.com*

O Comitê de Ética em Pesquisa é um colegiado responsável pelo acompanhamento das ações deste projeto em relação a sua participação, a fim de proteger os direitos dos participantes desta pesquisa e prevenir eventuais riscos.

### **17 Remunerações financeiras**

Nenhum incentivo ou recompensa financeira está previsto pela sua participação nesta pesquisa.

Obrigado por ler estas informações. Se deseja participar deste estudo, assine este Registro de Consentimento Livre e Esclarecido e devolva-o ao(à) pesquisador(a). Você deve guardar uma via deste documento para sua própria garantia.

1 – Confirmando que li e entendi as informações sobre o estudo acima e que tive a oportunidade de fazer perguntas.

2 – Entendo que minha participação é voluntária e que sou livre para retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar dar explicações, e sem sofrer prejuízo ou ter meus direitos afetados.

3 – Concordo em participar da pesquisa acima.

Nome do participante: \_\_\_\_\_

Assinatura do participante: \_\_\_\_\_

**DATA:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

### Anexo C – Entrevista de M

Entrevistador: Então a primeira pergunta é como você chega pra essa entrevista? Quais são as suas expectativas?

M: Poucas eu sinto que....

Entrevistador: Fala um pouco mais alto. Igual você estava falando antes.

M: Poucas, eu sinto que eu não tenho certeza se eu tenho algo pra contribuir, mas ao mesmo tempo eu quero participar e descobrir através do processo.

Entrevistador: Entendi, você poderia narrar suas experiências com a violência ao longo da sua vida, no lugar onde você mora, como elas se dão, quais foram os impactos na sua vida, nas pessoas que vivem perto de você e quais são as violências pelas quais você passou ao longo da vida?

M: Bom, eu não consigo lembrar de nenhuma em específico, eh mas como uma mulher negra a violência ela acaba perpassando a nossa existência. Tanto no medo de se deslocar, quanto no constante pensamento de será que eu estou sendo vista como ameaça ao mesmo tempo que a gente tem medo de ser visto como uma ameaça a gente tem medo de não sofrer violência, por ser quem somos. Pelo menos é o que eu acho tirei da minha experiência, cara eu acho que a única experiência mais estranha que eu me lembro de ter vivido foi aquela que eu estava na UERJ e um guarda, tipo um guardinha da faculdade me parou me perguntando o que eu estava fazendo ali e qual andar eu estudava, se eu era aluna eu fiquei tipo: “o quê?” Basicamente só porque estava com pouca movimentação na faculdade perguntou também pro meu namorado da época o que a gente estava fazendo ali. E foi bem estranho, basicamente a gente caminhando lá pela faculdade com movimentos normais que provavelmente se a gente não fosse negro e tivesse tipo, a faculdade com pouca movimentação as pessoas iam deixar passar eu achei isso bem estranho até porque a gente perguntou depois o que era e a pessoa falou "ah está tendo muitos assaltos na faculdade



então os guardas estão mais de olho" eu fiquei tipo como assim eu estudo aqui eu venho aqui sempre, foi estranho eu não me lembro mais de nenhuma violência do cotidiano. A gente pode passar pra próxima pergunta e voltar nessa depois?

Entrevistador: Entendi, Eu só tenho mais uma pergunta você já teve parte de situações de tiroteio em algum lugar?

M: Sim, quando eu era criança eu lembro que eu morava na Penha, numa casa bem alta e aí as vezes tinha bastante tiroteio e a gente ficava abaixado, o que não fazia o menor sentido, porque a casa era extremamente alta e aí a gente dormia no chão eu, minha mãe, meu irmão, e meu pai dormia na cama porque ele ficava tipo "ah se tiver que acertar vai me acertar mesmo", aí ele ficava na cama e era mais ou menos essa experiência que eu tive com os tiroteios, as outras casas que eu residi a gente consegue ouvir os tiros de longe, mas não é algo que corra o risco de acertar. E é isso.

Entrevistador: Entendi onde você mora atualmente?

M: Atualmente eu estou morando na rua camarista, que fica no Engenho de Dentro. As pessoas geralmente ficam meio receosas quando a gente fala camarista, mas eu moro no início da rua que é bem tranquilo mais pra cima que é mais complicado.

Entrevistador: Entendi. Você falou das suas especificidades enquanto mulher negra. Eh, então pensando que homens e mulheres sofrem com a violência de maneiras diferentes? Você acha que seu gênero de alguma forma te expôs à alguma violência que você não seria exposta se você fosse um homem negro por exemplo?

M: Eu não sei. Por exemplo essa que eu citei da faculdade. O guarda não foi atrás do menino. Ele foi atrás de mim. Por quê?

Entrevistador: Entendi, eh sei lá e no âmbito familiar e de relações você consegue pensar em alguma violência?

M: Ah sim as tretas entre meu pai e minha mãe no âmbito familiar era bem estranho, porque a minha mãe sofria violência doméstica exercida pelo meu pai e até hoje a gente tem uma relação estranha porque eu sei dessa fase e eu fico bem chateada com meu pai por isso, até porque ele fazia isso perto da gente. A minha mãe falou que eu sabia, então eu via né, porque ninguém ia me contar isso eu provavelmente via e também contava pras outras mulheres da minha família. E a minha vó materna que já é uma mulher branca e eu cheguei a comentar na mesa do almoço quando eu tinha seis anos assim perto da minha família paterna. E a minha mãe ficou muito mal pediu pra eu nunca mais falar sobre isso, mas eu

continuava e foi até bom porque assim, ela acabou se divorciando do meu pai quando eu tinha seis anos e desde então a vida dela foi mais tranquila as violências são mais assim, eu vejo mais perto da minha mãe porque ela teve umas relações estranhas; um outro companheiro dela que foi de mais tempo, ele tipo perseguindo ela. Tipo, recentemente ele começou a trabalhar no mesmo lugar dela. Ele não sei como ele fez pra fazer isso. Mas ela comentava comigo que ele estava tipo difamando ela no trabalho, falando coisas negativas. E também antes disso ele já chegou a invadir lá o quintal da casa, se pendurar no ar-condicionado ficar gritando umas coisas bem pessoais dela. Tá no âmbito familiar rola umas agressões sim, tipo, nem sempre físicas, algumas verbais também esse negócio de perseguição é bem pesado. Não direcionadas a mim direcionados, todos eles direcionados a minha mãe e que eu só assisti mesmo. Por quê? Mais alguma coisa?

Entrevistador: Como você sente que isso te afetou? Assistir.

M: Não sei. Eu acho que... não sei como dizer como isso me afetou, acho que com o meu pai me afetou um pouco mais porque além dessa violência com a minha mãe que já é algo bem pesado ele também nunca foi dos melhores pais, a gente sempre teve que ficar correndo atrás pra conseguir o mínimo dele, é tipo forçar bastante e tanto como a verba né? Pra mim e pro meu irmão quanto como atenção, né? Que a gente tem que se deslocar até Caxias são raras as vezes que ele vem e algumas das vezes que ele vem, ele é uma pessoa bem agressiva, acho que ele nunca chegou me bater, bater, mas ele às vezes é uma pessoa que é bem agressiva verbalmente, mas são pontos específicos, momentos específicos que isso acontece e a relação com ele é bem ruim, então eu acho que essa relação com o meu pai que é uma relação bem agressiva assim no sentido de ser desconfortável pra mim e me afetar negativamente, eu acho que sim me afetou ao longo da minha vida até nas minhas relações.

Entrevistador: Como assim nas suas relações?

M: Ah não sei, eu acho que eu desconfio mais de homens, eu acho que a sociedade em si pelo menos que eu pude observar gente, mulheres nós temos mais desconfiança com homens, porque são sempre os nossos ditos possíveis agressores. Eh mas eu acho que eu tenho mais desconfiança com homens, pode ter essa relação porque a gente aprende a desconfiar de homens desde cedo quando a gente é criança: "Ah você é uma mocinha, fecha a perna, alguém vai ver. Ah, não fica sozinha com homem. Ah, se alguém pedir pra entrar aqui dentro, tipo assim, entrar dentro de casa, se você estiver sozinha, você não

abre". Então, a gente sempre aprendeu a ter uma certa desconfiança desde cedo e eu acho que com o fato de eu não ter tido uma figura masculina de muita confiança desde cedo eu acho que eu acabo desconfiando um pouco mais, eu acho que isso aí é algo que eu estou deduzindo pode ser real Entrevistador: Entendi, e seu pai é negro ou branco.

M: Ah, meu pai é negro.

Entrevistador: E seu ex-padrasto é ?

M: O meu ex-padrasto é branco

Entrevistador: Muito bem. E como é vida no lugar que você mora?

M: Bom, é bem tranquila. Ultimamente eu tenho tido menos espaço. Eh também sobre agressividade, eu tenho uma relação bem conturbada com meu irmão, da gente já ter caído na porrada umas vezes, tipo depois de adulto, aí todo mundo acha tipo: "ah é normal com os irmãos, irmãos brigam". Eu não acho normal não, tá? Eu acho que torna a convivência um pouco desafiadora tá? Muito desafiadora, agora que ele voltou a usar drogas está mais tranquilo porque ele fica mais calmo mas ele claramente não consegue se controlar, tipo se regular emocionalmente no geral ou pelo menos ele não tenta, não sei, mas voltando e depois de falar mal de todos os homens da minha família realmente eu não tenho pelo... é difícil parar pra pensar e pensar num homem em específico da minha família que tipo foi super próximo que eu confio mas tá voltando.

Entrevistador: Como é a vida no lugar que você mora?

M: É bem tranquila. Tipo eu tenho uma boa relação minimamente. Eh eu tenho pouco espaço. Mas isso é ruim, pouca privacidade, tanto que eu tô pensando em me mudar, mas assim de convivência com vizinho e com a relação do ambiente é bem tranquila menos com o vizinho de trás que é bem estranho, ele tem problemas com a minha vó e eles já discutiram bastante. Tanto que ele até ligou um microfone ficou xingando ela. Eh, tirando esse vizinho é tranquilo.

Entrevistador: Assim, pensando a nível de bairro, rua, quais são os principais problemas do lugar onde você anda?

M: Poxa, eu acho que os principais problemas do lugar que eu moro... Não sei te dizer porque eu gosto muito de lá. Eu acho que é porque subindo é um local um pouco perigoso. Eh mas da parte que eu moro e razoavelmente tranquilo.

Entrevistador: Entendi, você acha que o lugar onde você mora, eh sei lá, pensando em problemas no sentido bem mais geral mesmo ele tem algum outro problema eh sei lá, pensando em segurança, acesso a saúde, acesso a lazer, enfim?

M: Bom, o acessório lazer.

Entrevistador: Saneamento.

M: Poxa, saneamento básico... Bom, eu tenho água, tenho luz. Eu acho que lá perto da minha casa tem muito mato. Acho que isso é um pouco... tem seus prós e seus contras. O contra são os mosquitos e o pró é que eu gosto de arvores. Eh, eu acho que poderia ter mais

entretenimento porque eu acho que a gente tem que andar bastante pra chegar em locais assim uns trinta minutos pra chegar em locais que geralmente são referências pra entretenimento, mas até aí é tranquilo transporte tem um ônibus que passa aberto na minha rua passa, na minha rua é razoavelmente fácil me deslocar qual era as outras?

Entrevistador: Enfim eram só sugestões. Segurança, transporte, saúde.

M: Segurança é meio complicado e geralmente passa bastante carro de polícia por ali. Eu não sei se é tão seguro. Até agora eu não fui assaltada.

Entrevistador: Quais são as memórias mais marcantes que você tem do lugar que você mora ?

M: Eu não sei se eu tenho memórias marcantes. Só a vivência mesmo do cotidiano, no meu espaço que é a minha casa.

Entrevistador: Tudo bem. E pra você como as violências impactaram direta ou indiretamente sua vida, suas ocupações, seu cotidiano, e pensando de uma maneira bem aberta? E, tipo o horário de chegar em casa, enfim coisas desse tipo, e quando você se sente segura pra sair ou não.

M: Ah sim segurança, eu sou uma pessoa bem solta. o meu namorado até comenta que eu sou bem de andar, eu ando bastante e eu não tenho muito medo. E de andar na rua. O que as pessoas ficam tipo "garota não vai tão tarde, não anda tão tarde assim na rua, não pega o celular", eu sinto que tem essa pressão de eu ter um horário pra chegar, mas eu também nunca fui de chegar muito tarde em casa então eu sinto que existe uma certa pressão que de eu não andar tão tarde na rua e eu não ando justamente porque eu tenho medo, ah e também ter cuidado ao andar na rua, mas eu não tenho tanto cuidado só com o horário mesmo que depois das dez eu fico meio receosa de andar muito, geralmente as pessoas estão perto de mim nem deixam ficam tipo "não não, pega um Uber. Não, eu peço um Uber aqui, não volta pra casa dez horas não. Andar trinta minutos nesse horário na rua é perigoso" é isso.

Entrevistador: E pensar nas violências, nas possíveis violências que você já sofreu, que pessoas próximas já sofreram, as violências noticiadas na cidade, de alguma forma impacta sua circulação pela cidade como por exemplo, não sei talvez você pense duas vezes antes em ir em determinado lugar em determinado horário pra atividade de lazer, pra trabalho, estudo?

M: Sim e não, só porque eu fico receosa de ir, mas porque as pessoas a minha volta ficam receosas de ir e aí não vão e aí eu também não vou, isso sozinha porque é perigoso. Então isso acaba assim limitando a circulação. Não só porque eu não quero ir mas porque é um consenso

entre as pessoas. Com as que eu convivo pelo menos, que está bem perigoso andar sozinha ou andar muito tarde na rua então eu acabo não tendo companhia.

Entrevistador: Você sente ou já sentiu medo de sair de casa pra atividades do dia a dia?

M: Não sei se ao sair de casa eu sentindo. Eu sei que eu senti no retorno. Tipo, quando eu chego... estou andando na rua e já são onze horas. Eu não estou andando na minha rua geralmente é bem vazio. Aí eu fico tipo: “Meu Deus, meu Deus, meu Deus, meu Deus”. Passa um carro mais lento do seu lado, ‘cê’ já fica: “fudeu, fudeu.” Já fico preocupada. Eh, mas é isso. Acho que mais no retorno mesmo. Quando eu saio também está mais cedo. Não costumo sair muito tarde.

Entrevistador: Mas se você for sair em um determinado horário e você pensar que você vai ter que voltar tarde de alguma forma te impede de sair?

M: Sim, desmotiva bastante. Porque se você voltar muito tarde além do transporte não circular tão bem até os Ubers fica difícil de pegar, ônibus já não tem e aí como é que faz pra voltar sem transporte? E se eu for voltar de transporte público em determinados momentos eu vou ter que voltar e fazer o percurso andando, e quanto é seguro fazer esse percurso andando se não tiver companhia? É isso. Pensar essas coisas.

Entrevistador: Entendi. Existem lugares que você evita de ir ou horários que você evita de ir em determinado lugar?

M: Não sei eu acho que eu evito sair da casa do meu namorado depois das dez. Acho que eu fico meio preocupada. Apesar que às vezes eu venho pro Engenhão mais ou menos esse horário. Mas quando dá dez e pouquinho aí ele fica tipo: “volta, ta tarde” e eu acho que é isso, eu também não sou muito de sair a noite, não sou muito noturna. Mas uma coisa que eu queria fazer é tipo ir para um show e ou então para uma festa e voltar de madrugada, mas isso é bem pouco viável, tanto pelo transporte quanto por está muito tarde e ser perigoso.

Entrevistador: Entendi, existem lugares na cidade que você se sente mais segura?

M: Estabelecimentos fechados, serve?

Entrevistador: Eh sei lá, existem tirando esses estabelecimentos fechados existem, sei lá, diferenças entre tá em um determinado bairro, tá em outro?

M: Sim, determinados bairros você fica tipo: “ah não sei, não conheço” e principalmente locais com pouca iluminação, e você não sabe como vai ser, se for um bairro diferente, seu bairro você fica com medo? Fica. Mas você sabe mais ou menos o caminho que você tem que

percorrer, você sabe mais ou menos pra onde correr caso aconteça, outro bairro você sabe? Não. Então bairros diferente do meu. Locais que eu não costumo andar.

Entrevistador: Entendi. Eh casos de violência, racismo em que vítimas são pessoas negras tem alguma influência na sua vida?

M: Sim, negativamente, porque se aconteceu com elas por algo que a gente tem em comum porque não poderia acontecer comigo também? E eu não sei. Pode repetir a pergunta?

Entrevistador: Casos de violência, racismo em que as vítimas são pessoas negras, impactam de alguma forma a sua vida?

M: Sim, agora qual é a forma?

Entrevistador: Sem pensar né? Como que você se sente quando você vê um desses casos de violência, como por exemplo não sei a morte do Jorge Floyd nos Estados Unidos que ficou bem viral, ou ainda as crianças que morriam em Tiroteios no Rio de Janeiro.

M: Bom, eu me sinto mal principalmente porque é injusto. Principalmente porque não deveria ter acontecido. Também dá uma sensação de que é uma coisa que eu deveria estar lutando contra, afinal temos algo em comum mas ao mesmo tempo não sei o que poderia ser feito pelo menos não por mim, porque só eu é muito pouco. Eu não sei.

Entrevistador: Entendi, você já teve amigos, parentes que foram vítimas de violência, já teve? Você falou da sua mãe né no início?

M: Sim, é minha mãe. É difícil de lembrar. O meu irmão não sei. Ele diz que é parado frequentemente pela polícia. Mas que geralmente não dá nada. Eu acho que só que eu me lembre de que amigos também relatam casos de racismo.

Entrevistador: Entendi. Eh você falou, né? Que tem confrontações físicas entre você e seu irmão. Você incluiria isso em um rol de uma violência.

M: Sim, porque nem faz sentido a maioria das vezes, e mesmo se fizesse não justificaria, somos adultos. Não dá mais pra resolver as coisas com violência. Então sim, eu considero que eu sofri violência também.

Entrevistador: Entendi. E já teve algum vizinho, alguma pessoal próxima que você ficou sabendo que tenha sofrido violência?

M: Minha tia Hosana que também foi meu pai, ahm meu avô pelo menos, que a minha mãe me contou, essa não estava lá pra ver o da minha tia Hosana eu vi, que eu me lembre só. Talvez eu esteja deixando passar alguma coisa.

Entrevistador: Tudo bem. O que você pensa dos efeitos da violência na saúde e nas questões... O que você pensa dizer feitos da violência na saúde das pessoas que que vivenciam a violência? Por exemplo, você disse que você considera que sofreu violência, né? No caso. Das confrontações físicas com o seu irmão. E que a sua mãe também de alguma forma também sofreu violência em dois relacionamentos que ela esteve. Você vê tendo algum impacto na saúde, seja física, mental?

M: Eu não sei da minha mãe, eu sei que pra mim fica mais difícil de manter uma relação, tipo de convivência frequente, até porque a nossa relação sempre foi assim conturbada eu e meu irmão e então eu acho que fica bem estranho de viver até porque a gente mora praticamente na mesma casa, né? É estranho, é ruim, é desconfortável, acho que a palavra é isso. É desconfortável, dá uma sensação de que eu queria me mudar, pelo menos agora que já passou um tempo né? Na hora eu queria só surtar, mas agora eu eu estou querendo me mudar mesmo, não sei com a minha mãe, acho que... Eu acho que com a minha mãe eu não sei se como isso poderia ter afetado ela. Que eu já conheci ela nesse negócio da violência né, ela já estava casada com o meu pai há um tempo. Aí então não sei como era ela antes, como isso afetou ela. Eu acho que eu teria que perguntar. Porque pra mim é ruim, porque conviver com aquela pessoa é desconfortável. É isso.

Entrevistador: Entendi, quais são suas projeções pro futuro em relação a violência e as pessoas negras.

M: Não sei, essa pergunta é ampla. Minhas expectativas pro futuro? Entrevistador: Perspectivas.

M: Perspectivas.

Entrevistador: O que que você acha que possa acontecer? Em relação a essa situação. Pode ser que ela permaneça, pode ser que ela mude, pode ser que, ainda que seja ruim possa ter outras configurações.

M: Cara eu não acho que as perspectivas são boas não. A princípio, porque eu não vejo muitas políticas públicas se movimentando pra isso, pelo menos eu não acompanho tanto as políticas públicas. Posso estar errada, mas não me parece ser algo que está tendo como propostas acabar, eu acho que pelo contrário, então eu acho que não é uma boa, acho que não vai acabar, eu acho que a questão racial... Não sei também, porque o racismo ele ainda tá aí ele muda de forma em alguns sentidos, mas que a gente ainda tem um bom trabalho, enquanto sociedade. Entrevistador: Entendi.



M: Então ás perspectivas não são das melhores não.

Entrevistador: Assim, pensando em tudo que você falou sobre a violência, o que você acha que teria que mudar pra essas situações melhorarem, tanto em relação... Por exemplo, você falou que seu irmão é parado com frequência. E você falou da violência que sua mãe sofreu, você falou da violência que você sofre nesses conflitos físicos com seu irmão. O que você acha que precisaria melhorar enquanto estrutura social talvez enquanto política pública?

M: Tá, primeiro eu acho que o encarceramento que tá tendo aí da população negra é bem absurdo, parece ser só uma forma de tirar pessoas negras da rua porque não faz o menor sentido, eu acho que tem formas melhores de lidar com a criminalidade, não sei. Eu acho que as pessoas não deveriam ser presas acho que deveriam ter outras medidas. Eh que facilitem. Tá, acho que deveriam ter outras medidas. E pra reinserção das pessoas que forem julgadas e condenadas. Ahn, porque parece só uma forma punitiva sem muito retorno social. Parece perda de tempo, de dinheiro público e também ainda impacta, né? A vida dessas pessoas. De uma forma que não dá pra resolver ou consertar. Eu acho que isso diminuiria sim a violência como um todo, ah não sei a forma como a polícia lida com o tráfico de drogas obviamente é errado, o que mais?

Entrevistador: O que você acha que tem de errado nessa forma?

M: Ah pelo amor de Deus gente! Sobem atiram nas pessoas, num local onde é residencial geralmente tem pessoas morando ali, aquilo ali não faz o menor sentido ‘viado’, não sei como resolver, mas eu sei que essa não é a melhor forma, na verdade isso está rolando há muito tempo, há anos e não resolveu porque que continuam tentando? Tá, que mais? Agora a questão da violência doméstica. Uma coisa que a minha mãe tinha comentado comigo é que ela tinha feito uma denúncia do meu pai há muito tempo, isso foi quando eles se divorciaram. Não tenho certeza dessa informação. Eu teria que perguntar pra minha mãe. Você acha que é jogo falar? Não sei. Eu vou falar.

Entrevistador: Pode falar?

M: E aí eh tipo assim teve de novo uma violência mais tarde, bem mais tarde, mas ele já está divorciado há muito tempo, foi até treta de percussão eu acho. Mas essa foi mais leve porque ela estava na casa da minha mãe, da minha avó, quer dizer, olha isso. E aí não aconteceu nada tipo que realmente machucou ela, mas foi uma agressão, ela só conseguiu se defender, acho que ela pegou uma pedra ou coisa assim e aí ela foi dar parte dele e aí aquela denúncia antiga que ela fez tinha sumido, não tinha registro nenhum daquilo, então o que acontece com os

registros de agressão? Eles podem só sumir depois de alguns anos? Será que foi arquivado? Não sei. Eu acho que deveria fornecer apoio pra essas mulheres denunciarem. E um certo suporte também pra elas, porque muitas delas são dependentes financeiramente da pessoa e também suporte emocional porque também a dependência não é só financeira. E realmente o apoio jurídico porque imagina você denunciar uma pessoa e anos depois ela volta a te agredir e essa denúncia serviria como... pra no futuro, se ela quisesse prosseguir com aquela...com aquele processo de agressão, mas não vai servir eu não sei como explicar isso eu sou péssima com questão jurídicas.

Entrevistador: Tudo bem.

M: Não sei. Não consigo pensar em mais nada agora.

Entrevistador: Você gostaria de registrar algo a mais do qual não falamos.

M: Sim, eu acho que também o apoio psicológico das pessoas que são mais agressivas que agrediram, que são pessoas meio fora da lei porque é crime. Eu acho que por mais que eu julgue bastante até porque é algo errado, eu acho que elas precisam de apoio como todo mundo e também a questão de que essas pessoas que eu citei um era branco, como agressores e na minha vida mais próxima um era preto, que era o meu padrasto que perseguia a minha mãe e o meu pai e meu irmão que são homens negros. As vezes eu fico pensando... Meu irmão eu sei que ele precisava de um apoio psicológico porque é nítido que ele não consegue se regular, acho que é isso.

Entrevistador: Como você está saindo dessa entrevista? Sente alguma diferença em relação ao modo com o qual entrou e como termina?

M: Ah! Eu sinto que eu falei pra caramba! Mas eu estou razoavelmente OK! Algumas coisas eu penso que talvez falei demais. Mas de forma geral eu estou saindo racionalmente bem. Não muito diferente.

Entrevistador: E pra terminar, me fala seu grau de escolaridade?

M: Eu estou cursando a graduação.

Entrevistador: Você se sente à vontade para falar sobre a sua orientação sexual?

M: Mas então eu me considero bi, até o momento.

Entrevistador: Você se considera uma pessoa negra de pele clara ou retinta?

M: Boa pergunta. Tem um meio termo, tipo médio?

Entrevistador: Tudo bem. Então, obrigado. A gente vai encerrar por aqui.

## Anexo D – Entrevista de R

Entrevistador : Como você chega pra essa entrevista? Quais são suas expectativas? R: Não sei, ... (não entendi)... sem expectativas.

Entrevistador : Você poderia narrar as suas experiências com a violência no lugar que você mora e nas suas circulações pela cidade?

R: É tem o de sempre, por eu ser um cara negro, o policial fica olhando para você, se você tiver arrumado em uma área de pessoa preta eles ficam olhando mais ainda, é meio estranho, mas é um olhar diferente porque não é tipo, esse aí é meio estranho, é mais tipo esse daí não mora aqui sabe? A escola foi majoritariamente escola de pessoa branca, então tiveram várias micro agressões e etc, mas quando você é criança você meio que não tem a noção, meio que de nada de que as pessoas estão fazendo micro agressões. Acho que tiveram alguns encontros também com violência estatal essas coisa e certos... não chegaria a dizer direitos, mas oportunidades ou lugares que eu sinto que eu poderia / deveria estar como cidadão serem mais inacessíveis.

Entrevistador : Que violências são essas? Que lugares são esses? Que você acha que poderia estar?

R: Por exemplo, se eu estou em uma praça de Madureira e você sabe, você tem um medo de ser assaltado, sabe? Por ladrão mesmo e da polícia, porque de vez em quando a polícia te rouba, quando você está saindo ali do Jacarezinho de vez enquanto a polícia vai te parar e vai te roubar, é meio foda você começa a não ver como protetores, na verdade eu vejo eles com protetores do lugar especificamente porque se eu estiver em um bairro bom eu não vou ter muita polícia, está ligado?! Provavelmente eles vão estar mais tranquilos porque eles estão em bairro de gente rica. Micro agressões eu acho que é só a parte... nem sei pôr em palavras, na verdade faz tanto tempo que micro agressões estão mais pra parte de não ser considerado primeiras opções específicas porque eu estava nesse colégio de classe média alta? Principalmente mais pro fundamental eh então eu não tinha também muitas pessoas negras, então a minha convivência com gente negra era limitada e daí você tem que meio que dar uma moldada em si mesmo pra ficar dentro daquele padrão que é aceitável, lá dentro da escola e tal.

Entrevistador: Que padrão seria esse de aceitar?

R: Ah bem branco, como é que eu posso explicar? Se a pessoa está fazendo uma piada indecente ou que te ofende alguma coisa assim o ideal é você não falar nada se não você vai ser o cara chato "que não pode nem falar nada que é racismo", "posso nem chamar os amiguinho no jogo de macaco", sabe? Então você tem que só se adequar pra se tornar o amigo preto legal, e se você não se adequar vai ter outros amigos pretos legais que vão falar " não, mas eu não ligo quando fazem piada assim eu acho tranquilo, eu não me incomodo não". Provavelmente incomoda, faz você se limitar pra se adaptar ao ambiente que você está, todo mundo faz.

Entrevistador: Pensando assim nas suas experiências com violência. Quais você cita que seriam mais comuns? Que você tanto tenha passado, quanto que você tenha visto pessoas próximas passando.

R: Eu acho que as micro agressões são bem aparentes hoje, nem tanto porque o mundo está mudando um pouco e os meus ciclo sociais que eu mantenho, mas por exemplo a minha mãe que é uma mulher negra quando entra em lojas e tal, mas se for meu pai que é um homem branco tem atendente que vão direto falar: "oi" e pra minha mãe que é uma mulher negra ela não se veste tipo super luxuosa nem nada assim, então geralmente ela é meio que ignorada em loja ou coisas desse tipo. Acho que olhares diferentes. Mas pode ser também coisas da minha cabeça, quando eu estou em áreas que são de alta classe digamos assim. Tem coisas que nem eram pra ser agressão. Por exemplo quando eu estava no ensino médio eu tinha uma garota que também era negra e voltava comigo pra escola e aí um desses dias ela comentou que eu era preto, mas eu tinha o nariz fininho, eu era bonito. "É teu nariz é grande, mas é fininho. Você é preto e tem nariz fininho. Não é batatão igual o meu, feio", algo desse tipo. Não lembro exatamente quais foram as palavras, mas eu fiquei meio "ué". Tem alguma coisa errada aí.

Entrevistador : Como é vida no lugar que você mora?

R: É tranquilo. Agora tem tido bastante polícia lá. Então o problema é que tinha mais assaltos. Agora está tendo mais presença policial e como eu não moro em favela e nada assim. A polícia está lá pra sabe impedir crimes e não criar os crimes então eu meio que dei sorte nessa parte.

Entrevistador: Entendi. E onde você mora? R: Perto do Norte Shopping.

Entrevistador : Isso é Engenho de Dentro,

Cachambi? R: Ah não sei, é ali na divisa com Todos os Santos.

Entrevistador ; Quais são os principais problemas no lugar onde você mora?

R: Eu acho que depende do ambiente que você tá querendo dizer, por exemplo se eu tiver problemas acadêmicos, uma coisa que eu nunca cheguei a ter tanto por racismo, não consegui me lembrar de alguma coisa que aconteceu, problemas sociais tipo interações sendo mais estranhas diferentes eu acho que é uma parte mais notável. Principalmente em aplicativos, como no Facebook, Tinder, alguma coisas assim sabe? Na internet, não sei dizer quais são os tipos de violência que mais ocorrem assim.

Entrevistador: Mas não necessariamente violências, problemas mesmo no seu bairro assim que você enxerga. Pode pensar em qualquer coisa, pode ser acesso a saúde, acesso ao lazer, enfim de uma maneira bem amplamente mesmo.

R: Eu acho que estava tendo bastante falta de acesso a lazer, sabe? Porque como era bem perigoso as pessoas não podiam só sair por aí, ficar sentado numa praça ou algo assim. Ah agora eu sinto que está ficando mais tranquilo acho que no bairro acho que não tem, acho que é um bairro suave (pequeno trecho inaudível) eu não tenho muito a reclamar.

Entrevistador: Quais são as memórias mais marcantes que você tem do lugar que você mora? R: Eu acho que provavelmente os momentos de construção assim da casa, momentos com a minha família, um assalto que rolou na porta de casa quando eu era pequeno foi um pouco engraçado quando eu lembro assim faz bastante tempo. Também tem as pessoas que eu conheço né? Morava aqui no bairro acho que é isso.

Entrevistador: Para você como a violência impacta o seu cotidiano. Tipo direta ou indiretamente. As coisas que você faz, enfim. A circulação pela cidade?

R: Impacta completamente, né? O que eu mais (pequeno trecho inaudível) . Ah, por exemplo se eu vou sair em algum momento de noite, se vale a pena sair de noite, como... qual lugar que eu for, se eu posso contar com segurança da rua, sabe? Na rua. Sempre para lugares que eu vou, pessoas que eu falo, a maneira com que eu interajo com pessoas em situação... não chega a ser de situações de poder, as pessoas que tem a capacidade de machucar e autoridade pra isso, sabe? Então policiais, guardas, mesmo que eles não tenham autoridade de verdade concedida pelo estado, etc, pra fazer o que quiser eles sentem que eles podem e no momento não vai ter ninguém pra impedir e a maioria tem uma arma ali do lado da cintura então o jeito que eu interajo muda bastante eu diria .

Entrevistador: Você consegue me dizer como que é essa mudança?

R: Eu acho que eu meio que só sou obrigado a ignorar completamente a... qual é a palavra... preconceito que está estampado quando eu sou aproximado por algo algum desses caras, sabe

Entrevistador: Oi, não ouvi.

R: Ignorar o preconceito que está estampado na cara de algum desses caras quando eu chego perto de alguma coisa assim, por exemplo quando eu entrou no Starbucks, e aí assim que eu entro tem um guardinha lá no outro ponto e me viu, viu que eu sentei do outro lado da porta ele vem do outro lado da loja, fica parado do meu lado, como se não fosse nada demais, sabe? Tá só ali fazendo o trabalho dele. Aí você tem meio que só ignorar, né? Senão você é o cara maluco ali, especialmente se, eu acho que deve ser um pouco pior, se for mulher porque aí você é a mulher maluca fazendo drama, mas ao mesmo tempo eu sinto que vem uma pressão maior assim da... em cima dos homens negros que são considerados mais perigosos sabe?

Entrevistador: Por que que você acha que homens negros são considerados mais perigosos?

R: Eu acho que porque a maioria dos assassinatos e os crimes violentos são cometidos por homens negros né?

Entrevistador : Pensar, por exemplo, que você tem que ir pra um determinado lugar. E que você vai voltar ou vai ter que sair tarde de casa, te impede de ir?

R: Geralmente sim, se eu não tiver um dinheiro pra voltar pro Uber ou geralmente eu não vou se for longe, porque não tem transporte público né? De noite. Acho que até o metrô fecha meia noite e não tem tantas estações de metrô também. Então assim, movimento público é bem, bem escasso digamos assim. Então se não for um lugar de fácil acesso geralmente eu acabo não indo.

Entrevistador: Entendi. Você consegue lembrar, sei lá, de algum lugar que tem sido muito marcante de você ter que deixar de ir, por causa dessa situação? Você pensar na segurança pra voltar pra casa, na situação do transporte enfim.

R: Umás festas de aniversário de amigos próximos aconteceram umas duas, três vezes ah... mas não chega a acontecer muito porque eu tenho um pai que dirige então de vez enquanto eu dou essa sorte, mas quando eu estava em lugares afastados ou quando ele não estava podendo dirigir.

Entrevistador: Oi? Quando você estava em lugares afastados... R: ou ele não estava podendo dirigir.

Entrevistador: Entendi. Eh você sente ou já sentiu medo de sair de casa pra fazer alguma atividade do dia a dia?

R: Sentimento de sair de casa de noite, para fazer qualquer coisa na verdade. Sempre saio. Quando você mora no Rio de Janeiro você cria alguns hábitos, por exemplo, eu nunca uso o celular na rua odeio, odeio. Eu só saio com o fone de ouvido, mas eu não vou tirar o celular do bolso ficar com ele na mão, a menos que eu esteja muito seguro porque ele não tem nada ou que eu esteja com as minhas costas na parede ou algo assim, por que eu fico ansioso que do nada pode só passar alguém pegar, sair correndo, tá ligado? Eu fumante não vou conseguir correr atrás, então...

Entrevistador: Existem lugares que você evita ir assim na cidade?

Sim, áreas que... eu evito lugares onde a polícia está em alto alerta e lugares onde tem muito confronto criminal. Ou lugares que tem muito assalto de noite coisa assim, se for pra esse lugar eu vou continuar querendo voltar de noite sabe, vou preferir passar a noite em algum lugar seguro, coisa assim. Eu só evito mais lugares que são considerados de risco no geral sabe? Tipo favela, nem todas as favelas na verdade? Só favela que tem sempre policial na portinha que é um saco, também evito ir para a Barra lugares desse tipo que tem a galera bem rica que é meio palpável de vez enquanto o desprezo. Cheguei a ir pra lá algumas vezes porque eu ia fazer faculdade lá, antes de eu mudar de faculdade e não era um ambiente muito legal.

Entrevistador: O que fazia desse ambiente não ser um ambiente muito legal?

R: As pessoas te olham estranho porque eu sempre me visto como eu consegui me sentir mais confortável, sabe? Se eu for botar um chinelo uma camisa sem manga aí uma calça de moletom geralmente você não vai ser muito bem visto lá, eu não sei se isso é um fenômeno de você ser negro ou se é um fenômeno em geral, mas se você tem que tá simplesmente aparentando que você merece estar ali, parece que essa é a vibe que eu pego da galera.

Entrevistador: Existem lugares da cidade, da região metropolitana no sentido geral que você se sente mais seguro de estar.

R: Não, eu me sinto seguro dentro do jaca. O problema é a entrada e saída. Ali dentro eu acho que é tudo suave. Ah, eu me sinto seguro no centro assim de manhã ou a tarde mesmo

não sendo o lugar mais seguro sabe? Mas é bem movimentado, bastante gente, só consigo pensar nesses dois lados.

Entrevistador: Casos de racismo que as vítimas negras e ganham repercussão tem alguma influência na sua vida?

R: Acho que não porque é aquele lance né, uma tragédia as primeiras vezes que acontecem depois é meio que só a galera vai se acostumando, diria e quando você fala casos de racismo a primeira coisa que vem na minha mente 'é' aqueles casos de várias crianças que morreram em tiroteios de nas favelas em 2020?2021? foram tipo quatro crianças eu acho que morreram, outros casos de racismo eu diria que casos de racismo que ficaram bem famosos assim, tipo mundiais etc, chegam a influenciar eu tenho memórias vagas não consigo citar nenhum agora nesse momento mas eu acho que influencia mais pelo fato de que é uma coisa que vai influenciando meio que o mundo inteiro né? Isso é uma coisa que pega... qual é a palavra... bastante visualização digamos assim.

Entrevistador: Oi? bastante?

R: visualização no sentido de atenção

Entrevistador: Eh, você já teve amigos, parentes que foram vítimas de violência, vizinhos, pessoas próximas num sentido geral?

R: Acho que sim, depende do conceito de violência.

Entrevistador: Me conta sobre cada uma dessas pessoas, dessas histórias.

R: Minha mãe sofre essas micro agressões, né? Inclusive agora ela já está idosa então ela já se aposentou então ela está numa fase dela que é tipo (pequeno trecho inaudível) ela não aceita merda nenhuma que as pessoas jogam pra ela, então ela só fala de volta e aí parece que está sendo bem libertador pra ela, ah acho que ela não podia fazer isso porque ela estava num emprego de colarinho branco por assim dizer, minha irmã com certeza ouve bastante merda porque ela é uma mulher negra na área de mídias assim, televisão, essas coisas. Mas eu não sei dizer detalhes. Acho que as pessoas não tem costume de comentar muito dessas coisas.

Entrevistador: Entendi. E como é saber dessas coisas, como é observar sua mãe passando por isso, enfim.

R: Eu não sei acho, que é meio nulo, acho que é o você vê tanto que você acostuma, sabe? Não passa muito pela sua mente.



Entrevistador: O que você pensa sobre o efeito dessas violências sobre a saúde e as questões sociais das pessoas que presenciam, que vivenciam isso ?

R: Eu acho que é um problema muito extenso porque é meio que tá interligado com todos os outros problemas que a gente tem com a sociedade em geral porque a violência é fruto do preconceito, é fruto de... qual é a palavra? O conceito original, de preconceito. O conceito antes de ter um total consciência que mais poder institucional e o (pequeno trecho inaudível) , eu não sei o que eu posso dizer sobre como isso vai influenciar as pessoas porque você tem tantas camadas e pode afetar de tantas maneiras diferentes sabe? E dependendo do tom da tua pele, dependendo de onde você mora, dependendo de qual escola você vai, dependendo de como são seus amigos, como são suas interações, tudo isso varia demais, eu acho que a parte da violência que uma pessoa negra é só uma coisa muito intrínseca à vida, não dá pra você desvincular porque você vai sempre ser vítima de violência de um modo ou de outro e você sempre vai ter que ou segurar qualquer impulso ah violando (pequeno trecho inaudível) , colocar limites né. Eu esqueci como eu ia terminar eu ia falar alguma outra coisa.

Entrevistador: Tudo bem. Se você quiser pensar um pouco não tem problema. R: A eu não vou lembrar, está suave.

Entrevistador: Mas pensando, você disse que não sabe como cada um vai vivenciar, mas como você meio que infere que isso possa afetar as pessoas.

R: Ah eu acho que faz as pessoas ficarem cabisbaixas, porque você meio que tem que ficar meio cabisbaixo pra não chamar muita atenção porque geralmente uma pessoa preta com muita atenção não é algo visto com bons olhos e eu não sei se é algo que geralmente costuma dar bons frutos a menos que seja muita, muita atenção mesmo sabe?

Entrevistador: O que você quer dizer com cabisbaixo ?

R: Se tem um sistema inteiro você nasceu numa situação que não é ideal você está em um sistema que visa te manter numa situação não ideal, quando todo mundo fala você consegue, você é o único dono do seu destino eu acho que é primeiramente eu acho que é bem... qual é a palavra? Não é um desafio, não é um desafio pelo menos para mim um desafio ainda quer dizer que você vai ter como ganhar sabe? Não é um desafio se você tem zero chance, se você esta tipo tendo um pisão em cima de você, eu acho que mantém as pessoas cabisbaixas porque você tem o caminho de vida que você deveria seguir você é colocado numa posição abaixo da que todo mundo segue, como dá pra ser, sabe? Todo

lance de uma corrida justa pra ter uma vida melhor e quando você falha as pessoas costumam te colocar pra baixo e você não tem muita margem pra se revoltar porque como você se revolta sabe? Dentro das leis as marchas e tal, mas eu não sei o quanto isso é o suficiente pra você conseguir extravasar sentimento de inadequação ou coisas do tipo, então qualquer tipo de outro movimento que você queira fazer provavelmente vai ser ou o monitorado bem de perto pela polícia e outras instituições que são racistas ou ainda vai ser espancado por essas instituições dependendo do que seja. Então é um negócio que faz você: ou tem que agir dentro do sistema ou pra subir o sistema ou você só aceita que o seu lugar é ali embaixo, é isso que eu quero dizer.

Entrevistador: Você acha então que é uma situação sem escapatória, na qual as pessoas não podem reagir?

R: Um indivíduo não, um indivíduo não é capaz de ir contra um sistema.

Entrevistador: Pensando nisso quando a impactos na saúde, você acha que é essa falta de reação, essa falta talvez até de esperança é isso?

R: É eu diria que sim, bastante impacto na saúde mental eu tenho notado, tem até vários estudos que falam bastante sobre como a nova geração está basicamente todo mundo com ansiedade a maioria com depressão e como isso tem a ver com tanto as mídias sociais, né? Nova maneira como a gente interage um com o outro e com digamos... eu não sei se tem a ver exatamente com a parte do racismo, mas eu acho que a internet liberou, abriu um palco de debate muito maior pras pessoas poderem falar sobre isso, começarem a identificar qual é o problema, eu acho que essa identificação acaba levando a uma certa desesperança sabe? Ou uma revolta depende de quem é.

Entrevistador: Entendi, então essa identificação seria... Deixar eu reformular. Então esse assunto tá tão em voga enfim, todo mundo discutindo por vários ângulos diferentes faria com que talvez gerasse essa desesperança ou essa revolta. É isso?

R: Teoricamente é, depende, eu não consegui achar nenhuma outra pessoa que me explicasse de maneiras diferentes, mas basicamente depende de como você vê o mundo e aonde você pode colocar suas esperanças. Porque se você é uma pessoa que não acredita em democracia, não acredita em mudança através de incrementos assim bem de pouquinho em pouquinho. Provavelmente a vida vai ser um pouco meio niilista né? Você vai ser uma pessoa bastante triste porque você não vai ter um objetivo que possa ser cumprido por meio da sociedade ou você vai ter que violar, né? As regras de convívio da sociedade pra... eu

esqueci onde eu estava indo com isso...

Entrevistador: Você estava falando de: você é meio ou você é uma pessoa que acredita em mudança de um pouquinho de regras no estado ou se você se torna...

R: Ah é, ou se torna um revolucionário por assim dizer,

Entrevistador: Entendi, você se identifica com algum dos dois?

R: Não sei eu me identifico como um observador porque se eu puder fazer alguma coisa em algum movimento que aconteça pra atingir mudança seja algo um pouco mais revolucionário por assim dizer ou implementalmente eu vou tentar, eu geralmente sinto que eu tô mais no incrementalmente mudando mentes uma a uma sabe? Esperar que essa pessoa que eu mudei a mente vai mudar a mente de outra pessoa e aí vai.

Entrevistador: Qual são suas expectativas em relação a essa situação da violência contra a população negra?

R: Ah não sei. Depende de quem vai ganhar a eleição e eu não sei dizer especificamente. Porque negro no Brasil é uma fala tão grande é mais de cinquenta por cento maior da população que é considerada negra. Então tipo eu acho que a violência contra a pessoa negra é mais definida por classe social aqui e como a pessoa se identifica do que realmente pela cor de pele assim. Pelas coisas mais sociais. Socialmente interações micro violências, essas coisas, é... Qualquer pessoa negra, independente de onde tá, provavelmente vai ouvir.

Entrevistador: Entendi. Você falou, por exemplo, que depende de quem vencer a eleição quais são as expectativas, que você tem em relação a cada candidato e a cada cargo?

R: Eu não olhei nada de deputado porque eu sou um cidadão irresponsável e assim, expectativas eu espero que o Bolsonaro seja suicidado, os outros participantes não importam muito, o outro provavelmente vai ganhar no primeiro turno parece ser uma possibilidade bem grande, ah expectativa nesse momento só reconstruir o país que era antes sabe? Antes desses últimos quatro anos então se o próximo Presidente fizer isso, se o Lula fizer isso eu acho que está ótimo já. Não sei se tem muita abertura pra pautas sociais voltadas especificamente pra violência contra pessoas negras hoje em dia. Eu acho que os problemas que a gente tem que enfrentar são abrangentes da população em geral.

Entrevistador: Entendi. Você não acha que esse seja um problema relevante a nível de governo.

R: Presidente não, acho que isso é um trabalho mais regional, sabe? Dá pra discutir como a

violência afeta as pessoas no Rio de Janeiro, sabe? Como governador, prefeito essas coisas. E aí criar mais programas pra tentar mudar isso aqui no Rio de Janeiro. Eu acho que uma pauta ser levada realmente a sério ainda mais no primeiro mandato assim de volta, né? Levantar racismo contra a população negra provavelmente não iria ser algo muito conveniente.

Entrevistador: Entendi, então a nível de governador você acha que teria alguma diferença em caso de eleição de um candidato ou outro como você falou a nível de presidente?

R: Eu queria o Freixo por favor eu queria muito que o Freixo ganhasse. Eu acho que ele é uma das pessoas que tem a política mais assim a esquerda que não é aquela esquerdinha colarinho, sabe? Tipo o Ciro, então ele seria o ideal, mas o outro cara lá, tá na frente. O que tá concorrendo agora que ninguém nem sabe nada sobre.

Entrevistador: Entendi. Eh enfim pensando nessas políticas que você falou do Freixo. O que você talvez esperaria que mudasse se ele fosse eleito? Quanto a essa situação da violência.

R: Eu acho que o governador tem que dar tipo luz verde pra algumas coisas que a polícia militar faz. Tipo a operação que rolou quando o Witzel ainda era governador, lá no jacarezinho, que falaram que é uma das operações mais letais da Polícia Militar do Rio até hoje. Governador não deu, luz verde para aquilo, mas geralmente eles tem que dar. Ah e eu acho que ter uma força moderadora, sabe? Como Freixo ah entre a polícia e a população em geral ia ser benéfico pra todo mundo. Ah eu não sei o quão intrincado é a polícia militar do Rio de Janeiro na sociedade no geral, mas eu acho que se possível eu esperaria algum tipo de reforma na polícia também. A desmilitarização ou alguma coisa assim. Pelo menos no início pontapé, ou início de conversa sobre.

Entrevistador: Entendi, como você acharia que isso talvez mudasse essa situação? Desmilitarização da polícia?

R: Eu acho que provavelmente ia tornar a Polícia Militar um órgão bem mais confiável porque a militarização faz com que você não possa reportar o seu superior, né? Você tem várias regras assim, códigos de honra digamos assim, que eram bastante presentes em mil novecentos, mil e oitocentos e que continuam até hoje em negócios militares. No Exército de verdade, faz sentido você tá lá pra proteger a pátria, então você tem que seguir ordens sem questionar porque teoricamente o seu general também tem o mesmo objetivo que você. Então você né? Mas na Polícia Militar por ser um grupo que não tem um inimigo

específico, sabe? Definido fica tudo bem mais perdido. E o fato de você ainda ter que dever várias honras ao seu superior torna que você meio que seja obrigado a participar de esquemazinhos pequenos, nada demais. Mas nesse pouquinho em pouquinho com todo mundo fazendo fica meio foda.

Entrevistador: E de alguma forma você acha que isso deixa a polícia mais violenta em relação ao pessoas negras. É isso?

R: Eu acho que então, eu acho que sim deixa, acho que deixa a polícia mais propensa a ignorar, protocolar padrões, sabe? Mas propenso a ignorar direitos humanos, coisas desse tipo. Quando você está tão propenso a já quebrar regras de pouquinho em pouquinho porque é uma coisa já cultural, o chefe mandou sei lá o quê ah eu acho que fica bem mais fácil de em algum momento você precisar quebrar regras de uma maneira mais ah digamos não sutil, você ser, ser capaz de fazer isso, entendeu? Ainda mais por você já tá... ser uma pessoa com o poder ali com uma arma.

Entrevistador: Eh, você gostaria de registrar algo a mais que a gente não falou?

R: Ah legaliza, marijuana, eu acho que isso iria diminuir bastante a violência porque o tráfico pelo visto até hoje é numa das maiores coisas que movem armas e tal no Rio de Janeiro acho que na maior parte do Brasil, ah drogas e violência contra a pessoa negra está interligado assim 100% e eu acho que atacando o problema das drogas a gente provavelmente iria resolver bastante problema de violência, pelo menos o tipo letal assim, contra pessoas negras Entrevistador: Como você tá saindo dessa entrevista? Você sente alguma diferença em relação ao modo como você entrou e como você termina?

R: Não, acho que não, acho que foi só uma viagem a, na, na Estrada da Memória, sabe

Entrevistador: Entendi. Então, obrigado.

### **Anexo E – Entrevista de J**

Entrevistador: Começar a gravar. Como você chega pra essa entrevista? Quais são as suas expectativas?

J: Dessa entrevista?

Entrevistador: Como você chega para a entrevista?

J: Estou tranquila. Estava no meio de um intervalo, então é isso sem muitas expectativas. Entrevistador: Você poderia narrar suas experiências com a violência no seu território? Entenda território como o lugar que você mora, os lugares que você circula, enfim.

J: Narrar a experiência de violência no meu território?

Entrevistador: É.

J: É que é isso, né? Tipo, quando você fala, quando você abrange o que é o meu território, me leva a pensar de violência que são vividas de formas diferentes, porque eu cresci na favela. Então lá o tipo de violência que eu via era tipo, sei lá... Pra mim era uma violência de ter que estar andando sempre com muitas armas ao meu redor, isso pra mim não é uma situação de segurança, representa violência desde outro tipo de violência que acontecia no dia a dia enfim, quando eu saí da favela e fui pra outros lugares que eu morei tipo Vila Isabel, Maracanã que não são favela e outros lugares que eu transito também por conta do acesso a universidade, as violências que eu sofro são diferentes, aí tem a ver com a minha cor, aí tem a ver com eu ter saído do meu território que por mais que seja violento me representa uma certa segurança de transitar, de saberem quem eu sou, de que se eu não sair da linha entre muitas aspas, eu vou estar segura no entanto são violências que no caso de alguma forma eu já estou preparada, né? Estou acostumada pois, são violências da rotina, mas desses outros territórios pelos quais eu transito e agora morando em Niterói as violências são muitas vezes violências pelas quais eu não estou preparada assim só acontece, eu estou andando e um olhar, uma forma de falar, uma série de coisas que são violentas pra mim, que eu não vou lembrar agora porque muitas vezes por não estar preparada também me pega de surpresa e eu fico sem... É difícil até elaborar certas coisas, mas é isso assim, são violências diferentes bem diferentes.

Entrevistador : Me conta um pouco mais sobre a sua experiência de morar na favela? J: Um pouco mais em que sentido?

Entrevistador : Como é que era o dia a dia, como é que era o cotidiano?

J: É porque cada ano da minha vida na favela teve pesos diferentes. Tipo eu nasci na favela onde morei a maior parte da minha vida então ali sempre foi um lugar na minha infância.

Entrevistador : Era aonde?

J: No Caju, Na minha primeira infância, e tipo morava numa vila de casas, então pra mim a favela era aquilo, aquela vila de casas, na minha infância aquilo era o lugar mais seguro pra mim, enfim não parecia violência, só aparecia o lugar onde eu morava, onde eu brincava onde as coisas aconteciam na minha vida e tem algumas memórias poucas né porque eu era muito pequena, mas aí quando eu tinha seis anos aconteceu uma situação de violência que hoje eu depois de muita elaboração sei que me marcou muito que foi uma amiga minha ela estava de mão dada comigo, eu tinha seis anos ela tinha quatro, seis e meio e ela quatro e meio e ela levou um tiro na testa assim do meu lado, então isso marcou pra mim a

experiência de morar na favela. A partir desse momento específico da minha vida eu sei que foi onde eu comecei a ter medo, a sentir medo de tipo a andar com medo dentro do... Porque também foi um lugar em que eu tinha saído da zona de segurança que minha mãe tinha marcado pra mim que era o portão da vila que a gente morava numa vila, sabe essas vilas sabe?

Entrevistador : Sei

J: Vila três, a minha vila era a vila três, e o meu limite de brincar era dentro da vila minha mãe sempre falava pra não sair da vila não ir pra praça que era fora da vila, porque na praça ali em volta as pessoas andavam com armas enfim lá especificamente o lugar onde eu morava não tinha boca de fumo perto, mas os bandidos transitavam, então o lema é evitava que... E nesse dia eu saí do limite da vila fui na praça comprar sorvete com essa minha amiguinha e aí aconteceu isso. E aí enfim, depois disso a minha mãe também entrou numa depressão, então ela pela nossa segurança, minha e do meu irmão, acabava não deixando a gente sair de casa, ela ficava em casa por muitos dias e a gente também não saía. Pra ela manter a gente trancado em casa era estar mantendo a gente seguro. Aí depois disso na adolescência eu mudei de escola eu fui para o Pedro II que era em São Cristóvão, que é um bairro que é perto do Caju, mas que é fora do Caju. Então foi onde eu comecei a transitar outros espaços assim mais pela Zona Norte e tal. Tinha amigos de todos os lugares da Zona Norte. E aí eu já não vivia muito a experiência da favela. Tipo, tudo que eu fazia era fora da favela, era nos outros lugares, os meus amigos, eu ia pra escola de manhã, ficava lá o dia todo, saía da escola já era seis horas da tarde, então chegava em casa à noite, não vivia a minha vida na favela era mais de transição, mesmo de andar e tudo mais. E aí foi isso assim, mas é óbvio que só nessa de você viver e morar ali você tem uma relação com seus vizinhos, você tem uma relação com o ambiente, mas eu me senti de alguma forma distante mesmo que pertencente aquela área, tipo uma sensação estranha de estar em casa e tipo de segurança de aqui é onde eu entro e saio as pessoas estão ali as mesmas pessoas e enfim... Se acontecer qualquer coisa eu sei pra onde correr, mas também o lugar que... até a minha existência enfim é isso uma ambiguidade muito grande e aí é isso aí depois eu entrei pra UERJ. Já estava trabalhando quando eu entrei pra UERJ consegui dividir casa com algumas pessoas aqui pelo Maracanã, Vila Isabel, mas por conta da pandemia acabei tendo que voltar pra minha favela por ser mais barato, enfim, perdi um dinheiro por conta de um erro da Defensoria Pública num processo de pensão alimentícia com meu pai. Então, perdi



metade da pensão que eu recebia tive que voltar pro Caju e aí a minha experiência com o território já era outro assim. A questão com as armas continua sendo difícil, continuava sendo... É isso assim uma questão não só menos dolorido de alguma forma acho que eu me acostumei sei lá, mas eu já estava mais OK com o espaço, o ambiente com as pessoas de entender também de ter outro olhar também para o Caju, para as pessoas de lá, para as lutas das pessoas de lá, para as experiências, para a forma de trocar assim, de conviver e me reconhecer também mais naquele espaço, naquele ambiente e aceitar as minhas características que vem dali, sabe? É isso. Uma vida.

Entrevistador : Entendi. Como é a vida no local em que você mora atualmente?

J: Bem diferente do que na favela. A gente não tem muito contato com os vizinhos eu moro num apartamento né? Então não sei muito bem quem são os vizinhos, eu demorei muito tempo pra saber a cara de alguns vizinhos, outros eu certamente nunca vou saber, alguns que sei cara, não sei nome. Mas isso se reduz aos vizinhos do meu prédio, porque do resto da rua eu não conheço absolutamente ninguém. E é isso, a minha vida completamente distante de outras pessoas, mas em termo de transporte, de silêncio da rua, tem mais assim, é óbvio que a qualidade de vida, do que as pessoas chamam de qualidade de vida e que as pessoas entendem como ascensão social lá eu diria que é melhor, mas não sei, acho que a hostilidade é diferente sabe? Tipo não sei explicar, só é estranho assim. Entrevistador : Ela não se dá tanto na questão da violência, mas no contato com as pessoas, é isso?

J: É isso, eu sinto como se eu tivesse completamente só. Assim, sabe? Não só porque tem a minha esposa, né? Minha companheira, sei lá. Eu amo! Então eu sinto que somos eu e ela. E todo mundo é todo o bairro à nossa volta sabe? É até um bairro legal a moça da vendinha lá da esquina já foi simpática, mas é isso, assim, a moça da vendinha da esquina eu sei que ela é simpática, de resto não sei nada sobre o bairro, não sei nada sobre as pessoas de lá.

Entrevistador : Entendi, você mora lá a quanto tempo?

J: Eu me mudei tem três meses, a Fabi mora lá um pouco antes, uns dois meses antes disso, mas ela era de Icaraí, né? Agora mora no bairro de Fátima, lá em Niterói, ela morava em Icaraí, morou sempre por ali e então eu já ia pra lá antes. Icaraí ainda é diferente da outra coisa, mas assim é isso estou a pouco tempo lá também cinco meses que frequento esse Bairro de Fátima.

Entrevistador : Entendi, se você for pensar na estrutura do bairro, na própria questão da segurança comparando com o lugar onde você cresceu. Como é que é agora?

J: Ah bem diferente, acho que é isso, tem a segurança e são diferentes sensações de segurança e insegurança sabe? Em vários níveis diferentes, mas lá onde eu estou agora a qualidade de vida é muito melhor no sentido de... é isso, já falei não tem muito barulho na rua, mas também eu não preciso de achar que tem muito policiamento pra me sentir que não... acho que ali não tem muito assalto sabe? É diferente do Rio, também é uma cidade diferente mesmo independente né, mas é isso eu corro o risco de ser assaltada, na minha favela eu não corria o risco de ser assaltada e tem esses outros... Sei lá, eu não sei não consigo por mais que pareça, tem uma imagem de que lá é seguro não sinto essa segurança toda não, ainda ando com um pouco de receio assim por lá sabe?

Entrevistador : Entendi, quais são as memórias mais marcantes que você tem do local que você cresceu?

J: Além dessa que eu já falei da Dani. Entrevistador : É, podem ser positiva negativas.

J: Eh acho que eu falei que eu tenho umas memórias desse primeiro momento antes da minha mãe ficar doente porque foi um momento de muita alegria então era um momento em que a gente brincava mesmo na rua sabe tinha... brincava de pique-esconde, fazia campeonato de golzinho na vila com chinelo sabe? Tipo, com poucos recursos a gente fazia tudo, tinha festa junina da galera da vila, sabe? Tinha uma união assim de vizinhança, é isso foi uma vila de casas, as pessoas tinham ganhado as casas tinha pouco tempo então ainda no início ainda tinha uma unicidade assim, uma coisa de comunidade bem gostosa assim, isso eu lembro dessas partes da minha infância tipo com muita força, assim muita presença, essas brincadeiras na rua e esses momentos de festa junina de união assim das crianças e as mães das crianças ali também sabe? É isso tenho várias memórias, mas agora pensando posso falar delas. Já falei de uma bastante marcante pensando triste e essas felizes também estão presentes da mesma forma.

Entrevistador : Para você, como a violência impacta direta ou indiretamente sua vida, suas ocupações, tipo atividades de lazer, emprego, ir pra faculdade, enfim?

J: Ah então, é porque é isso, é difícil de formular isso, acho que falta realmente elaboração, mas hoje em dia eu vejo que o maior tipo de violência que eu sofro diariamente é racismo. Por mais que eu já esteja na faculdade há algum tempo que eu saiba tem um certo jeito de se vestir, tem um certo jeito de falar que eu acho que vão me proteger, ainda acontecem situações que me pegam de surpresa na rua, no dia a dia, então... O impacto que isso tem na minha vida eu não consigo dizer porque às vezes eu estou indo pra sei lá, indo pra casa

ou voltando ou indo pra faculdade e passa umas falas que poderiam ser consideradas racistas, eh simples, pequenas, mas que fazem... mudam o meu “mude” sabe? Tipo, fazem diferença como eu vou levar o dia, como eu vou estudar, como eu vou ler o próximo texto, como eu vou chegar na aula, enfim, como eu vou chegar ali no trabalho. Óbvio que a gente vai desenvolvendo... né? Eu, mas pensando que mó galera que eu já troco, a gente vai desenvolvendo formas de lidar, tipo tentando deixar passar, mas acontece, assim. Não dá para prever. Não sei se a pergunta é com relação a violência... segurança pública, essas coisas, mas eu realmente não acho que isso me impacta tanto, assim.

Entrevistador : É no geral. J: Uhum

Entrevistador : Na época que você morava no Caju de alguma forma impactava a violência que tinha lá, sua circulação pela cidade, enfim?

J: Não, a violência que tinha lá impactava porque era outra espécie de violências. Eram muitas vezes violências que não eram diretamente pra mim. Eram violentas ao meu redor, sabe? Era tipo eu ver cara batendo em mulher e aí eu ver muitas brigas que eram... situações de violência explícita mesmo e sem nenhuma intervenção assim era só coisas do dia a dia. Todo tipo de violência mesmo, mas isso impactava bastante a minha vida, com certeza isso eu não tenho dúvida, mas era diferente porque não era diretamente comigo sempre sabe? Óbvio que eu já passei violências diretamente comigo na minha própria casa, mas não era o tempo todo, que as violências que estavam ali ao meu redor eram direcionadas a mim, era uma violência que era coletiva assim, era forma de viver. Fora outras coisas que eu considerava violência também, que era ficar dias sem luz, dias sem água, tipo esse tipo de coisa, não ter o que comer, isso também é violência e eram violências que estavam pra ali, tipo para o lugar, não tinha a ver diretamente comigo sabe? Não era individualizada assim, vamos dizer.

Entrevistador : Entendi. Mas mesmo não sendo individualizada. Como você vê que isso impactou a sua vida no passado? E se tem alguma marca disso ainda hoje pra você?

J: A minha vida no passado certamente impactou, acho que eu falei né que eu estudei no Pedro II, por mais que era um colégio em São Cristóvão ainda era bastante elitista sabe? Por mais que eu tenha entrado por cota né de escola pública quando eu fiz a prova, mas tinha muita gente que entrou já vindo de escola... metade da galera que veio foi de escola pública e a outra metade que veio de escolas particulares. E essa galera que veio de escolas

públicas ainda era uma galera que pôde pagar um cursinho, que tinha uma família bastante, vamos dizer estruturada, enfim, educação, o que não era o meu caso. Então quando eu chegava nesse lugar sendo criança ainda, né? Tipo doze anos, início da adolescência, mas ainda era uma criança. Então as pessoas esperam, elas olham pra você a partir do que você oferece por quem está por trás de você, quem tá cuidando de você, seus pais, como é que eles se portam na escola, como é que eles chegam nos lugares que você chega, e eu não tinha isso, então o meu, vamos dizer, abandono de alguma forma, em certos termos assim quando faltava, e quando eu podia sair, enfim, esse tipo de coisa chegava nos lugares em que eu estava, impactava na minha vida era violências assim tipo silenciosas né? Não tem um culpado necessariamente né, não era porque a minha mãe queria que ela estava doente que ela não podia estar presente nas coisas e me dar uma coisa melhor, uma roupa melhor, um dinheiro pra sair, enfim. O meu pai já é outra história. É bem estrutural também essa coisa do pai abandonar e tudo bem mas é isso. Acho que teve todo esse impacto que é muito indireto eu não saberia quantificar nem dizer diretamente onde é que essas violências me pegaram, mas certamente na minha forma de estar no mundo assim, de transitar foi muito feita e pautada a partir disso sabe? Eu sempre tive que ser mais simpática do que as outras pessoas para ter aceitação de outras pessoas eu sempre... Foi o mecanismo que eu escolhi ser simpática óbvio, mas eu não tinha o tempo que os meus amigos tinham pra estudar então eu estava sempre mais insegura na hora de fazer as provas, as atividades tipo trabalho em grupo que tinha que contribuído com certas coisas e eu não podia, nada nunca era na minha casa sempre na casa de outras pessoas então, sabe? Não tinha um espaço na minha casa pra estudar, não tinha esse lugar, enfim, tudo isso na nossa construção subjetiva faz a diferença assim, só que eu não sei... não vou saber dizer exatamente o ponto que mexeu acho que foi em tudo, quem eu sou hoje basicamente foi a partir desse lugar de onde eu vim sabe.

Entrevistador : Você sente ou já sentiu medo de sair de casa para fazer alguma atividade do dia a dia?

J: Que tipo de medo? Qual que é o medo?

Entrevistador : Assim, de circular pela cidade.

J: Já não tive como sair quando estava tendo operação e aí, porra é medo é, mas é isso assim não porque ai hoje eu não vou andar na rua isso não, mas já tipo está bala comendo e

não tem como sair, não dá pra sair, com medo né? Não podia sair se não o medo de levar um tiro.

Entrevistador : Sim. Existem lugares que você evita ir ou horário que você evita ir em determinado lugar ou horários que você evita sair, enfim?

J: Na vida de um modo geral?

Entrevistador : Na vida de modo geral, no Rio de Janeiro, na região metropolitana.

J: É, hoje em dia, tipo, passar a noite na rua, por exemplo, sozinha, eu não faço mais. Só se eu tiver como voltar de Uber, tiver certeza que eu vou ter dinheiro para pagar um Uber, mas é isso sempre quando a gente sai a noite a gente tem que ter cautela né? Eu acho que eu não deixo tanto de sair, saio, ultimamente eu saio bastante, mas sempre com cautela.

Entrevistador : Entendi, existe algum lugar ou lugares na cidade assim que você se sente mais segura de estar?

J: Por mais contraditório que seja, o Caju. Pelo o que eu já falei é um lugar seguro pra mim de certa forma acho que na zona sul é o lugar onde a gente tem uma falsa sensação de segurança às vezes, né? E é isso, lá em Niterói também. São as mais tranquilas.

Entrevistador : Casos de violência que repercutem na mídia em que as vítimas são pessoas negras. De alguma forma afeta a sua vida?

J: Com certeza. Porque é isso, não é como se fosse só o que está na... Não é tipo assim, 'a mídia relatou um caso de violência e eu... a uma pessoa negra isso impactou na minha vida porque ah daqui a pouco pode ser...' Não é só isso, é porque eu também sofro violências por ser negra, diferentes formas de violências, eu acho que é só um talvez, uma questão de tempo até ser uma dessas em que teve que aparecer na mídia, porque não são todas as violências contra pessoas negras que saem na mídia, né? Mas essas, que saem na mídia são as que a gente considera tipo a gota d'água, o ápice, então não é como se fosse tão distante assim é real, só que são. A realidade está aí sabe? Enfim.

Entrevistador : Eh, você já falou do caso da sua amiga que sofreu, que levou um tiro na cabeça quando você era criança, mas além dela. Você conheceu alguma outra pessoa que foi vítima de violência assim na cidade, na região metropolitana do Rio, seja de maneira fatal ou não?

J: A minha mãe levou um tiro no pé, quando ela estava voltando do trabalho no ônibus teve um assalto no ônibus ela levou um tiro no pé, depois disso inclusive ela entrou em depressão, um tempo depois disso assim, ela ficou em casa né? Perdeu os empregos que ela

tinha então uma coisa levou a outra. E algumas outras pessoas assim, diariamente acontece de pessoas falarem coisas que acontecem na rua assim.

Entrevistador : Como o que, por exemplo? J: Hum?

Entrevistador : Como o que, por exemplo?

J: Tipo, você fala do tiro sem violência que é tipo assalto? Porque assalto é o tempo todo.

Ah, assalto é o tempo todo, isso aí é muito comum e é isso assim, acho que tá no dia a dia na nossa, na boca dos outros, mas assalto é sempre muito perto assim sempre um amigo diz que foi assaltado.

Entrevistador : Entendi, quando essas coisas acontecem, como é pra você? Acontecendo assim como aconteceu com alguém próximo, foi sua mãe, sua amiga ou amigos contando de assalto, como é pra você, como é para o seu entorno, familiares, vizinhos, amigos, enfim?

J: Então, para mim é isso assim, é o que eu já disse, eu acho que talvez fique uma sensação chata de tipo ah é só uma questão de tempo até ser comigo sabe? Já fui assaltada também duas vezes e é isso que você falou, quando eu estava pensando né em sensação de segurança que passa também em Niterói é por isso, teve um contato com uma vizinha que chegou na Fabi né que é o meu amor, que mostrou um vídeo pra ela de alguém invadindo uma casa roubando sei lá uma bicicleta uma coisa assim e ela contando aquilo muito apavorada como se fosse uma grav... ai uma uma sabe... uma uma sei lá... alguém que levou um monte de tiro na rua, vamos dizer. Ela contava aquilo de um jeito muito comovida. Eu não vi ela falando, mas a Fabi me contou com detalhes assim. E isso eu achei engraçado, porque isso só nos deu a entender que aquilo não era comum naquele lugar e por isso a grande comoção. Porque pra gente tipo era engraçado, sabe?

Entrevistador : Entendi. Mas na real, invasão de casa não é crime em nenhum lugar do Rio, não é um crime comum.

J: Aham é não na zona norte do Rio lá na... teve ah ...

Entrevistador : Não, é um crime muito comum em São Paulo no Rio não é. J: Ah, sim.

Entrevistador : Apesar da gente ter muros super altos aqui, é muito mais por um pânico por causa de algumas poucas notícias que circulam do que exatamente ter uma estatística

criminal muito alta de roubo de casa.

J: De roubo de casa, sim, faz sentido. É, mas é isso a gente não achou... e não foi nem tipo uma grande invasão de casa, sabe? Foi uma varandinha que tipo a bicicleta estava ali, sabe? Não foi como se o cara tivesse quebrado a porta da pessoa. Por isso que pra gente ficou tipo ‘pô esse aqui é o grande crime que você está desesperada?’ sabe? A gente falou ah então aqui deve ser muito seguro, pelo jeito que ela falou.

Entrevistador : Entendi, como que você acha que a violência impacta a vida das pessoas que vivenciam ela constantemente no cotidiano?

J: É difícil, no cotidiano eu acho que é pesado porque você acaba entrando num movimento constante de alerta assim quando você relaxa um pouco você acha que deu mole, tipo eu já vi pessoas se culparem por ser assaltadas falando ‘dei mole, também eu dei mole’, e po, não é dar mole você achar que pode usar o seu celular por exemplo sabe? Então a gente acaba entrando num modo de vida que é pânico tipo generalizado. É bem difícil assim. E são várias formas de violência e você está sempre vivendo nesses ambientes. Então parece realmente que é uma questão de tempo até a violência chegar até você...

Entrevistador : Entendi, quais perspectivas você vê em relação a... perspectivas em relação ao futuro da questão da violência?

J: Cara eu não tenho muitas não, assim de verdade eu sempre estou esperando que melhore né? A gente tenta votar da melhor forma nas nossas práticas diárias tentar fazer o que mais parece seguro, mas isso também é sempre uma ilusão, enfim, não tem muitas perspectivas positivas em relação a violência não, só tenho fé de que vai melhorar.

Entrevistador : Entendi, O que faz você esperar que as coisas melhorem, mas ao mesmo tempo não acreditar que elas vão melhorar?

J: Hm o que me faz acreditar é fé e acho que muito por querer mesmo não viver sempre num lugar negativo de ‘ah eu sei que é assim, eu tenho que’, sabe? Não viver a mercê da negatividade. Então eu me sinto quase que na obrigação de ao menos pensar positivo porque a realidade é muito negativa por isso que fica aquela ao mesmo tempo uma fé e descrença coexistindo se é que isso é possível.

Entrevistador: Entendi, você acha que tem alguma coisa que eu gostaria de falar que a gente não falou durante a entrevista?

J: Não

Entrevistador: Como você está saindo dessa entrevista? Você sente alguma diferença em

relação ao modo como você entrou?

J: Com certeza, eu pensei em coisas que eu não estava pensando né? Tipo querendo ou não você falar de violência eh... Ao mesmo tempo que é difícil falar porque parece um turbilhão de coisas e trava a fala, tipo é um trabalho difícil estar aqui falando sobre isso e falando de um jeito numa linguagem contínua, uma linguagem sabe tipo eh dando uma entrevista sobre violência porque querendo ou não quando você se põe a pensar em violência suscita muitas coisas no seu corpo então eu não vou sair do mesmo jeito que eu entrei porque provavelmente que algumas dessas coisas me acompanha até o final do dia assim na minha cabeça enfim, na forma de está nos lugares que eu vou.

Entrevistador: Entendi. Então é isso.

Obrigado. J: Nada.

## **Anexo F – Entrevista de C**

Entrevistador: Como você chega pra essa entrevista? Quais são as suas expectativas?



C: Bom, acho que as expectativas eu penso que são boas, né? Porque muito mais do que falar sobre violência e como que ela me atinge, com pessoas que eu não conheço, como a mídia enfim faz. Acho que ficou parecendo muito que eu te conheço.

Entrevistador: Pode falar?

C: É bom, porque de certa forma eu falo da minha vivência para alguém que está vindo até mim de certa maneira. Então esse encontro não é um encontro muito externo onde a pessoa fala sem a minha intercedência.

Entrevistador: Você poderia narrar as experiências com a violência que você teve na região metropolitana do Rio de Janeiro, como elas se deram, quais são os impactos na sua vida, na sua comunidade e quais violências você sofreu?

C: Bom, eu sou cria de Olaria, né? Da Zona Norte do Rio de Janeiro e desde muito cedo a violência tava metida de modo simbólico, né? Primeiro dentro de casa, quando minha mãe começa a falar que eu com sete anos de idade eu teria que ter milhões de CPF's pra poder sair na rua, para comprar pão. E aí ao decorrer da minha idade eu fui pensando muito como que certas medidas de segurança, né? Traziam também um Q de violência. Então eu tenho identidade desde muito cedo, CPF é a mesma coisa, e aí isso me incutiu muitas preocupações né? Primeiro por ser um homem negro, mas tem a dimensão também por ser um negro gay, e aí é muito diferente percebendo né? A relação com meus colegas negros e não negros, muitos deles não saiam pra rua com documentos, então eu sempre tinha que andar com uma bermuda, uma calça com bolso pra eu poder guardar meus documentos. E é isso pra mi, já foi dando algumas direções de que de certa forma eu não estava totalmente seguro na rua, né? Muitos relatos de pessoas da minha família que foram severamente parados pela polícia com intimidações muito truculentas e como que isso foi afetando também a relação dessas pessoas com o cotidiano delas. Eu consigo perceber porque na minha família, inclusive tive alguns casos de pessoas que foram violadas durante uma operação policial, né? E aí eu vejo que de certa maneira, eu acho que o fato de eu ter hora pra entrar, hora de eu sair de casa, isso também já vai dizendo um pouco de como que eu não sou livre, né? E aí é aquela máxima, acho que antes da gente sair de casa, a gente tem que assegurar muitas coisas. Por exemplo, uma coisa muito interessante que eu percebo hoje em dia, enfim, depois de anos é que sobretudo as pessoas que eu conheço, que são

negras e são homens, sobretudo, entram no banco de mãos pra cima né? E aí isso também foi ensinado pra mim, e pros meus amigos da minha rua, pras pessoas da minha família, que é uma medida de segurança, né? Pra que a gente consiga entrar e sair dos lugares sem ter muitas questões. Eu acho que é isso.

Entrevistador: Como é a vida no local que você mora atualmente? Quais são os principais problemas? E a onde a segurança entra nisso?

C: Bom, atualmente tem cerca de um ano que eu não moro mais no Rio de Janeiro, mas circulo por aqui, moro em Duque de Caxias, um território que é marcado sobretudo pela milícia e pelo movimento paralelo. E a minha relação, por exemplo, com o bairro onde eu moro hoje é totalmente diferente de com o bairro onde eu fui criado, né? Primeiro o simples fato de eu não conseguir transitar pela cidade onde eu moro atualmente, porque tem regiões que eu não posso entrar por conta de comandos diferentes. Então isso vai me dizendo, por exemplo que alguns equipamentos de saúde, que são municipais em Caxias, eu não consigo acessar, por conta de questões territoriais e aí isso já vai me expandindo para outros lugares, né? Então hoje sobretudo eu consigo circular pelo Rio muito mais do que eu circulo em Caxias, por questões ,inclusive como eu relatei agora, mas um fato muito principalmente que acomete meu cotidiano enfim nesse último ano é que eu tenho um horário pra entrar na minha casa, então por exemplo em Duque de Caxias, no Centro de Caxias tem ônibus rodando de domingo a domingo sendo que final de semana termina no máximo nove horas. Então se eu tiver em Caxias nove horas eu não tenho mais ônibus pra minha casa e aí isso vai dizendo pra mim como que eu vou me relacionando com esse tipo de liberdade que é de fato um contrário de violência, né? Porque o fato de eu entrar tarde, no bairro onde eu moro, implica em, por exemplo, de eu ser assaltado, sabe? Então, eu tenho um toque de recolher onde eu moro. E isso por mais que sejam realidades em que eu já experimentei em outros momentos da minha vida em Olaria ou lugares próximos de Olaria tem sido muito marcado essa relação nesse meu cotidiano, né? Enfim, primeiro por algumas falas do sentido, tipo assim, ‘Pô, tu é daqui?’, a mesma pergunta sendo feita a semana toda, ‘você é daqui, você é daqui’ e aí isso vai dizendo também um pouquinho de como que eu me relaciono com esse espaço que eu entendo que é a minha casa.

Entrevistador: Entendi. E, assim pensando... tentando elencar, digamos assim, em que proporção para você a segurança ou a falta dela é algo presente no seu território em relação

a outros problemas como infraestrutura, acesso à saúde, qual pra você é o lugar da segurança? E como ela se relaciona com esses outros fatores?

C: Cara, o lugar da segurança pra mim eu vejo que é um lugar entre muitos espaços, né? Entre espaços na verdade, né? Não consigo pensar segurança numa perspectiva contínua, ao mesmo tempo que eu penso que tem uma patrulha que roda no meu bairro ao lado da minha casa tem uma vala, que se chama vala sete, e ela é uma vala que historicamente é conhecida por desova, de grupos armados, né? Então com isso começo a pensar que a segurança não tá nem presente dentro da minha própria casa e pensar em ter segurança eu não consigo, hoje na minha atual vivência pensar numa segurança plena, sabe? Consigo ver estratégias em que eu não passe por situações de violência. As estratégias que eu tenho abordado comigo mesmo. E aí que eu acho que também parte do pressuposto de que eu acho que a segurança ao meu ver, ela parece muito num lugar onde que o outro não pode fazer alguma coisa com a gente ou que ele vai assegurar que ninguém faça, mas isso não é uma verdade muito plena, porque o outro é o outro, eu sou eu e acho que por motivos de interesse, acho que até disputa de território ou de narrativas em locais diferentes, acho que cada pessoa vai priorizando aquilo que é dela, né? Então é muito comum por exemplo eu ver relatos de que ruas próximas foram assaltadas e que inclusive não teve nenhum tipo de patrulha ou nenhuma medida tomada ao, mesmo tempo tenho colegas da minha rua que foram desaparecidos, em abordagens policiais porque foram confundidos. Então é um lugar muito, pra mim é um lugar muito inclusive de insegurança, né? Tipo, é uma segurança muito insegura porque na verdade eu não consigo ver a plenitude dela né, agindo tal qual ela se propõe.

Entrevistador: Entendi, você falou de pessoas que desapareceram depois de abordagens policiais?

C: Sim. São pessoas muito próximas ali de onde eu atualmente moro e que isso vai dizendo também do silêncio, né? É um silêncio onde é isso, ninguém vê, né? Ninguém vê, ninguém ouve, ninguém sabe e pra mim isso é preocupante, é muito preocupante porque pode ser comigo, né? Acho que pode ser qualquer um de nós pensar de noção de desaparecimento assim, sabe? E é isso atualmente, eu tive uma situação onde eu passei por uma revista não foi uma abordagem violenta, mas pra mim foi uma abordagem nova na verdade, uma coisa que não tinha acontecido comigo e a primeira coisa que me veio à cabeça foi exatamente

isso. Ninguém sabe onde eu estou. Se eu desaparecer ninguém vai me achar, né? Então é isso né? Tive casos na família também de pessoas que foram desaparecidas, e outras que foram presas injustamente que dessa prisão foram desaparecidas também e aí isso vem preocupando, né? Porque são casos que acontecem na minha rua, no meu bairro, mas que aconteceu na minha família e que podem estar muito próximas também. A qualquer momento acontecer.

Entrevistador: Você consegue me falar um pouco mais sobre cada um desses casos individualmente?

C: Então, é isso sobre essa situação da minha rua é aquela parada, a gente sabe que acontece, sabe como é que é, só que ninguém vê, ninguém ouve, ninguém fala, só acontece, né? Na minha família eu tive um caso de um primo, de lá de Cabo Frio em que é isso, né? Ele foi preso injustamente por um crime que ele não cometeu e antes disso, antes dele de fato ser preso desapareceram com ele, né? E até hoje não sabe o que entre ele ter desaparecido e ir pra cadeia, o que de fato foi o que aconteceu com ele. O que eu posso dizer por exemplo dessa história bem próxima, é que após ele sair da prisão literalmente passou-se três meses e ele faleceu de uma causa desconhecida, né? E isso pra mim me toca numa questão muito particular porque é isso, né? Um caso que aconteceu na minha família, que é uma pessoa muito próxima a mim também, mesmo embora tendo distâncias muito enfim. Muito decorrente, né? Mas é isso. Eu fico pensando também no meu futuro, eu quero ser pai e olhando pra essa estrutura toda eu não consigo ter o mínimo de pensamento de como que eu vou promover que meu filho esteja em espaços seguros, né? Promover que ele saiba se defender ou eu consigo não ver na verdade uma proposta de segurança completa a tal ponto de, por exemplo eu não preocupar dele desaparecer.

Entrevistador: Entendi, assim pensando o que que seria segurança completa pra você?

C: Boa pergunta, eu acho que segurança completa parte do pressuposto de que você consegue chegar em casa tranquilo, você consegue sair de casa tranquilo e você consegue permanecer em casa tranquilo. Eu acho que pra mim isso é segurança completa porque mesmo que aconteça qualquer tipo de situação na rua ou a caminho de casa ou volta pra casa ter um espaço onde você se sinta seguro eu acho que isso também já diz um pouquinho de uma possível segurança completa né? Mas eu sei que isso não vai acontecer. É uma

utopia, teve uma situação que aconteceu comigo em que invadiram a minha casa, eu estava dormindo e nesse processo eles roubaram uma das minhas caixas d'águas de onde eu moro. E é isso, ninguém viu, ninguém sabe, ninguém ouviu, ninguém vê. E aí eu fiquei pensando, cara, uma caixa d'água pra mim hoje não é uma questão porque eu consigo pegar a água da bica da rua, né? Mas eu fiquei pensando, tipo, se fosse outra coisa, sabe? Eu não sei, eu fico pensando muito sobre isso assim. Por exemplo, o que acontece enquanto eu tô dormindo ao redor da minha casa sabe? Que está escondido, né? Pelo escurecer da noite.

Entrevistador: Assim e essa caixa d'água era uma caixa d'água instalada?

C: Na verdade não, ela não era instalada, ela só estava em cima de uma casa, uma que foi alugada, na verdade pela minha família só que desinstalamos ela porque não estava mais em uso, depois que o pessoal do aluguel foi embora, mas ela estava lá né? Porque é isso? Onde eu moro atualmente tem algumas questões de infraestrutura que precisam ser resolvidas, mas por questões financeiras eu ainda não consegui fazer isso, mas ela não estava instalada, né? Mas ainda assim estava no meu terreno, então de certa forma ela era minha, né? E aí só sumiu, foi basicamente isso, só sumiu sabe?

Entrevistador: Entendi. Você consegue me falar um pouco mais sobre como a violência impacta a sua circulação pela cidade. Por exemplo, o seu acesso a emprego, saúde, estudo, lazer, atividades culturais, enfim.

C: Tá, é muito mais complexa, mas acho que primeiro tópico que eu posso falar, né? Dessas opções ocupacionais que você trouxe é de emprego é isso né? Onde eu moro atualmente eu preciso arrumar um emprego onde eu consiga sair, ter um expediente onde eu consiga chegar em casa antes do toque de recolher, né? E aí isso já me limita, inclusive a minha oportunidade de emprego, porque aí eu tenho que achar empregos em que eu consiga de fato me organizar atemporalmente pra sair de casa em segurança, né? Entre aspas e voltar para casa em segurança. Então isso já me diz também do que eu posso ter de emprego, né? Por exemplo, às quartas-feiras, né? Eu faço um bico de professor e eu literalmente tenho que acabar minha aula mais cedo, uma hora mais cedo, isso já está acordado por exemplo para que eu consiga chegar em casa antes do toque de recolher e ainda assim eu termino a minha aula mais cedo, porque uma das minhas alunas mora próximo de mim ela volta de carro o que, por exemplo, não me furta esse tempo de, por exemplo, sair da instituição que

eu trabalho, né? E ir pro ponto e esperar o ônibus até chegar em casa, porque nesse processo aí dá cerca de quarenta minutos. Então isso já é um ponto muito específico. Questão de saúde a mesma coisa. Tem lugares que onde eu moro que atualmente que eu não consigo entrar. Porque são locais estrategicamente localizados inclusive. Então isso também já me dá um ponto de poder ter que sair do local onde eu moro pra que eu consiga acessar a saúde de outras maneiras. Então esse é outro ponto muito específico. A dimensão do lazer eu acho que também cabe com a questão de deslocamento, né? Então eu preciso me deslocar num tempo onde eu consiga sair e voltar pra casa, mas ao mesmo tempo entender quais são os lugares de lazer que eu vou, porque provavelmente no caminho deles pode acontecer alguma coisa ou lugares específicos, estratégicos, enfim. Esse é um ponto e acho que o meu próprio deslocamento da cidade, assim, eu não consigo pensar um dia em que eu não saio preocupado assim, que eu não ando preocupado na rua. Uma coisa que minha mãe sempre falou das outras estratégias que ela deu, né? Enfim, ao longo da minha vida que não era pra ouvir música na rua de fone. Porque é isso né? Você não consegue ouvir as ameaças iminentes que estão lá próximas de você. Houve conversas né? Enfim que possam tendenciar a lugares que você não precisa ir e hoje eu tenho essa mania. Eu não ando mais com fone escutando na rua, sobretudo no ônibus. Confesso que algumas vezes até escuto, mas a todo momento em qualquer lugar que eu esteja estou atento a rua, ao movimento, ao que tá acontecendo, né? E aí acho que isso também já mexe com deslocamento, que eu acho que deslocamento é uma questão, acho que muito consequente de dinâmica de segurança, né? Porque eu acho que passa por esse lugar assim, de você conseguir se deslocar tranquilamente. Porque provavelmente pode ter segurança e aí você pode se sentir mais seguro, mas a minha vivência no Rio de Janeiro ela diz que é isso, preciso estar atento a qualquer tipo de situação e me preparar pra resolver isso, né?

Entrevistador: Como é está nesse estado de atenção constante?

C: Cara é exaustivo, é exaustivo porque eu acho que isso também está relacionado a uma dimensão racial, eu acredito que o que eu tô falando não seja uma coisa pessoalizada minha assim, mas eu consigo ver outras pessoas negras num total estado de atenção na rua assim sabe? E pra mim isso chega num lugar muito complexo porque é isso né? O que é de fato está livre porque eu acho que segurança também tem a ver com a dimensão de estar livre o direito de você ter direitos, né? Direito de ir e vir, direito a cidade, direito de lazer, sabe?

Direito de deslocamento. E aí está em total atenção pode acabar minando a minha experiência, inclusive no direito à cidade, sabe? Então, eu me sinto exausto quando chego em casa, porque até esse processo de eu chegar em casa, é um processo de total atenção. E aí pra mim isso chega num lugar muito específico para dimensão racial porque eu consigo ver outras pessoas brancas por exemplo, que não tem esse tipo de comportamento que eu tenho, e aí pra mim isso fica muito específico assim o porquê que isso acontece, estatisticamente pensando né pessoas pretas são as que morrem, mais sobre tudo jovens homens negros então cai num ponto muito específico pra mim.

Entrevistador: Assim, existe algum lugar da cidade que você se sente mais seguro da cidade, da região metropolitana, assim no entorno de onde você mora?

C: Boa pergunta. Bom, lugares em que eu me sinto mais seguro por incrível que pareça é a praia, eu me sinto muito seguro na praia, muito muito muito muito, porque eu não sei se é um lugar onde é possível você observar tudo por um todo né? Ao mesmo tempo estando em lazer, mas eu não sei, pra mim é... pode ser até uma dimensão subjetiva assim pra mim né, quando eu estou próximo do mar eu me sinto muito seguro eu não sei porquê, mas eu gosto muito de estar próximo do mar. Quando eu tinha mais tempo sobre tudo enfim, mais dinheiro pra gastar com coisas, todos os dias eu ia pra praia, ia pra praia de manhã tomar café na praia sozinho. E pra mim é isso né? De manhã a praia está até um certo horário vazia. Pra mim o vazio da praia não era preocupante, era reconfortante na verdade. Ao mesmo tempo que o cheio da praia pra mim não é preocupante, é reconfortante também, gosto bastante de estar em cachoeiras, mas é isso né? A cachoeira ela é um lugar que precisa atravessar mata, geralmente uma trilha e é isso né? Pensando as questões de violência que acometem a minha região é uma região onde não tem praia, mas tem muita cachoeira e é muito comum que é isso, né? A dimensão da desova. Não só na vala, mas em matos muito grandes, em florestas próximos também, é muito comum essa questão de desovar corpo, mas pra mim a praia é um lugar onde eu me sinto muito confortável de estar, sabe? Muito confortável mesmo.

Entrevistador: E assim, casos de violência que se tornam digamos muito notórios na mídia de alguma forma te afetam?

C: Sim, me afetam. Eu acho que o primeiro deles é a violência policial, é o primeiro deles que mais acontece, ainda não tive essa experiência espero não ter também, mas tem pessoas

muito próximas inclusive homens negros que já tiveram essa experiência e que não foram nada interessantes, assim sabe? E pra mim é muito específico. Sobretudo quando sai na mídia essas questões de guerras travadas entre grupos sociais armados, né? Sociedade civil armada. Sejam eles policiais ou pessoas do movimento ou milícia é muito comum essa relação da vítima de quem é a vítima e de quem é o algoz, sabe? E é isso, né? É poder pensar que essa relação de violência ela é acometida por dois lados, né? Tanto lá do pessoal do movimento quanto o pessoal da polícia, então ao mesmo tempo que eu tenho medo de ser confundido com uma pessoa que seja do movimento eu tenho medo de ser confundido com uma pessoa de um outro movimento, né? Então é isso, atualmente estou com o cabelo loiro e isso pra mim já me deu alguns olhares, de pessoas muito específicas. E isso pra mim é muito refletido na aparência por exemplo que colocam na mídia de quem são os possíveis agressores da sociedade. De quem são as pessoas da casta ruim da sociedade. Enfim, é só você pensar, por exemplo, o como é colocado as pessoas pretas na mídia, né? Sempre em posição de pessoas violentas, altamente violentos. De pessoas que são de fato traficantes de alguma coisa. E aí eu começo a me perceber nesses lugares assim, começo a me perceber e pra mim parece um espelho quando eu olho a mídia assim e eu olho pessoas que são próximas a mim da mesma idade que eu e aí eu começo a perceber de fato que aquela imagem não tem nada a ver comigo. E aí eu começo a perceber que se não tem nada a ver comigo, ela tem alguma coisa estranha. Porque que pessoas específica estão sempre nesse mesmo lugar? E aí eu trago sobretudo pessoas pretas. Por que estar nesse lugar sabe? E aí às vezes não condiz com a realidade na qual eu vivo. Enfim.

Entrevistador: Você já teve amigos, parentes que foram vítimas de maneira fatal ou não de violência? E como foi isso pra você e seus familiares?

C: De maneira fatal.

Entrevistador: Ou não.

C: Bom, tem uma senhora que considero ela como tia. Me conhece desde pequeno, enfim. Tinha um irmão que faleceu também que ela conhecia. O meu irmão mais velho, e o filho dela foi confundido com bandido e ele foi trucidado por vários tiros de bala. E aí eu fico pensando e isso pra mim me toca nesse lugar assim, sabe? Isso aconteceu, sei lá, há mais de trinta anos atrás, né? E aí eu vejo assim como que isso afetou a vida dela, sabe? Tenho



primos meus que foram presos, mas que estão vivos hoje ainda e eles comentam também às vezes comigo quando eu os encontro por aí pela vida, como que pra eles essa relação de ter sido preso, de ter sido revistado, foi uma relação muito impactante e que talvez tenha moldado quem eles são hoje assim, sabe uma experiência de dor que provocou dor por exemplo pra eles no cotidiano deles sabe? Na relação deles com a família, enfim. Tem essa relação do meu primo também. Que foi preso, que foi desaparecido antes de ser preso, que depois ele morreu, enfim. Pra mim são casos bem latentes assim no cotidiano próximo a mim. Que eu consigo parar para analisar e comentar.

Entrevistador: Entendi. O que você pensa sobre os efeitos das violências na saúde das pessoas que presenciam, vivem isso constantemente?

C: Cara, eu acho que influencia cem por cento, sobretudo em noção de saúde, por exemplo, depois que esse filho dessa minha tia que morreu, né? Enfim, dessa forma que eu contei ela desenvolveu vários quadros por exemplo de depressão, de hipertensão e de coração grande. E aí pra mim é isso, né? Eu não sei explicar o como que isso acontece, como que isso aconteceu, né? Biologicamente falando, né? No corpo dela e tal, mas eu acho que afeta diretamente, sabe? A própria relação de você ter produção de vida em si mesmo assim, entende? Eu acho que desenvolve bastante questões psicológicas também. Porque são situações traumáticas. E eu acho que a memória traumática ela vai te trazendo pra vários lugares específicos, sei lá é um caso muito distante da minha realidade hoje, mas eu fico pensando muito no Lima Barreto que é um escritor que eu gosto bastante, e aí o cara foi internado sei lá duas ou três vezes por motivos não aparentes e Stela do Patrocínio também, que foi uma outra pessoa preta que foi internada porque de fato ela só era preta, sabe? Conta a história dela, que ela acho que morava em Botafogo ou trabalhava em Botafogo, aí nesses processos dela caminhar pela cidade próximo a Central do Brasil eu acho, que eu não sei se ela foi confundida, mas prenderam ela e aí prenderam ela no hospital psiquiátrico de Engenho de Dentro. E aí disso ela só foi definhando, só foi definhando e aí eu acho assim, não tô muito a par das estatísticas propriamente dita, né? Mas pensar que por exemplo, hoje se bobear mais da metade da população usuária de saúde mental são pessoas pretas, né? E que tem históricos de violência, né? Seja diretamente ou indiretamente e é isso né? Falando sobre isso agora não sei o porque, mas me veio à cabeça um trabalho que eu fiz uma vez em um CAPS saúde mental enfim, né? Em um CAPS AD3 de álcool e outras drogas. E era muito comum que relatos de pessoas que chegaram ali enquanto usuários, que

fazem uso desse serviço, o relato deles de iniciar a usar drogas, álcool, de forma abusiva foram por questões de racismo. Eles não falaram por isso, mas os laudos que eles trouxeram me deram entender que é isso, né? O fato de por exemplo, serem violentados diretamente pela polícia, a própria relação deles com o território onde eles moravam, né? A dimensão deles irem e virem em lugares que eles não poderiam. Então eu acho que isso, é um bom indicativo, né? De poder pensar o como que a violência ela atinge de forma desproporcional a vida das pessoas pretas.

Entrevistador: Entendi, quais perspectivas você vê de melhora dessa situação enfim, na região metropolitana, na cidade que você mora, nos lugares que você circula?

C: Eu escutei uma vez, né? Se eu não me engano uma pessoa que é otimista ela precisa às vezes ser negativa. Porque o fato de você ser negativo você traz pra realidade dados que a gente não consegue falar, ou aceitar. Então sendo muito sincero, sendo negativo e talvez sendo otimista. Eu não consigo ver melhora, eu não consigo ver melhora de lado nenhum, assim. Eu acho que a dimensão da violência, ela vai ser uma dimensão que vai sempre existir. Mas eu fico pensando muito quais são os trabalhos de base que podem ser feitos assim pras novas juventudes, sobretudo juventudes pretas que vem chegando aí, né? Talvez pensar em estratégias que possam ser colocadas pra vida delas. Essas próximas pessoas que estão chegando no mundo ou na maior idade, eu não sei, não sei, acho que não tem uma resolução, eu acho que talvez possam ter redução de danos nesse sentido. Talvez pensar sei lá, tô viajando aqui, mas talvez pensar em ter propostas, em produção de vida, sabe? Desde a base dessa criança, dar maneiras também de ela poder pensar sobre isso, sobre como que a violência afeta ela já na infância, sabe? Não sei, pode ser uma coisa muito utópica da minha cabeça assim como pensar que a violência que pode ser extinguida, né? Mas acho que pensar de forma bem abrangente, como que a gente também tem lidado com as nossas crianças. Como que a gente tem dado oportunidade de vida pra elas, sabe? De estratégia de vida, de produção de vida para elas. Então eu não sei, eu acho que não sei nem se é um encaminhamento, se é uma pergunta, se é uma resposta, mas pra mim chega num lugar muito de vários caminhos assim, mas extinguir a violência eu acho que é uma demanda muito impossível. Muito não, ela é impossível na verdade.

Entrevistador: Você acha que faltou falar alguma coisa? Algum registro sobre alguma situação de violência próxima que teve ou sei lá, talvez algum modo como a violência te

afete e que as perguntas anteriores não te provocaram a falar?

C: Cara, acho que a princípio não. Acho que talvez eu possa discorrer só um pouquinho melhor de uma situação que aconteceu recentemente comigo porque eu acho que enfim tá recente, né? Semana passada quase... então acho que eu posso falar porque é uma situação que eu consigo nesse momento discernir melhor e falar sobre. Eu fui encontrar com um colega meu, um conhecido na verdade e ele mora num lugar muito específico enfim já fui visitar ele outras vezes e tal, não tive problema pra entrar, mas dessa vez aconteceu e eu tive problema para entrar, enfim no território onde ele mora e aí pra mim nesse processo foi revistado de certa forma e aí uma frase ficou muito latente nesse processo que foi a seguinte frase: “O que a gente faz com ele agora?” Essa frase pra mim ela me tocou de muitas maneiras, muitas maneiras porque depois dessa situação que aconteceu ao retornar a minha casa eu fiquei pensando né? Que a liberdade ela é também uma utopia. Porque acho que violência e liberdade são palavras que podem estar no mesmo contexto, né? Talvez antagônicos, mas elas estão na mesma linha de raciocínio em alguns momentos e aí é esse fato. Essa frase ela foi usada num contexto específico. ‘O que a gente faz com ele’, mas ela pode ser usada em qualquer contexto de violência específica porque a violência ela pressupõe que alguém tenha a ação de fazer e alguém que tenha a ação de receber, aí nesse momento eu consigo ver a violência também como poder. Um poder de decidir sobre as coisas, de mudar o curso das ações também. E sendo muito sincero quando eu escutei essa frase eu pude cair na real de que é isso a minha vida ela não é só minha né? A minha vida é do mundo e o mundo também às vezes decide o que quer fazer de maneira errada, o curso das ações talvez. Acho que é isso.

Entrevistador: Entendi. Como você está hoje, já aconteceu só há uma semana?

C: Cara, confesso assim que eu em casa eu tô tranquilo, eu consigo fazer minhas atividades normais, eu não estou cristalizado pelo medo, assim. Mas é uma coisa que ainda está pensante, ainda está pulsante inclusive no meu corpo acho que me deixou em mais estado de alerta. Me parece que é isso assim tipo, me deu uma ânsia muito grande de remodelar a minha vida assim, sabe? Tipo cara, ao mesmo tempo que me provocou o medo e que tem me provocado uma atenção redobrada, né? Enfim, me acendeu um tipo assim: ‘cara, o que você tem feito da sua vida assim’, sabe? De fato, se acontece alguma coisa o que você fez o que você deixou de fazer. Então isso pra mim ao mesmo tempo que me provocou novos

medos, me abriu novos horizontes, pensar a minha relação com o mundo assim, enfim.

Entrevistador: Entendi. E como é estar mais alerta do que você normalmente está?

C: Cara, acho que estar mais alerta, é chato, né? Porque o espaço também é sobre confiança, né? Tipo, estar mais alerta é você não está confiando e o fato de você não estar confiante vai te travando. Então, por exemplo, hoje eu consigo me movimentar pela cidade, tranquilo, mas acho que até eu dissolver essa situação por completo, talvez eu não dissolva a minha relação com as pessoas, pode de uma maneira passar por isso da desconfiança, sabe? É isso. Eu acho que está mais alerta, está me deixando mais desconfiado em algumas coisas.

Entrevistador: Entendi. Você vê alguma mudança tipo prática que você poderia citar pra mim?

C: Em relação ao quê?

Entrevistador: A esse estado de estar mais alerta te deixando mais desconfiado, menos seguro?

C: Então, eu pensei muito em viajar talvez por um mês assim, mas é isso né? A minha realidade é essa, eu sou uma pessoa preta, pobre. Então isso não é possível. Mas a princípio minha vontade muito assim, acho que talvez me daria uma melhora, um melhora de ânimo ficar fora um pouquinho do Rio, assim para eu poder reorganizar minhas energias de uma outra forma, sabe? Enfim, acho que nesse momento poderia ser uma ótima inclusive.

Entrevistador: Entendi. Como você está saindo dessa entrevista? Você sente alguma diferença em relação ao modo como você entrou?

C: Ah total. Total, acho que o ato de você pensar a gente pode pensar, pensar, pensar e não compartilhar com o mundo, né? E eu acho que o mundo ele não nessa dinâmica global, mas com o mundo ao seu redor. O fato de quando a gente traz alguma coisa em fala. Acredito muito nisso, essa fala ela vai se encorpando a tal ponto de eu conseguir sentir as palavras que eu trouxe aqui. Confesso que saio mais pensativo também. Que eu acho que abriu um campo assim, tipo assim, cara, como poder pensar, inclusive, a minha relação daqui em diante com essas questões que eu trouxe, assim, que eu acho que também o ato de você falar né? Vai te trazendo uma base que tipo cara eu pensei e falei e agora o que eu faço com isso? Eu acho que o campo do pensamento ele pode inclusive se esvaír pelo próprio

pensamento, mas eu acho que eu saio dessa entrevista assim, muito, acho que muito reflexivo com o campo prático disso que eu trouxe, de como eu posso dialogar assim, me relacionar com tudo que eu falei de outros modos também, né?

Entrevistador: Está certo. Obrigado.

C: Meu Deus. É basicamente uma sessão, né?

C: Meu irmão ele tinha quatorze anos quando ele faleceu e aí a minha relação com ele era uma relação inclusive boa né porque eu não conseguia ver uma figura paterna que era o meu pai, porque eu quase não via meu pai, o que não é muito diferente de hoje em dia. Mas a minha relação com meu irmão era que ele estava muito ali, né? Por mim, pela minha mãe, enfim. E aí o que acontece, eu só fui inclusive descobrir alguns motivos do falecimento dele depois que ele faleceu. E depois que minha mãe faleceu há um ano atrás. Que aí eu recebi algumas narrativas da minha tia que me criou, da minha madrinha que conseguiram ter uma outra relação com o meu irmão, diferente da minha. E aí eu lembro que uma das vezes que minha tia falou sobre meu irmão foi ele dando uma arma pra ela, meu irmão só tinha quatorze anos. A gente não morava no morro nem próximo do morro não próximo sim, mas eu falei assim caralho, mas ele só tinha quatorze anos como é que ele ia dar uma arma pra minha tia sabe? Como que ele importou essa arma? Como que ele ganhou essa arma? E aí o que aconteceu, né? Nesse processo, tudo indica que pessoas de facções diferentes estavam atrás do meu irmão ao mesmo tempo a polícia por qual motivo eu não sei, mas e aí nesse processo todo eu senti que ninguém conseguiu ajudar ele, sabe? Nem meu pai, acho que nem minha mãe conseguiu e tudo bem, né? Tipo, mas assim lembrando disso eu hoje e enfim, tendo discernimento de algumas coisas eu consigo ver que ele estava tão atrás de uma violência que ele não tinha ninguém pra poder ajudá-lo só ele mesmo sabe e como que isso é cruel? Porque ele ser procurado por facções diferentes, ao mesmo tempo pela polícia e ninguém saber tipo, fico imaginando assim se isso fosse comigo tipo o que eu iria fazer, sabe? E é isso, descobri enfim que ele faleceu de fato por um ônibus que atropelou ele passou por cima dele, né? Mas ele já tinha falado pra minha tia que ele ia se matar, né? Não dessa maneira, mas e aí fico pensando assim: que ele foi vítima de uma violência, não necessariamente direta, mas talvez indireta e ao mesmo tempo indireta também, mas não diretamente e ficou por isso mesmo, sabe sei lá ,é sei lá é... É isso ele foi basicamente uma

pessoa que se meteu em situações erradas não teve amparo e teve um fim trágico sabe, e é isso.

Entrevistador: Como é que você está?

C: Ai, sei lá. Acho que talvez esse vai ser o maior caso que eu nunca vou superar, assim sabe? Primeiro pela proximidade, enfim, não saber os motivos e por saber que ele não tinha outra saída assim, sabe? Eu acho que isso é uma violência que atingiu ele, mas que atinge também proporcionalmente a mim sabe? Mas era isso né, eu não podia fazer nada por ele, só tinha cinco anos é isso, né? Uma violência que atinge diretamente a mim também em alguns momentos que isso promoveu como que eu passasse metade da minha vida na idade que eu tenho hoje enfim, tomando eu acho que era neuleptil, era uns remédios de tarja preta assim, sabe? E o como que isso pra mim de certa maneira provocou, sabe? Muitas coisas. O fato de eu por exemplo, ter uma baixa autoestima porque eu ficava muito letárgico, era um remédio que me deixava muito letárgico. E mesmo assim eu tinha que ir pra aula, sabe? Fazer outras coisas, então durante esses anos eu fui conhecido por muitas vezes como uma pessoa que não sabia responder as coisas, por isso era uma pessoa burra sabe? E isso pra mim me provocou diversas questões de autoestima, de poder ter segurança, sabe? Nas coisas que eu digo, nas coisas que eu faço. Por mais que eu saiba que são comentários pertinentes que não são mentirosos, parece que é tipo assim que eu ganhei uma corrida, mas eu não consigo comemorar, sabe? Eu acho que é essa analogia que eu tenho pra fazer, que eu fui mais rápido, né? Fui mais inteligente, fui mais esperto, passei a linha de chegada, mas não tem como comemorar, as pessoas falam que eu fui bom, mas eu não tenho esse ‘Uhuuu é isso mesmo eu sou inteligente’, é tipo não sabe? A ótimo o que tem que fazer eu faço e acabou sabe? E eu não sei até que ponto isso é uma coisa fútil ou não, mas eu fico pensando que talvez se eu não tivesse a relação que eu tenho com essa baixa autoestima como eu tenho hoje, né? Se fosse diferente, provavelmente teriam sido totalmente outras coisas diferentes. O fato de eu poder ter mais segurança de coisas que eu faço de poder experimentar, sabe? No meu próprio corpo, essa sensação de ser uma pessoa diferente sabe? Eu não sei, eu acho que pra mim isso eu não consigo sentir assim, sabe? Parece que eu sempre preciso fazer mais e mais e mais e mais e mais pra que eu possa me satisfazer com o resultado que talvez eu nunca alcance, sabe?

Entrevistador: Entendi, isso também é uma violência.

Entrevistador: Eu acho que a gente encerrou mesmo. Como é que você está saindo dessa entrevista agora.

C: Leve eu não estou saindo. Esse negócio de ‘ah que entrei pesado sai leve’, eu acho que eu saio reflexivo, saio um pouco preocupado. Acho que é isso. Acho que saio um pouco flexível e um pouco preocupado assim, porque é isso né? É uma sensação muito de fato de impotência, sabe? De você não ter, no caso eu, né, certeza do que pode acontecer daqui pra frente, mesmo por exemplo sendo de acordo com o que eu acredito ou não assim, sabe? Na vida, entende? Eu acho que é isso assim, acho que poder falar sobre violência é também puxar pra realidade de que de fato, né? Assim como a violência ela não pode ser cem por cento extinguida, a liberdade ela também não pode ser cem por cento alcançada e aí eu acho que pra mim fica isso assim, eu acho que eu estava numa ...Eu escutei uma vez foi a segunda vez que eu fui de encontro ao meu pai de santo e ele falou uma frase que eu nunca vou esquecer pra mim assim, que na verdade não foi ele né? Ele que fez a interlocução que daquele momento em diante o véu já tinha sido arrancado do meu rosto’. E é isso né? Um véu arrancado quer dizer que a gente consegue ver as coisas sem algo na frente, né? Pra poder talvez às vezes embaralhar nosso senso de realidade. Então eu acho que é isso eu saio menos fantasioso assim, sabe? Também né? Enfim.

Entrevistador: Terminou para você?

C: De boa.

Entrevistador: Então está certo.